
filha da louca
MARIA FRANCISCA GAMA
SUMA de Letras

MARIA FRANCISCA GAMA

FILHA DA LOUCA

SUMA de letras



Edição em formato digital: maio de 2025

FILHA DA LOUCA
© 2025, Maria Francisca Gama
Todos os direitos reservados

© desta edição:
2025, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

A Penguin Random House valoriza e defende a proteção da propriedade intelectual. Os direitos de autor promovem a criatividade e a liberdade de expressão. Ao adquirir uma edição autorizada deste livro — não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo nenhuma parte dele sem autorização —, está a respeitar a lei dos direitos de autor, a apoiar os escritores e a contribuir para que a Penguin Random House continue a publicar livros para todos os leitores. De acordo com o Decreto-Lei n.º 47/2023, de 19 de junho, a Penguin Random House reserva-se expressamente o direito de reprodução, uso ou leitura mecânica deste livro, para finalidades de prospeção textual ou de dados analíticos. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer processo, com o propósito de treinar tecnologias ou sistemas de inteligência artificial. Em caso de necessidade, para temas relacionados com a segurança dos produtos, escreva-nos para: rgsp.pt@penguinrandomhouse.com

Edição: Diana Garrido
Coordenação editorial: João Santos
Revisão: Catarina Fernandes | Lugar Incomum
Capa: Sara Costa e Helena Soares

ISBN: 978-989-589-042-2

Composição digital: M. I. Maquetación S.L.

Site: penguinlivros.pt
Bluesky: @penguinlivros.bsky.social
Facebook: topseller.suma

Instagram: topseller.suma

Índice

Filha da Louca

Créditos

Prólogo

Parte 1

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11

Parte 2

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Parte 3

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Nota de autora

Contactos de apoio

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre a autora

Marcas

Capa

Início

Índice

Vai ser sempre para o Miguel,
o amor da minha vida,
e, daqui em diante, também para a Amália,
a flor mais bonita do jardim que regamos todos os dias.

«Ultimamente acordo a levar na cabeça e adormeço a levar nos cornos
Nem sei se existe alguém que mereça metade daquilo que nós fomos
E ainda somos o paraíso de onde floresceram todos os meus sonhos
Aqui também chove, pisámos o risco virámos pra onde?»
Ultimamente, SLOW J

Prólogo

Achei que tinha gravado a minha infância em granito e que, por isso, resistiria ao tempo, à chuva, ao vento, à erosão e à tentação de, mais tarde, a embelezar ou deteriorar, fazendo uso da imaginação. Tenho dado conta de que esteve sempre em papel, e que é frágil e rasurável. Ainda há uns dias, entornei-lhe um copo de água em cima e, agora, só a vejo distorcida, incompleta, confusa. Para poder continuar, sabendo quem sou e para onde devo ir, tenho de preencher os espaços em branco, colmatar as falhas de memória, procurar lembranças e apetrechá-las de ilusões, hipóteses a que consiga atribuir valor de certeza, se acreditar com muita força. Vou acreditando, preciso de ter raízes para um dia sonhar ter flores.

Vejo a minha infância mais feliz do que terá sido, menos dramática do que precisaria que tivesse sido para me justificar hoje, e desenho-a linear, uma reta que começa estável lá em cima, naquele dia, as lágrimas de euforia, a comoção — é assim que o imagino, desse dia não poderia ter memória —, mas, daí em diante, vai descendo e estabiliza num lugar aparentemente calmo, aquele que me viu crescer.

Lá fora, vê-se um jardim arranjado, há roseiras de todas as cores, o chão é cinzento e tem pequenas pedrinhas noutros tons, agora perdidos nas manchas de figos pisados, esquecidos e espezinhados, deixados para apanhar antes que caiam. O lugar de estacionamento da carrinha do meu pai está vazio: lembro-me dessa parte da minha infância, de ansiar que ele regressasse, de temer que aquela sequência sonora se perdesse por entre todos os outros sons, do ruído da cidade não tão distante assim.

Primeiro, uma nota metálica, única, característica. Depois, o silêncio, oposto aos últimos minutos de sibilo constante. A água já estava fervida, a chaleira elétrica desligava-se sozinha e era assim que eu sabia que o meu pai ainda não tinha bebido café, mas que, em breve, sairia, e só à noite poderia confirmar o seu retorno. Aí, o barulho do motor de um carro a

aproximar-se, um chiar estridente do travão a precisar de novas pastilhas, o bater da porta do carro e, segundos depois, da porta de casa.

Durante o dia, ficávamos só as duas. Ouviam-se risos, mas também alguns berros, e, de vez em quando, encontravam-me escondida debaixo da mesa, ou magoada nos joelhos, por ter saltado do topo da escada para o rés do chão, encorajada pela minha mãe, que me dizia saber que eu era capaz de voar. No entanto, na maior parte dos dias, espreitavam pela janela e estávamos só ali, as duas, no nosso mundo. Havia canetas de feltro espalhadas, a música estava muito alta ou, então, a casa estava mergulhada num silêncio profundo, semelhante ao vazio de almas, e tudo parece estar bem, ser normal.

Vejo-nos a cozinhar, e a mim, pequena, a tentar subir a um banco para alcançar a bancada de mármore e descascar ervilhas. Adorava aquele exercício: retirar as bolinhas de uma espécie de capa protetora, verde e comprida, e atirá-las para um alguidar para, mais tarde, a minha mãe as estufar com ovos escalfados. Também nos vejo no sofá, enroscadas como se fôssemos uma só, absortas na televisão, havia muito sangue, ouviam-se disparos, a minha mãe gostava de policiais.

Se fosse sábado ou domingo, éramos três. Se fosse verão, ajudava o meu pai na horta, mas também podia contar histórias à minha mãe, que permanecia deitada na cama como se não soubesse que o dia já começara. Os estores estavam para baixo, sempre para baixo, e, por isso, até aí, parecia uma noite de inverno.

Dependia dos dias. Essa foi a base da minha infância.

PARTE 1

1

Uns dias depois de o meu pai morrer, desconfiei, pela segunda vez na minha vida, de que talvez fosse invencível, imortal: se sobrevivi, se continuo viva, se escrevo, se não é isto que me mata, talvez eu não seja das que morrem. Este raciocínio não me apaziguou e muito menos me fez sentir especial. De quanta dor terei de ser feita até só ela me restar?

Há qualquer coisa que se parte. A imagem não é tão visual quanto um copo de vidro estilhaçado, assemelha-se mais a um touro atacado que, saído da arena, ainda é calcado e, depois de esventrado, entregue à ciência curiosa. A diferença entre nós é que o touro já está morto quando é aberto, não sente essa invasão, o voyeurismo de quem quer conhecer o tamanho do seu sofrimento, as sequelas que a violência lhe infligiu. Eu, por outro lado, assisto a esse apodrecimento de quem sou, vejo-me no passado, estou carregada de memórias e, estando aqui, continuando aqui, sei que tenho de caminhar, que ainda não é a minha vez, mas custa-me muito ver estrada.

Há qualquer coisa que se desfaz, que se rasga, que mancha. Não é um corte cirúrgico feito com precisão e passível de cicatrizar, é ter o corpo aberto com uma motosserra desgovernada, não saber como tudo começou e não ter onde terminar.

*

No dia em que o meu pai morreu, tive a certeza de que não existia mais ar para eu respirar. Abri a boca, as narinas, enchi o peito o máximo que consegui, e tentei inspirar qualquer coisa, uma réstia de vida, o que sobrava, um pouco que fosse, mas parecia-me impossível expirar de seguida, estando como eu estava, vazia, inócua. Acreditei, nesses minutos de choque, atropelada pelas palavras gentis de quem se esforçava por aligeirar a morte,

em apneia, que nunca mais iria conseguir respirar, órfã, também sem o meu pai… E aí, entre todas as coisas, o contacto inesperado com a morte é cheio de sentimentos e, ao mesmo tempo, um marasmo feito de espasmos, pensei: *foda-se, a culpa é minha, a minha mãe sempre me disse que as plantas nos roubam o oxigénio, e eu enchi a casa delas*.

2

«As plantas não roubam coisa nenhuma», oiço o meu pai explicar-me com paciência. Nunca lhe prestei tanta atenção quanto agora, que posso escolher o que comigo partilha. Dir-me-ia isto ou estarei a manipular a sua voz?

*

O meu pai desapareceu de um dia para o outro. Há vários anos que não pensava na sua morte — neguei-a, rejeitei a ideia, cristalizei a sua presença na minha, como se, sem ele, eu não pudesse existir —, mas, agora que a sei, que está consumada e é irreversível, questiono-me se não teria sido mais justa uma doença prolongada ou um acidente ligeiro que terminaria em morte por uma complicação hospitalar qualquer, não sei, merecíamos termo-nos despedido. Tinha muitas perguntas para lhe fazer, e que, infelizmente, não foram com ele nem perderam sentido: a única coisa que a morte do meu pai me trouxe foi a certeza de que não terei respostas.

Estávamos os dois à mesa, na sala onde dei os meus primeiros passos, quando o vi a agarrar-se ao peito. Foi tudo muito rápido, a mão direita a verificar o seu corpo, parada no lado esquerdo do peito, a expressão assustada, os olhos esbugalhados, a dureza do tronco, como se todo ele tivesse sido atingido por um relâmpago, a descompostura imediata. De um segundo para o outro, passou de estar sentado numa cadeira para deitado no chão. Levou consigo a toalha, a que se agarrou para tentar não cair, e os pratos, e os copos, e o resto do jantar — um bacalhau no forno que nunca mais cozinharei —, e, assim que me levantei e me atirei para junto dele, pronta para o ajudar, na esperança de que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer, ficou o olhar. De pena, de preocupação. Naquele olhar,

estavam as memórias da sua infância, dos irmãos com quem foi perdendo ligação, dos pais de quem também não teve oportunidade de se despedir, dos primeiros beijos dados à minha mãe, das suas gargalhadas, talvez qualquer coisa minha que o impressionara no meu crescimento, que o engrandecera, agora que tínhamos uma relação mais próxima, nunca saberei… Estava a vida dele, aquilo que ficava, o que deixou aos outros, e o desejo de que eu soubesse que, se me conseguisse dizer alguma coisa, naquela fração de segundo em que ainda podia raciocinar, mas em que já não se conseguia expressar, dir-me-ia exatamente aquilo que eu precisava de ouvir. Já não o pôde fazer e, por isso, fiquei com a responsabilidade de o fabular, de o construir em mim. Tentei ouvir baixinho, ainda na sua voz, «vai, continua».

Naquela noite, estávamos à mesa, a jantar sem tema de conversa, o silêncio era uma constante na nossa casa de há uns anos para cá, celebrávamo-lo depois do caos — o silêncio nem sempre é mau, no silêncio, vive a paz e também persiste a guerra, mas nós estávamos a ficar bem —, ninguém estava aborrecido nem extraordinariamente animado. Nada de importante se tinha passado, não havia nenhuma urgência. Há dias em que se têm coisas para dizer; noutros, não. Estávamos em silêncio, mas tínhamos a televisão ligada, era esse o nosso ruído, o que nos permitia estarmos confortáveis, nunca o tínhamos dito — foi uma das coisas sobre as quais nunca falámos —, mas era um entendimento nosso, ocupava um espaço que estava vago, que tinha sido esvaziado à medida que as reminiscências da minha mãe se tornavam mais ténues e que essa constatação me parecia uma traição, dolorosa, difícil de reverter.

Naquela noite, em que eu deixei o bacalhau demasiado tempo no forno e em que quase afoguei o lírio da paz que o meu pai tanto estimava, estrategicamente encostado num canto da bancada da cozinha para apanhar luz solar direta, estávamos a ouvir o noticiário e soubemos que haveria greve dos motoristas de transportes públicos dali a dois dias. Foi aí, antes de a greve se realizar, quando ainda só era um anúncio, que o meu pai, depois de suspirar, conformado, começou a tossir, como se tivesse um corpo estranho na garganta. Ao início, não dei importância, mas, entre esse instante e os minutos que se seguiram, aconteceu, ali mesmo, uma cena de um filme: nublada, confusa, sem efeitos especiais. O meu pai foi erguido por dois estranhos, numa maca desdobrada com perícia, e levado para fora

de nossa casa. As luzes da ambulância enfeitavam as paredes exteriores de onde sempre vivi, e eu tornava-me só, mais ainda, para sempre só.

*

Entre a morte da minha mãe e a do meu pai, passaram sete anos. Estes dois acontecimentos são os melhores e mais rigorosos marcos da minha vida, porque, depois de cada um deles — antes e depois de cada um deles —, eu fui, sou e serei outra. A morte que parte, rasga, desfaz e mancha é a mesma que ergue, inventa e reconstrói.

Viver a morte, aos dezoito anos, de quem nos deu vida é diferente de a viver aos vinte e cinco. Perder uma mãe, como a minha era, com todas as coisas que isso implicava, com a ligação que tínhamos, com o espaço que ocupava em mim, é diferente de perder um pai que se fez notar aquando de uma ausência, que habitou no vazio que a minha mãe deixara, como se, antes disso, não houvesse um canto em mim para ele. Cada um deles teve um papel, mas o do meu pai foi secundário e o da minha mãe foi um papel absorvente, grande, volumoso, que não se deixa agrafar com outros, nem nunca se arredou para que coubessem mais numa pasta de plástico.

No dia em que a minha mãe morreu, tive a certeza de que não conseguiria voltar a caminhar, porque não existia mais chão. Agora que o meu pai também desapareceu para sempre, depois de se ter esforçado, durante sete anos, para que eu levitasse, reconheço a importância que tenho, daqui em diante, na minha sobrevivência. Talvez consiga mesmo voar.

*

Somos jovens, morre-nos uma mãe, no entanto, o período letivo tem de continuar e não há tempo a perder. Somos adultos, morre-nos um pai, mas, passados cinco dias, temos de estar prontos para regressar ao trabalho: chamam-lhe nojo, o período de nojo, e eu não diria melhor.

3

Sou órfã. Antes de mim, já não há nada; depois de mim, também não tenho esperança de que exista coisa alguma. Sem pais, sem avós, sem tios ou primos próximos, a minha existência parece ter brotado à beira da autoestrada, como uma chaga que germina no alcatrão estéril, pequena e isolada.

De agora em diante, sou só eu. Não há ninguém a quem eu importe, nem a quem cause preocupação. Ninguém torce por mim, nem espera qualquer coisa. Não há justificações a dar, nem a pedir. O jantar será sempre o que eu quiser, se quiser jantar. Posso comer uma taça de leite com cereais (o seu conteúdo ou até mesmo a peça de cerâmica) ou um pacote de bolachas ou beber apenas água. Não preciso de aspirar tantas vezes porque o chão vai continuar, ainda assim, imaculado, sem sombra de uma vida no exterior, sem restos de terra ou camadas finas de farinha e fermento, pois não farei um bolo só para mim. Não vai haver berros — como aqueles que a minha mãe às vezes dava —, nem gargalhadas, que também eram, tantas vezes, mais sonoras se suas, nem conversas sussurradas, porque sou só eu… E eu não falo sozinha, não me rio sozinha, não vejo com quem me poderei aborrecer sozinha. Estará tudo em silêncio.

Há que ver as coisas boas: não tenho de cheirar mais vezes o pivete a gasóleo nem de regressar a uma bomba de gasolina. (Só se for mesmo preciso, mas acho que não, não vejo razões para tal.) Nunca conduzi, não tenho carta, só lá ia à boleia do meu pai, sentada na carrinha, com os dedos a tapar o nariz. Ah, e não vou voltar a ir ao cabeleireiro, nem às unhas, nem a lojas de roupa com muitas luzes e cores, sítios que visitava esporadicamente com a minha mãe, nos dias em que ela estava para aí virada. Não mais, nunca mais.

Devia sentir-me mais livre, uma vez desprendida das expetativas dos outros, dona e senhora do meu futuro, mas a orfandade é um lugar assustador, porque és só tu e, apesar disso, é tudo muito apertado, claustrofóbico, como se mingasses num mundo em que todos são gigantes: ninguém te ouve, ninguém te vê, e, se te distraíres, podes acabar esborrachado.

Sem pais, não há antes; sem filhos, não parece haver depois. O que somos, o que eles eram, perde-se em mim, as coisas que me ensinaram, os traços que me emprestaram. Não os devolverei, mas também não os passarei a ninguém. Talvez seja pelo melhor, olhando a tudo.

O tempo vai passar e, um dia, já não saberei o que sou eu e o que são eles em mim, porque, ao perdê-los, perco também essa possibilidade de os olhar e, nesse exercício de comparação, de me compreender. Despida de referências, sem ponto escondido debaixo do palco a quem perguntar a fala esquecida, a orfandade é um estado doloroso de dúvidas, em que a única certeza é que não vai aparecer ninguém que o colmate. Sem pais, sem origens, sem destino.

4

No dia seguinte, a braços com tudo o que é preciso tratar na morte de um pai, liguei para uma agência funerária. Atendeu-me uma senhora, gentil, bem-disposta, despachada, porque a morte é lucrativa e, depois de consumada, não tem tempo para aguardar na fila.

«Funerária Matos e Reis, bom dia. Em que posso ser útil?»

Há vozes que sorriem, e que o fazem com a boca muito aberta, sendo impossível ignorá-las. A simpatia chocou-me, foi uma afronta, mas, para ela, era mais um dia de trabalho, só para mim é que era o dia em que estava a tratar das coisas para enterrar o meu pai. Sentir-me-ia melhor se ela tivesse sido mal-educada?

Descobri, minutos volvidos, que morrer implica custos, e estar morto, bem acomodado, num sítio bonito onde os outros nos possam ir visitar, onde possamos, pelo menos, ter essa esperança, da visita, da lembrança, é um privilégio. Não sabia disso, nem sabia quanto dinheiro tínhamos, nem se chegava para o funeral e para a campa: ainda estava, aí continuo, à procura de um trabalho estável e mais ou menos bem pago, e o meu pai, nos últimos tempos, dizia que a loja já tinha visto dias melhores.

«Até os agricultores se esquecem de nós. Os pequenos negócios têm os dias contados.»

Estava assustada, preocupada com a hipótese de fazer alguma coisa de mal, que prejudicasse tremendamente o meu pai e o seu descanso, não fazia ideia de como as coisas funcionavam, estava a fazer aquilo que os vizinhos me tinham dito ser necessário quando viram, ainda dentro das suas casas, que tínhamos uma ambulância estacionada na rua.

«Agora é ligar para uma agência funerária que eles tratam de tudo», disse-me um.

«Não se esqueça de ver se tem direito a subsídios, deve ter, como a sua mãe também já morreu e ainda é miúda», dizia outro.

«Não lhe estejas a dizer que tem direitos que depois não tem, ela não anda na escola, já é maior de idade, pode já só ficar com a herança, se houver… Ao menos, a casa fica paga!», dizia-me a mulher do último, enquanto se baixava para me agarrar na mão, a mim, que estava apenas parada, sentada no lancil do passeio, a ver uma ambulância a levar o meu pai. Fiquei em silêncio, apática, mas retive que era preciso encontrar uma agência funerária.

«Minha querida, preciso que me arranje um fato para o seu pai», ouvi do outro lado da linha.

«Um fato? Para quê?»

Riu-se e depois pediu desculpa. Eu disse que não fazia mal, que estava confusa. Também pedi desculpa pela minha pergunta, inconveniente e descabida.

«Para ser enterrado, minha querida. Não quer que o seu pai seja enterrado com uma roupa qualquer, pois não?»

Respondi-lhe que não, mas não sabia o porquê. Nunca tinha ido a um funeral — nem sequer ao da minha mãe —, e não queria ver o meu pai num caixão, nem me parecia que alguém o pudesse querer ver assim, morto. E, além disso… que sentido fazia? O meu pai nunca usara fato, não era assim que andava, talvez o único dia em que o tenha envergado tenha sido no dia do casamento com a minha mãe, sim, talvez ele ainda o tivesse… Como é que eu saberia se ainda lhe servia? Não teria o meu pai engordado, emagrecido, mingado ou ficado mais crescido, como eu dizia em pequena? Como se vestiria? Quem o ia vestir? O meu pai não gostava que fizessem as coisas por ele, nem que o ajudassem, lembro-me de lhe oferecer as minhas mãos para a horta e aquilo que tinha aprendido na escola para a loja, esperançosa de que passássemos mais tempo juntos, de que eu pudesse ser-lhe útil, e de o ouvir dizer que, sozinho, conseguia, e que eu alcançaria coisas melhores, mais importantes para fazer. Viveu sempre preocupado com a hipótese de incomodar, eu via a forma como olhava para a minha mãe e para mim, os silêncios, o cuidado em não ser notado, as cedências, o receio de poder ser acusado de estar a estorvar.

«É como se eu não estivesse aqui, não estou aqui, não quero incomodar, a tua mãe é que sabe, é como ela quiser, fica ao pé da tua mãe, não te

preocupes que eu estou aqui, mesmo que não me vejas, tomo conta de ti ao longe, a tua mãe está sempre contigo, o pai, também, mas nem sempre está tão perto como a mãe está», expressões como estas, frases repetidas, a sensação de o meu pai viver numa casa que não era dele.

Em retrospetiva, o meu pai andou a vida toda — pelo menos, aquela da qual fiz parte — de bicos de pés, de meias ou descalço, mudo, transparente. As coisas nunca foram como ele queria, ou talvez possam ter sido por coincidência, num dia em que a sorte estava do seu lado. Nunca lhe ouvi um pedido, uma reclamação, uma exigência. Para ele, era como a minha mãe quisesse — e ela pedia, reclamava, exigia —, da forma que melhor lhe parecesse, que menos a incomodasse. O meu pai não a queria desvairar, era esse o medo dele: que a minha mãe ficasse desvairada.

«Então, consegue vir cá entregar a roupinha do seu pai hoje?»

*

Assinto, desligo a chamada e levanto-me do sofá onde estive nas últimas horas, atónita, numa dança solitária entre estar introspetiva, recolhida em mim, e ver-me de fora, como se nada disto me tocasse. O meu pai morreu, nunca mais o vou ver, sem ele, não sou nada, estou sozinha para sempre. O pai daquela rapariga ali deitada no sofá morreu, coitada, vejo-a ao longe, deve ser difícil, não imagino o tamanho da sua dor, graças a Deus que tenho pai, que bom que ele regressa a casa ao fim do dia, todos os dias, é saudável, está cá para as curvas, sinto muito pela dor daquela ali.

Entro no quarto do meu pai, que antes era o quarto da minha mãe. Sempre o apelidei assim, o quarto da minha mãe, ainda que o meu pai ali tivesse as suas coisas e, na cama, coubessem dois.

Tudo está como dantes, arrumado, insuspeito: a cama está feita, os estores estão para baixo, a luz do candeeiro de leitura está apagada. Sei que tenho uma missão, que não estou ali por estar pronta para arrumar as coisas dele, para as doar ou vender (como me aconselhou também, no dia anterior, uma vizinha despachada e insensível), e muito menos por o querer recordar, por precisar de encontrar o seu cheiro, as suas roupas, o que seja. Não é isso, ainda é tudo muito recente, lembro-me dele como se fosse ontem, porque, ontem, jantámos e ouvimos que, dentro de dois dias, não valia a pena tentar apanhar o autocarro.

«A que horas precisas que te leve ao trabalho? Não vais chegar atrasada e, com os transportes, nestes dias, já se sabe que não se pode contar.»

Estou ali porque a dignidade do meu pai, do seu fim, está nas minhas mãos. A senhora da agência funerária explicou-me que todos os mortos são enterrados compostos, bonitos, aperfeiçoados. Quer tenham sido engenheiros, doutores, artistas, pedreiros ou varredores de rua, Deus recebe-os melhor engravatados.

*

O meu pai tinha uma loja de produtos agrícolas. Vendia plantas, pesticidas, sementes, pequenas alfaces, adubos. Saía de casa todos os dias cedo para a abrir, não tinha folgas, não aproveitava os fins de semana para descansar, não celebrava os feriados. Na maior parte das manhãs, via-o apenas de rajada, encontrava-o de pé, junto à janela da cozinha, a olhar lá para fora, com um café a fumegar nas mãos. (Às vezes, assemelhava-se mesmo a uma rajada de vento, era invisível, sentia-o presente pelo cheiro a fertilizantes ou a café acabado de ferver; noutras, era o som do motor do carro a aquecer ou a visão do espelho da casa de banho embaciado.) Chegava muitas vezes já a noite tinha cerrado, com a camisa de flanela que usava no inverno ou a camisola de manga curta no verão, sujas com restos de terra ou riscadas de caneta, porque as tinha espalhadas em cima do balcão da loja, sem tampas, e era com elas que fazia todas as contas. Recusava-se a usar calculadora para chegar ao troco ou para dizer quanto lhe deviam: era uma das modernices a que não sucumbia, talvez também porque, na espera pela resolução dos problemas matemáticos, o meu pai conversava com os clientes, ouvia-lhes os dilemas e afastava-se dos seus.

Recordo-me de mais coisas do meu pai e dos motivos pelos quais não usava fato nem gravata. Andava muito de carrinha, fazia entregas das coisas mais pesadas que vendia, como sacos de batatas ou de dez quilos de fertilizante para frutíferas, embalagens com pesticidas e remédios para matar os bichos das árvores de fruta. Percorria muitos quilómetros ao volante, outros tantos entre cargas e descargas, da loja para a carrinha e da carrinha para as quintas de quem lhe solicitava os produtos. Apesar dos anos que já tinham passado por ele, e de sempre ter tido aquela loja, parecia

renovar o seu encantamento pelo trabalho, pelas pessoas que o visitavam, por aqueles que se tornavam clientes.

«E a sua filha, como é que vão os estudos?»

«Em março, plantou aqueles morangueiros trepadores, não foi? Pelas minhas contas, a sua mulher já consegue fazer uma salada de fruta para o mês que vem.»

«Dona Rosa, é como lhe digo: isso são piolhos… E mais vale estarem no limoeiro do que na cabeça dos seus netos, que para isso não tenho nada para lhe vender.»

E, também por isso, com o intuito de fidelizar a clientela, fazia fiado: dizia-lhes sempre que podiam pagar depois, e deixava-os espantados quando, ao agradecerem esse adiamento, não o viam a apontar em lado nenhum o valor em causa.

«Depois não se vai esquecer de quanto lhe devo?», perguntavam sempre.

O meu pai dizia que não, que tinha tudo guardado na cabeça, nome do cliente, nome do produto, quantidade, preço, e que, antes disso, confiava em cada um deles e sabia que voltariam para pagar assim que as árvores dessem fruta, ou fosse tempo de os agricultores venderem as colheitas nos mercados municipais ao sábado de manhã. (Na verdade, assim que os clientes saíam, o meu pai apontava tudo num caderninho. Fazia-o longe de quem não tinha como pagar logo porque sabia que, assim, não os melindraria. A honra de um cliente é importante; a bondade para com um amigo é uma forma de amor.)

*

O meu pai tinha as mãos calejadas, sempre com bolhas, enrijecidas, como se elas próprias se tivessem tornado gadanhos de cinco dentes: eram instrumentos de trabalho da terra, cada vez menos humanas, cada vez menos parecidas às minhas mãos. Lembro-me de ouvir a minha mãe dizer-lhe que tinha de pôr creme, que não podia descurar a saúde. O meu pai ria-se e esticava-as na direção da minha mãe, como um recluso que se apresenta para ser algemado perante um guarda prisional, e, aí, ela massajava-lhe as mãos, enchia-as de creme e espalhava-o bem, tanto tempo quanto ele permitia, num momento raro de cuidado em que a cuidadora era

ela. Tenho algumas imagens assim, bonitas como esta: esses eram os dias bons.

*

Estou dentro do quarto do meu pai e perco-me nas memórias que tenho, interrogo-me porque não tenho mais, porque são todas tão recentes, porque não me consigo imaginar pequena ao seu lado, porque me parece que toda a minha infância e adolescência foram passadas com a minha mãe quando ele sempre esteve aqui, nesta casa… Mas tenho uma missão, há um propósito para eu estar neste quarto.

5

Abro o armário encastrado, alto, de madeira, onde o meu pai guarda a sua roupa. Está desarrumado, os cabides estão cada um para o seu lado, também eles parecem aborrecidos, uns cansados, quase estragados, a vergarem com o peso da roupa, outros despidos, às tantas incompletos como eu me sinto, e não há fato à vista. Vou buscar uma cadeira, tenho esperança de que o tal fato esteja guardado algures, no meio das coisas que ele nunca usava. Vejo, agora mais alta, uma caixa enorme, de plástico, branca, opaca, e parece-me que, no seu fundo, azul, bem dobradinho, feito quase em exclusivo de poliéster, está aquilo de que estou à procura.

Tento abrir a caixa, mas não consigo, o armário não tem altura, entre a caixa e a tampa levantada, não cabe o meu braço. Retiro-a e, numa tentativa de me manter hirta com tanto peso nos braços, desequilibro-me e caímos no chão.

Bato com a cabeça num dos ferros da cama e a cadeira para onde subi acaba em cima de mim, com as pernas para o ar. Sinto alguma dor, mas não é por isso que choro com esta sofreguidão toda. O sofrimento é mais fácil de exteriorizar quando há uma queda aparatosa e barulhenta.

Respiro fundo. Quero que seja indolor. O choque constrói dormência, mas a passagem do tempo desfaz-nos e devolve-nos lucidez, que vem com a tristeza, que, por sua vez, nos faz sentir tudo, demasiado. Abro a caixa, sinto qualquer coisa estranha, mas associo este mau pressentimento ao pudor que tenho de mexer nas coisas dos outros. Lembro-me daquela tarde, quando era pequena, em que abri uma caixinha da minha mãe. Mais do que aquilo que vi — e que, na altura, não percebi o que era, que importância teria —, ficou a imagem do seu rosto, o horror, o embaraço avermelhado, a rigidez dos seus maxilares enquanto me ordenava que a voltasse a pôr no lugar.

«Não mexas nas minhas coisas!», gritou.

Um empurrão seco, desesperado. A sensação de não ter onde me agarrar, a diferença de força entre nós, a certeza de não estar em segurança, a surpresa que isso acarretava.

Larguei de imediato a caixa, deixei-a cair no chão, as coisas todas que lá estavam, um caderninho pequeno rabiscado, umas cartas, um colar, muitos comprimidos, tudo espalhado.

Recordo a expressão horrorizada da minha mãe, não sei se por me ver no chão, pronta a chorar, se por constatar que todo o conteúdo que ela tanto protegia, que parecia ser, até, mais querido do que eu, estava ali, à mercê de quem o quisesse ver.

«Estás bem?», gritou, muito perto de mim, enquanto me apertava, assustada.

Fiz que sim com a cabeça.

«Nunca mais mexas nas minhas coisas!», ordenou, ainda muito alto, ajoelhada no chão, agora a apanhar aquilo que pareceu que eu tinha destruído irreparavelmente.

«Foi sem querer», sussurro. «Eu não quero», sussurro, «mas tem de ser, pai, tens de estar de fato».

(Nestas andanças, prestes a abrir a caixa e a mergulhar no seu conteúdo, há uma coisa que me apazigua, apesar de toda a tristeza que também me oferece: ainda bem que a minha mãe não está aqui. Ela jamais suportaria perder o meu pai.)

6

Estou sentada no chão, encostada a uma das pernas de ferro da cama. Só tenho de encontrar o fato e, depois, só tenho de cumprir várias pequenas tarefas (assim é mais fácil, passo a passo, é uma lista como as que eu fazia em pequena com as coisas que a minha mãe gostava que eu dissesse e fizesse; é só cumprir a lista, pôr certinhos, e ela é feliz): tenho de pôr o fato num saco, de apanhar o autocarro até à agência funerária, de o entregar e de pedir também uma declaração de óbito para enviar para o meu trabalho. A seguir, ou talvez antes, não sei se há uma ordem para estas coisas da morte, tenho de ligar aos amigos e à família do meu pai — quatro irmãos, seis sobrinhos, dois primos com quem brincava na infância —, porque podem querer despedir-se dele, ou dizer que lamentam. Ainda não sabem da tragédia, e eu ainda não sei como é que lhes vou dar a notícia. Não somos próximos nas alegrias, desconheço-lhes as tristezas, pouco convivi com qualquer um deles, e aparecer neste cenário, sem estar certa de que se recordem de mim…

«Olá, sim, sou a filha do Tó, pronto, ele morreu, sim, sim, foi do nada, não, não, não estava doente, e é amanhã, sim, se quiserem ir, percebo se não conseguirem, não sei se costumavam, ah, sim, foram perdendo o contacto com ele, pois, a minha mãe também, ah, você sabe, então, adeus ou até amanhã.»

Também devia regar as plantas e podar a laranjeira antes que o vizinho se aborreça com a queda desenfreada de fruta no seu terraço, diz logo «cheira a podre, o meu cão escarafuncha as laranjas e caga-me tudo», e verificar se os estores da cozinha estão para baixo, mas que não fica tudo numa completa escuridão, tem de haver sempre um bocadinho de luz, «a tua mãe não gostava, mas temos de tentar mudar as coisas que não estavam tão bem». Tenho de fazer tantas coisas, porém apenas consigo pensar em todas

aquelas que já não farei porque o meu pai morreu. É essa a consequência do seu desaparecimento, a falta que me fará em determinadas tarefas, para manter alguns hábitos de que gosto muito, sem os quais terei de recomeçar outra vez, tal qual quando me vi sem a minha mãe.

E são perguntas e perguntas para as quais não encontro resposta. Como vamos escolher um filme para vermos juntos domingo à tarde, se não estás aqui? Como vou adivinhar qual a altura certa para semear as batatas, para colher as beterrabas, para esconder com plástico as roseiras, se foste tu quem estudou o ciclo da Natureza? Quem se vai sentar comigo à mesa e aviar a sua quota-parte, se eu faço sempre comida para dois? Quem me vai chamar para a rua, para eu sair daqui, para ver o dia a ser noite ou a madrugada a clarear?

Se já não estás aqui, em quem vou poisar uma manta nas pernas, delicadamente, em silêncio, para que pernoite quentinho no sofá, mesmo que agora já pudesse dormir numa cama? Como vou arriscar, fazer coisas novas, sonhar sequer, quando sei que, se alguma coisa correr mal, tu não vais chegar a casa num instante, disposto a consolar-me, ainda que eu não diga o que sinto e tu não me peças que o partilhe? Como é a vida sem ouvir o barulho do motor da tua carrinha a desligar-se, ou sem sentir o cheiro a salsa fresca, acabada de colher?

Agora, ainda parece que estás aqui, que podias estar aqui. As coisas permanecem nos sítios onde as deixaste, as tuas botas ainda estão à entrada, e a terra, apesar de já não estar fresca — o que reduz o odor —, está no ponto perfeito para ser retirada das solas com as unhas. Também era por isso que tinhas, tantas vezes, as unhas sujas… E que não usavas fato nem gravata.

Agora, ainda parece que estás aqui, que podias estar aqui. Pai, de que cor é o medo? Tem cheiro? Como o identifico e o distingo da tristeza? O que mais paralisa? Para onde avanço?

7

Abro a caixa. Lá dentro, há de tudo um pouco: fotografias da infância, o meu pai com os irmãos e os meus avós; um saquinho com alguns dentes (afinal, era ele quem os guardava); vários documentos dentro de micas de plástico transparentes, a escritura da nossa casa, comprovativos de titularidade de contas, folhas rabiscadas com encomendas e contactos de fornecedores; envelopes soltos, alguns com meia dúzia de escudos, outros com cartas longas escritas à mão (todas redigidas pela minha avó e endereçadas ao meu pai, durante o ano e pouco em que ele esteve na tropa).

Logo a seguir, um álbum pequenino, com a capa e a contracapa castanhas com algumas flores em cor-de-rosa. Reparo nele por me parecer o tipo de coisa que a minha mãe compraria, talvez tenha sido um dos objetos que o meu pai guardou dela, que escondeu de mim, não por maldade, mas para eu não sofrer, para, imagino, ele ter alguma coisa só dele, que só o permitisse a ele recordar-se dela. Sei que estou com pressa, que tenho a vida toda para, caso queira, o ver e rever, mas não consigo evitar abri-lo. São só doze fotografias.

Na primeira página, vejo a minha mãe quando devia ter mais ou menos a minha idade. Está a sorrir para a câmara, tem uma blusa amarela vestida e, pelas cerejeiras atrás, posso afirmar ser primavera. Parece feliz, muito feliz, e o meu pai também, que se juntou na imagem seguinte, estão os dois encostados, rosto com rosto — a fotografia foi tirada em *selfie*, ainda antes do anglicismo se popularizar —, e a proximidade deles causa-me uma dor terrível, que me deixa de novo chorosa. Não me lembro de os ver assim, tão em paz, tão próximos.

Na folha seguinte, quatro fotografias: outra vez a minha mãe, desta feita, sentada numa cadeira de madeira, numa casa que não é a nossa, a pintar um quadro poisado num cavalete (tem um vestido vermelho com bolinhas

brancas, os lábios muito brilhantes e o desenho parece ser a representação de um prado verdejante, com algumas vacas a pastarem ao longe); o meu pai, de galochas verdes, agachado numa horta maior do que aquela que conheci, rodeado de pequenas alfaces e rabanetes, a sorrir, com o braço direito a apontar para umas abóboras enormes; os dois, ainda jovens e alegres, num jardim, a comer um gelado; mais uma vez, a minha mãe, muito pintada, com o rosto aberto e feliz, a meio de uma frase ou de um grito entusiasta.

O resto do álbum são fotografias do dia do casamento. Os meus pais e mais seis pessoas (identifico um dos irmãos do meu pai; quanto ao resto dos convidados, posso dizer nunca os ter visto). Quem serão? E porque desapareceram?

(Não sei quantas pessoas se tem ao longo da vida. No outro dia, ouvi uma colega de trabalho a dizer que teria, pelo menos, setenta convidados no seu casamento, só pensando no seu lado da família e nos amigos mais chegados. Nas fotografias do casamento dos meus pais, estão seis pessoas. Cinco delas não conheço, a sexta é o meu tio que, segundo a minha mãe, «não era boa rés».)

*

Deixo o álbum de lado, ao pé de todas as outras coisas que, entretanto, fui retirando. No fundo da caixa, impecavelmente dobrado, o fato. A razão de toda a busca, o motivo por que a posso dar por terminada.

Está aqui, respiro fundo, aliviada.

Tiro-o com cuidado, desdobro-o, abano-o como se isso bastasse para limpar o pó de todos os anos em que não foi utilizado e poiso-o na cama, esticado, pronto a ser envergado por quem já cá não está.

O armário continua aberto. A confusão em que o chão ficou, depois deste regresso ao passado, não vai ser resolvida agora. O casaco castanho que o meu pai mais usava salta-me à vista. Assola-me à memória uma sucessão de gestos que, para mim, confirmavam a sua chegada a casa: o abrir da porta com cuidado, quase como se receasse ser ouvido (mesmo depois destes anos em que éramos só nós os dois e ele sabia como eu celebrava o seu retorno, sem euforia nem histerismo, só a paz de o saber ali), descalçar uma bota e, depois, a outra, e, a seguir, três passos à frente, exatamente diante da

mesinha da entrada, tirava a boina, deixava-a ali, assim como ao casaco — este, sempre este —, pendurado num prego deixado à vista com aquele propósito.

Arranco-o do cabide, horas depois de o ter pendurado, convicta de que a sua estada à porta, como se nada se tivesse alterado, era uma imagem por demais dolorosa. No entanto, lá fora, está frio, e usar qualquer coisa do meu pai parece-me ser uma forma de o ter comigo, de me sentir menos abandonada. Visto-o, agarro no fato, que, entretanto, dobrei e enfiei num saco de plástico, e saio do quarto.

Já no corredor, num ato automático de verificar se tenho a chave de casa — certa de que não terei, daqui em diante, quem me abra a porta se a deixar do lado errado —, remexo nos bolsos do casaco e tateio uma fatura (deve ser isso, um recibo de uma ida à bomba de gasolina, *depois*, *meto no lixo*). Tiro-a, pronta para fazer o que o meu pai teria feito se se tivesse lembrado, mas olho para aquele pedaço de papel, ainda dobrado, e receio que possa ser uma coisa importante para ele (ainda não assimilei que não regressará, imagino-o a perguntar-me pelo casaco e pelas coisas que tinha nos bolsos, fazem-lhe falta; também o oiço a dizer-me que tem dinheiro para eu ir comprar um para mim, de menina e do meu tamanho, «és bonita, filha, usa coisas para a tua idade, como as tuas amigas»).

Que amigas?, pensaria, mas não diria, pois não queria ser fonte de preocupação.

Desdobro-o, para esclarecer as dúvidas. É um recibo de um lar. Tem o nome completo da minha mãe e data do mês passado.

8

A minha respiração fica pesada. Na boca, sinto um leve sabor a metal, que se intensifica à medida que os segundos vão passando. Começo a tocar no meu corpo, estou sentada no chão, tento apertar com força o meu pé esquerdo, belisco-me na barriga com o intuito de me acordar. Odeio sonhar, vi num filme que a dor física nos liberta da imaginação, tira-nos destes transes que se assemelham à realidade de forma assustadora.

Porque pagava o meu pai um lar à minha mãe, se ela morreu há sete anos? Os mortos dão despesas mensais? Como vou conseguir suportar o que for preciso pagar por conta da morte dele, mais as coisas da casa, mais a comida e o sistema de rega da horta, e a renda da loja, e os medicamentos, caso adoeça?

É possível que a minha mãe esteja viva? E o funeral? E as lágrimas? E a ausência? O meu coração está a bater muito depressa, os meus ouvidos estão entupidos, estou aqui, continuo aqui, o que acabei de ver? Tenho a certeza de que vou morrer, tal qual o meu pai morreu, tal qual a minha mãe morreu, será fulminante, é o meu fim, é o fim desta família, acabou-se, será que alguém nos vai recordar?

9

Nunca perguntei ao meu pai se queria ser cremado ou enterrado, era uma coisa sobre a qual não fazia sentido conversarmos, receava que pudéssemos chamar a morte, amaldiçoarmo-nos.

Pensava que a minha mãe tinha sido cremada, era essa a ideia com que tinha ficado. Já os meus avós, pais do meu pai, estavam enterrados numa campa conjunta no cemitério da vila onde tinham vivido toda a vida: lembro-me de ficar na carrinha a brincar com qualquer coisa enquanto o meu pai os ia visitar e deixar flores. Tenho apenas memória de tal ter acontecido uma vez, e fora esse o único dia em que estive perto de um cemitério.

Assim, quando a funcionária da funerária me perguntou o que queria fazer, pareci ter sabido desde sempre, apesar de a minha resposta se ter baseado numa reflexão rápida e confusa, assente no seguinte exercício de associação: se a minha mãe foi cremada e os meus avós não, o meu pai deve ir ter com os seus pais. Já viveu muitos anos longe deles.

«Vou enterrar o meu pai. Quero que ele tenha uma cerimónia fúnebre e que o seu corpo fique debaixo da terra, dentro de um caixão de madeira. Posso escolher as flores?»

A senhora respondeu-me que sim e eu apareci com algumas rosas brancas colhidas do jardim que o meu pai mantinha na parte da frente da nossa casa.

*

Hoje de manhã, apanhei um autocarro para enterrar o meu pai. É uma experiência exatamente igual a usar o transporte para ir ao supermercado ou para o trabalho, mas sentimos mais mágoa para com os outros passageiros, como se nos devessem alguma coisa que fingem desconhecer. Apesar de ter

pedido ao senhor da agência funerária que me acompanhava para não deixar, por nada, que o caixão fosse aberto, acabei por mudar de ideias minutos antes de este ser içado para debaixo da terra: precisava de me certificar de que o meu pai estava ali, de que não respirava, de que não havia hipótese de, um dia, abrir a porta de casa e de o encontrar a descalçar as botas da agricultura ou a largar umas moedas na tacinha de cerâmica que eu havia feito na primária. Não que eu quisesse que o meu pai estivesse mesmo morto — quem me dera que ainda aqui estivesse —, mas porque qualquer dúvida, a brecha deixada ao acaso, a mais remota suspeita, o que fosse, destruir-me-ia. Eu não podia deixar de acreditar no fim das coisas.

Vou ficar para sempre com a memória do seu rosto, deitado, sereno como o encontrei tantas manhãs no sofá, dobrado e encolhido por não caber, ainda assim, parecia satisfeito com aquelas condições que não eram metade do que merecia, no entanto, eram as que eu lhe podia dar.

*

No fim, o senhor padre disse que o meu pai estava melhor assim, porque se encontra junto de Deus: eu não quis refutar o discurso — parecia-me muito convicto e irredutível —, mas magoou-me essa ousadia, de falar pelo meu pai e de estar certo do que ele preferiria.

Agora, há um sítio onde o meu pai vai estar sempre. Nos primeiros tempos, será só um monte de terra e uma pequena cruz deixada por uma cliente que lhe tinha muita estima, mas, daqui a um ou dois meses, terá uma campa com o seu nome, a data em que nasceu e a do outro dia, em que morreu.

Apareceram algumas pessoas, todas elas disseram ser amigas de infância, familiares da terra ou clientes habituais. Abraçaram-me e elogiaram-no muito: ao que parece, sempre se dedicou aos outros (não sabia que era um traço da sua personalidade, achei que era só connosco, para nós).

Penso naquilo que o senhor padre disse. Se não tivesse visto o que vi há dois dias, tenderia a concordar com ele: o meu pai estaria melhor agora, morto, porque, se houver Céu e a minha mãe o tiver conseguido furar tal qual uma espécie invasora, o reencontro deles seria bonito, emocionante, um descanso depois de sete anos a caminharem em dimensões diferentes,

na esperança de terminarem no mesmo lugar. Será que queriam estar juntos? Era amor?

A hipótese de a minha mãe estar viva (custa-me pensá-lo, custa-me escrevê-lo) faz com que a morte do meu pai seja ainda mais solitária, desprovida de sentido, injusta.

10

O meu pai morreu e já está enterrado. A minha mãe já havia morrido e eu achava que ela era um conjunto de cinzas lançado num campo de cultivo, um pouco de todas as frutas, plantas e flores que, de há sete anos para cá, nasceram.

Conseguirei viver sem saber a verdade?

11

«Olá…»

Do outro lado, uma voz robotizada, pouco enérgica, zero entusiasta.

«Lar Rainha Dona Filipa, boa tarde.»

«Estou a ligar para um lar?»

«Isso mesmo.»

«Eu queria fazer uma pergunta…»

«Diga.»

«O meu pai morreu e…»

«Lamento.»

«Obrigada.»

«Tinha estado aqui connosco?»

«Não, não, mas pagava, acho eu, a mensalidade de outra pessoa…»

O tom mudou: afinal, tem vida, não estou a falar com um assistente virtual, uma das vitórias da inteligência artificial.

«Ah! Pois, isso é importante, ver quem vai pagar a seguir: às vezes, deixam aqui as pessoas ao abandono, ou até quem gostava delas e vinha cá, visitar e pagar, morre, como me parece que seja o caso, e não há outro familiar que nos contacte, ninguém quer ficar com a batata quente. Dá-nos uma trabalheira e mete a Segurança Social ao barulho, o que já se sabe que não é bom. Como é que se chama o utente?»

(Uma vez, na escola primária, um rapaz da minha turma perguntou-me como se chamava a minha mãe. À data, ingénua, incapaz de reconhecer a maldade por mais que parecesse que me cruzava no corredor de casa com ela todos os dias, respondi-lhe que a minha mãe se chamava Clara Ferreira, e perguntei-lhe o nome da dele. Riu-se baixinho e gritou: «a tua mãe é a Clara Maluqueira!»)

«Ah… Não me diga que o senhor António morreu…»

«Sim».

Do outro lado, um suspiro inconformado.

«Conhecia-o?»

Oiço um esgar pouco pensado, talvez impaciente, de quem se vê perante uma pergunta descabida.

«Claro. Vinha cá todos os dias visitar a senhora Clara.»

A senhora Clara é a minha mãe?

«A minha mãe está aí?»

«É a filha da senhora Clara e do senhor António Ferreira?»

«Sim…»

«A sua mãe está aqui há uma catrefada de anos, sim. Não quer vir cá? Ui, ela vai sentir muito a falta do seu pai, parecendo que não, era uma companhia… Até nós vamos! Umas vezes, trazia-nos laranjas, noutras, nêsperas docinhas, era um homem bom, trabalhador, acredito que tenha sido um pai dedicado.»

(Lá fora, na horta, a laranjeira está carregada e perfuma toda a rua. A um canto, encostado à parede, o escadote a que o meu pai recorria para arrancar as mais altas, porque eram também as mais doces. «Prova, como esta nunca provaste», dizia-me, entusiasmado.)

«Não diga que liguei. A ninguém.»

Outro suspiro. Parecia que já estava à espera de que lhe dissesse aquilo, mas não o posso afirmar com certeza.

«Não digo…»

«Ela está bem?»

«A sua mãe?»

Senti o coração a pesar-me no corpo, como se tivesse ganhado peso e tamanho e me obrigasse a curvar-me para me manter de pé.

«Está no quarto, a pintar. É um talento.»

Não lhe ouvi ironia, mas também não encontrei amor. Não consegui dizer mais nada.

*

A minha mãe está viva.

A minha mãe está viva.

A minha mãe está viva.

A minha mãe está viva.
A minha mãe está viva.
A minha mãe está viva.
A minha mãe está viva.

PARTE 2

12

Demorei muitos anos a perceber que a minha mãe podia não estar bem, não ser, de alguma maneira insólita e custosa de pôr em palavras, boa da cabeça. Na vizinhança, referiam-se a mim como a «coitadinha», no entanto, até certa idade, vivi sem saber que isso era mau: a minha mãe chamava-me «pequenina» e os diminutivos pareciam-me carinhosos, vindos de um lugar de amor.

Numa das primeiras memórias que guardo, estamos as duas sentadas no chão da sala, rodeadas de lápis de cor e de folhas de papel brancas. Estamos a pintar e a fazer desenhos, e, apesar da dificuldade oferecida pelo tapete felpudo que serve de assento e tela, nenhuma de nós equaciona ir para uma mesa: ali, é mais livre, mais como nós.

Tento reproduzir, na perfeição, uma casa, tirada da minha imaginação e da ideia que tenho daquela onde vivo vista de fora: desenho um quadrado e um triângulo por cima, procuro o castanho e o cor-de-rosa (apesar de o exterior da nossa casa ser amarelado), esforço-me por fazer linhas retas, pouco tremidas. Com o azul, pinto o céu e, a cor de laranja, faço alguns passarinhos, porque na minha criação é sempre verão e o chilrear dos trigueirões entra pelas janelas e faz-nos dançar ao seu ritmo. A minha mãe, por sua vez, desenha a preto grandes traços e bolas carregadas e, no fim, risca também os meus desenhos, porque diz que assim ficam mais parecidos à realidade.

Depois de acabarmos, quando lhe peço para emoldurarmos os nossos trabalhos para o pai os poder ver, e sugiro que os colemos ao frigorífico ou às paredes do meu quarto, a minha mãe diz-me que é melhor queimá-los. Agarra nas folhas com força, sem cuidado, e, apesar da minha insistência — suplico, várias vezes, que as guarde, expressando o quanto gostava que o pai as admirasse —, acende um isqueiro, encosta-o à nossa arte e vemo-la

desaparecer no lava-loiças da cozinha. Pede-me que não diga ao meu pai, porque é um segredo nosso, das meninas. Oiço-a dizer que ele não perceberia aquilo que fizemos, que só eu e ela é que compreendemos os nossos desenhos. Digo-lhe que sim, que concordo, que sei que o pai não perceberia (mais por não saber defender o contrário do que por concordar), fascinada com a velocidade do fogo e do papel a desaparecer, e feliz com essa cumplicidade que crio com ela, ao saber que temos uma coisa só nossa. Mais uma coisa só nossa.

Vamos almoçar e, antes da sopa, a minha mãe deixa-me comer dois quadradinhos de chocolate: sussurra «tens tanta sorte», porque as outras crianças só podem comer a sobremesa depois da sopa, e porque, quando é fim de semana e o meu pai nos acompanha, tudo é diferente, mais como — percebi depois — deveria ser. Tenho os dentes manchados de castanho, como se tivesse engolido uma das canetas que usámos para pintar a terra onde sonhámos árvores e flores bonitas, e sorrio, satisfeita, também eu certa de que sou sortuda.

Ainda não tinha seis anos, passava os dias com a minha mãe e tínhamos tantos, tantos, tantos segredos que eu só existia com ela, quando ela estava. (Ser criança é ter a certeza de que, lá fora, é como em nossa casa.)

13

Até começar a aprender a ler e a escrever, a contar até dez e a agarrar na caneta como a minha professora insistia que tinha de ser, não convivi com outras crianças. Os meus dias eram passados em casa, com a minha mãe, entre brincadeiras e desenhos. A minha mãe adorava pintar — pensava, por vezes, que talvez fosse essa a sua profissão, ser pintora —, mas destruía a maior parte das coisas que fazia, assim que as terminava, frustrada com o resultado. Às vezes, saíamos de casa, sobretudo nos dias em que não estava muito frio nem muito calor (a minha mãe temia que o excesso de sol me provocasse uma insolação e que as baixas temperaturas me atirassem para a cama com uma terrível constipação), mas esses momentos não eram mais felizes do que todos os outros, em que estávamos sentadas no tapete da sala, ou aqueles em que eu estava empoleirada no lava-loiça, e em que me entretinha a tapar o ralo com as mãos até encher a pia de água, enquanto esperava que a minha mãe parasse de mexer furiosamente nas gavetas à procura de qualquer coisa ou especada no telemóvel, na esperança de que, daquela forma, o meu pai lhe respondesse mais rápido: éramos sempre as duas, só as duas, mesmo que estivéssemos rodeadas de outros.

«Achas que o pai ainda vem hoje?», perguntava-me, com uma mão enfiada na boca, o vício terrível que a levava a devorar as unhas. Era uma tradição estranha, mas à qual me acabara por habituar: mal terminávamos de almoçar, a minha mãe levantava-se da mesa e ia lá para fora. Sentada num dos degraus que ligavam um pequeno jardim ao portão da entrada de nossa casa, ficava ali, com os olhos inchados, chorosa. Parecia que esperava sempre o meu pai mais cedo do que alguma vez ele chegara e que, por isso, depois de certa hora, o seu atraso fosse suspeito e um sinal de que nunca mais voltaria.

«Não se ouve motor nenhum.»

«Vem aí um carro», dizia, levantando-se de imediato, entusiasmada.

«Não é o teu pai», informava, segundos depois, entre dentes, de novo sentada, com raiva e mágoa nos olhos.

Lembro-me de estarmos as duas sentadas e de passarem pessoas a pé, outras de carro. Algumas delas reparavam em nós, principalmente nos dias em que a minha mãe, por estar mais sensível ou cansada, chorava muito alto. Chegaram a perguntar-nos se precisávamos de alguma coisa: talvez pensassem que tínhamos deixado a chave do lado de dentro e que esperávamos pelos bombeiros, ou que tinha acontecido alguma tragédia no interior, uma inundação provocada por um cano que rebentara, um pequeno incêndio espoletado por uma torradeira antiga, um corte geral de energia depois de meses de ameaças por parte da empresa fornecedora. A minha mãe não gostava que se metessem na nossa vida, e muito menos que olhassem para o nosso jardim, para *dentro de nós*: gritava muito e sem pejo, «Para onde estão a olhar?», «Se não é o meu marido, não pode ajudar, não!», e eu ficava muito vermelha, inquieta com aquela demonstração física que não conseguia controlar, receosa de que a minha mãe me visse a reagir daquela forma, de olhos fixos no chão. Os vizinhos continuavam as suas caminhadas e, com o passar do tempo, deixaram de se preocupar.

«Achas que o teu pai ainda vem hoje?»

Eu era muito nova, também me aterrorizava a hipótese de o meu pai não regressar, mas dizia-lhe sempre que sim, que não via porque o meu pai não retornaria. (Anos depois, questiono-me o porquê de ter regressado sempre e choro a certeza de que não o fará de novo.)

«Espero que sim, que venha.»

O meu pai chegava sempre, mas a minha mãe nunca descansou.

14

Os nossos dias eram muito semelhantes uns aos outros. Apesar de não ter andado na creche — e de não saber, em rigor, o que lá se fazia —, recordo estes anos e parece-me que a minha mãe era boa para mim, que fazíamos as mesmas coisas que as outras mães e filhas, que as educadoras e as suas turmas.

Lembro-me de sairmos de casa e de a minha mãe me agasalhar muito bem, quer fosse verão ou inverno, porque dizia que eu era muito frágil, que me constiparia ao primeiro descuido. Lá ia eu, não devia ter mais de quatro anos, de mão dada à sua, num dia quente, com um dos lenços coloridos de que mais gostava a proteger-me o pescoço e um chapéu com pelinho. A sensação de estar suada, do cabelo agarrado à nuca, a adrenalina que sentia de cada vez que tirava o gorro nos segundos em que a via distraída, só mesmo por uns segundos, para tentar ter menos calor: se me esforçar por recordar tudo isto, parece-me que foi ontem.

Por mais que passássemos pelo parque infantil a caminho do supermercado ou da farmácia, e que eu implorasse para que me deixasse brincar um pouco, descer o escorrega, tentar tocar nas nuvens com os braços bem esticados, sentada num baloiço, nada, nunca, não cedia, e, por isso, eu via sempre as crianças ao longe. De mão dada à minha mãe, juntas, sempre juntas, como se fôssemos seres simbióticos, mutualistas, incapazes se separadas.

Mentiria se dissesse recordar-me da tristeza que sentia por não estar com crianças como eu fui. Posso ter ficado desiludida por vezes — suponho-o agora, ainda que na altura estivesse certa de que a minha mãe era suficiente —, mas lembro-me mais da alegria que eu sentia ao brincarmos, e de como ela me parecia o mundo.

Recordo a forma cuidadosa como penteava as minhas bonecas e a dedicação com que lhes dava, tanto a elas como a mim, a papa; as cócegas que me provocava na planta dos pés, quando me dizia «fica descalça, é melhor do que andares toda apertada com sapatos»; o tempo e a atenção que me oferecia, sempre interessada em ouvir-me, em ver o que eu fazia e como olhava para o que nos rodeava.

15

Faço um esforço de memória, puxo-a como se de uma corda se tratasse, na esperança de que me dê sempre mais qualquer coisa, que não se desfaça lentamente nem se parta de um momento para o outro, deixando-me estatelada no chão, desamparada, sem ter onde me agarrar. Neste momento, é tudo o que tenho, o pouco que tenho. Preciso de voltar lá atrás, ao início, à vida, aos dias banais, e procurar os sinais, o que aconteceu, porque não vi.

*

Um dia, estávamos as duas na cozinha, cada uma nos seus afazeres — a minha mãe descascava uma laranja e separava os gomos para mim, eu chupava-os, absorvendo o seu sumo em tragos barulhentos —, quando me lembrei de lhe perguntar se também tinha sido criança como eu. A pergunta era fruto da minha inocência, claro está, mas também de uma preocupação que desde cedo senti por ela: via-a muito triste, sempre triste, e apoquentava-me a hipótese de ela ter sido sempre assim, mesmo quando era criança, se é que alguma vez tinha tido essa oportunidade. Recordo a estupefação no seu rosto, a forma como ele se encolheu e pareceu rejeitar a minha pergunta, essa viagem à memória, como se não pudesse voltar ao lugar para o qual eu a tentava empurrar, à sua origem.

«Foste pequena?»

«Quais eram as tuas brincadeiras?»

«Também ficavas sempre em casa?»

«Onde está a tua mãe?»

O silêncio, as lágrimas que escorriam sem parar, taciturnas, de olhos fechados, não a saberia triste (recordo a falta de histerismo, pelo contraste, por estar tantas vezes presente, de repente, ali, a dor da minha mãe

lembrava-me cinema mudo, que nunca tinha visto, mas do qual já ouvira falar).

Uma pergunta que repeti várias vezes na minha infância, mas que só uma vez, desta vez, obtive resposta.

«A minha mãe morreu no dia um de janeiro de mil novecentos e oitenta. Eu tinha seis anos. Estávamos nos Açores.»

«É longe?», perguntei, curiosa.

«Não dá para ir a pé.»

«E na carrinha do pai?»

«É do outro lado do mundo.»

«Moravas lá?»

«Sim.»

«Podemos ir ver a tua casa um dia?»

Imaginei-nos a investigar o quarto dela, a encontrar bonecas, a recolher os melhores desenhos que tinha feito para os trazermos para a nossa casa, a ouvir as histórias da infância que ela já achava perdidas, mas que, ao regressar ao sítio que a vira nascer, voltariam como se tivessem acontecido dias antes.

«Podemos ir? Podemos ir?»

«Não.»

(Notas que escrevinhei mais tarde, para não esquecer: o não é definitivo e doloroso para a minha mãe. Se mo diz, ciente de que eu preferia ouvir um sim, de que me posso revoltar e a chamar de má, é porque não pode mesmo ser. Do que me lembro, o não dela é construído dos seus medos, em barreiras inultrapassáveis, coisas muito dolorosas. Tenho de o aceitar para não a entristecer.)

A minha curiosidade era insaciável.

«O que aconteceu à tua mãe?»

(Anos depois, já na escola, percebi que os adultos tentam, junto das crianças, embelezar as desgraças, que ser pai, educador, responsável, é ser também conivente com algumas mentiras e omissões que nos permitem, nessa fase precoce de quem somos e do que sabemos, sermos mais felizes, não carregarmos o peso da fome, da miséria, da guerra, da injustiça. A minha mãe não tinha esta sensibilidade, ou talvez me achasse muito crescida, ou talvez não acreditasse que valia a pena esconder-me a fealdade, dizia-me tudo tal qual tinha sido, não me ordenava que tapasse os olhos

perante um filme sangrento, nem se esforçava por aligeirar aquilo que de pior lhe tinha acontecido, a ela e ao mundo, o que tantas vezes contribuiu para eu ter medo, ou não ter esperança, ou ser vista como uma criança esquisita porque falava da morte, sabia como se esventrava um peru e perguntava aos meus colegas se os seus avós também tinham ficado soterrados.)

«Na noite anterior, tínhamos visto os fogos de artifício. O céu estava com tantas, tantas cores, e o barulho era alto, toda a gente tinha também cornetas e, nas ruas, havia uma grande festa. Na altura, faziam-se cortejos, as pessoas desfilavam com as suas melhores roupas, lembro-me de olhar para tudo e de pensar que as pessoas eram muito bonitas, que estavam muito arranjadas. Estava eu e a minha mãe, éramos as duas, como nós as duas somos, mais o teu pai, só que o meu nunca conheci e também não me fez falta. Fomos dormir, eu era pequenina, a minha mãe era tudo para mim, eu ainda não andava na escola, só a conhecia a ela e a uns vizinhos. O ano começou, lembro-me de que estávamos em mil novecentos e oitenta porque comecei a manhã a copiar a data para um caderno, a minha mãe queria que eu fosse para a escola e já soubesse desenhar as letras, dizia que eu ia ser doutora — eu, que nunca tive cabeça para nada, que nunca soube fazer nada —, e, então, fomos almoçar e, depois do almoço, estávamos as duas no nosso sofá. A minha mãe gostava de fazer sestas, ao fim de semana, nunca saíamos de casa depois do almoço. Naquele dia, era terça-feira, mas também era feriado, então, era como se fosse sábado ou domingo, enroscámo-nos e adormecemos. É como agora, contigo, nós as duas, de barriga cheia, quentinhas, temos sono, aninhamo-nos e dormimos assim. Não sei quanto tempo passou, que horas eram ou quanto tempo durou, aí, fica tudo muito difícil para mim, para me lembrar, ainda não acredito que sobrevivi, que raiva ter sobrevivido…»

A minha mãe continuava a falar sem parar, como se tivesse aberto o alçapão à memória e, agora, não o conseguisse fechar, era uma multidão desesperada por ar puro, enclausurada há anos num cubículo escuro e sem brechas, desorientada, egoísta, desesperada.

«Foi tudo muito rápido, pelo menos, para mim, que desmaiei — ou morri, acho que morri, mas o médico disse que não — e, quando acordei, quando voltei, talvez tenha sido para ser tua mãe e casar com o teu pai, já estava de mão dada a uma enfermeira muito velha. Tinha uma verruga perto

de um dos olhos e as mãos com pregas, nunca tinha sentido uma pele assim, como aquela, tão áspera, nem nunca tinha visto tantas veias, de tantas cores, parecia que toda a sua vida estava ali e que só precisava que alguém a lesse. Naquela altura, eu ainda não sabia ler as mãos, nem sabia coisa nenhuma. Ela chorava e dizia coitadinha, coitadinha, e eu chorava e perguntava-lhe pela minha amada mãe. O chão tinha abanado, ficou tudo soterrado, eu também, mas, salvei-me, salvaram-me, o meu corpo era esguio como o teu e puxaram-me de uma vez só, a minha mãe lá ficou, esborrachada. Lembro-me de ouvir os cães a ladrar, acordei um pouco antes daquele barulho aterrador, tentei despertar a minha mãe, mas ela tinha um sono pesado, ressonava baixinho e de forma irregular, eu ouvi os cães a ladrar e, depois, ouvi um trovão que não tinha fim, parecia que o mundo ia desabar, a terra comia-se e escondia-se em simultâneo… Apaguei, apagámos, só que, depois, os médicos ligaram-me de novo e a minha mãe já não tinha pilhas, morreu, disseram-me assim, era o que era, morreram mais de setenta pessoas, a tua mãe morreu, Clara.»

Recordo-me de que estava muito atenta a ouvi-la, de que nada mais importava. A minha mãe tinha o dom de saber contar histórias.

«Perguntaram-me se tinha mais família, respondi que não sabia, mas que achava que não. Não me lembro se procuraram muito, nem me lembro se aqueles com quem estávamos de vez em quando eram primos ou vizinhos, não sabia nada, era muito nova, estava abalada, a minha casa tinha desaparecido, hoje, não a consigo desenhar porque não tenho memória dela, vi-a de raspão na noite de trinta e um, não a fixei porque não podia imaginar que, no dia seguinte, nem vinte e quatro horas depois, passaria a ser um monte de pedras pretas, um jazigo esturricado da minha infância, da minha mãe que eu amava tanto.»

Apertei-lhe a mão. Não percebia muitas das coisas que me dizia, ser criança é ouvir por inteiro e perceber por metade, mas há uma sensibilidade que nasce connosco, ou que vamos construindo, aprimorando, um dia, olhamos para os nossos pais e sabemos que estão tristes, reproduzimos os gestos que têm para connosco, se nos abraçam quando choramos, abrimos-lhes os braços perante as suas lágrimas, se nos dão a mão para não termos medo no escuro do quarto, minutos antes de adormecermos, esperamos que os nossos dedinhos, tão mais pequenos, que não conseguem guardar os seus, mais gordos, muito maiores, possam, ainda assim, ser consolo.

«E depois? Ficaste sozinha?»

Um choro desgovernado, soluçado, o regressar à criança daqueles tempos. Olhei para a minha mãe e vi o beicinho que eu também sabia fazer, vi a solidão, o corpo inseguro, encolhido, como se, ao falar do passado, regredisse, se tornasse nessa menina novamente, órfã, posta num avião, recambiada, obrigada a começar de novo. Olhei para a minha mãe, recolhida sobre si própria — anos depois de não ter podido contar com ninguém —, e só conseguia pensar em que não queria viver sem ela, que não queria morrer por causa de um sismo nem sobreviver-lhe, se comigo ela não sobrevivesse também. Senti medo, não sabia, à data, o que era a terra tremer, mas fiquei alarmada, cismava muitas vezes numa jarra de vidro roxa que tínhamos em cima de um armário, tentava perceber se ela se estava a mexer, se havia motivo para me esconder debaixo da mesa ou para correr dali para fora com a minha mãe.

«Enviaram-me para cá. Vim num avião com muitas pessoas, falavam umas em cima das outras e ninguém reparou em mim. Mandaram-me sentar numa cadeira das filas de trás, cheirava muito mal e havia fumo. A minha mãe não gostava de cigarros, eu nunca lhes tinha sentido o cheiro, e, por isso, naquela viagem, tossi tanto, arranhava-me a garganta, fazia-me doer os olhos. Não me lembro de como é que tudo aconteceu, mas, meses depois, comecei aqui a estudar, no continente, como eles dizem lá nas ilhas, vivia numa casa de meninas como eu, que não tinham mãe nem pai, abandonadas que nem rafeiros pequenos quando ficam do tamanho dos lobos, e nunca mais regressei aos Açores.»

Ficámos em silêncio. A minha mãe parecia estafada. Voltar ao passado cansava-a muito, tanto que só o conseguiu fazer uma vez. Eu tinha mais dúvidas, era difícil para mim conter a curiosidade, não conhecia ninguém que tivesse vivido longe dos seus pais, imaginava que a vida da minha mãe até tivesse sido boa depois — talvez tenha pensado, na altura, que eu não tinha mais amigas e que a vida da minha mãe, às tantas, ainda tinha sido mais divertida do que a minha, pelo menos, mais preenchida —, numa casa rodeada de meninas como ela, que brincavam, que corriam pelos corredores, que contavam segredos umas às outras, que se tinham feito amigas para sempre. Só que, mais velha, há pouco tempo, pensava nisto e reparei que não lhe conheci amigas, e que talvez recordar aqueles tempos

fosse doloroso, impensável, não porque tinha saudades, mas porque não haviam sido bons. Não sei, não tenho como saber.

Sei apenas que, um dia, a minha mãe me disse que a sua mãe tinha morrido e que, de seguida, se agarrou a mim durante muito tempo e me prometeu não fazer o mesmo comigo, jamais me abandonaria. Também me fez jurar que eu nunca morreria. Eu tinha seis anos, não sabia o que significava o verbo, se era permanente ou um estado de alma, se dependia de mim ou se estava à mercê de alguém ou de alguma coisa, mas prometi-lhe: «eu não vou morrer, mamã».

Sorriu-me e disse-me que, assim, ficaríamos para sempre as duas.

*

Foi em outubro, há pouco mais de sete anos. O meu turno terminava ao fim da tarde, naquela altura, os dias ainda eram longos e o verão parecia eterno. Tinha acabado de saber que ia ser aumentada, os meus patrões achavam que eu era muito esforçada e trabalhadora e tinham decidido premiar-me porque, nas palavras deles, «normalmente, os jovens estão a marimbar-se para isto». Lembro-me de que estava ansiosa por contar à minha mãe, tinha sempre esperança de que aquela fosse a vez em que ela festejaria os meus feitos como um país celebra a liberdade depois de anos de repressão. Imaginei-a alegre e, por isso, vi-me alegre também, e, enquanto as duas saltávamos pela sala e pensávamos em todos os materiais de pintura que, com aquele dinheiro a mais, poderia comprar para nós, afastava as lembranças dos momentos tristes, de desespero, contrastantes com aquilo que estávamos a viver, era um bálsamo, vinham aí coisas melhores. Saí da fábrica a correr, com a lancheira na mão, casaco a arrastar pelo chão, e vi o meu pai no portão, de pé, parado. Foi só isto, bastou-me esta imagem, este seria o resumo perfeito da tragédia.

«Um dia, o meu pai esperou-me depois do trabalho, eu vi-o e soube que a minha mãe tinha morrido.»

16

Estávamos em setembro de dois mil e cinco e eu tinha a certeza de que a minha vida ia mudar. Havia passado as últimas semanas a tentar perceber quantos dias ainda faltariam, a fazer um esforço por me recordar da data exata em que o meu pai me dissera que tudo ia acontecer e a usar os dedos das minhas mãos (e, umas semanas atrás, também os dedos da minha boneca Juliana) para a contagem decrescente.

«É hoje», disse-me o meu pai, naquela manhã, enquanto me tocava levemente no braço para eu acordar.

Abri os olhos e vi-o. Creio que foi uma das poucas vezes em que a primeira pessoa que vi ao acordar não fora a minha mãe, mas, sim, o meu pai, e recordo-me do seu sorriso meigo, da voz sussurrada, da alegria que parecia querer que eu sentisse.

«É hoje? Vou para a escola?»

Dentro de mim, coexistia uma azáfama de sentimentos. Por um lado, o entusiasmo de ir para um sítio novo, de fazer amigos, de brincar com crianças. Desde que me lembrava de existir que sonhava com as correrias que via da janela ou do outro lado do passeio, e que tentava imaginar as histórias que ia ter para contar à minha mãe quando regressasse da escola. (Tudo o que eu fazia, queria, sonhava, implicava a minha mãe, a alegria dela, o seu espanto.) Lembrava-me, muitas vezes, das poucas em que, ao cuidado do meu pai, havia tido a oportunidade de brincar com primos distantes — assim me pareceu na altura, achava que era por isso que não os veria mais —, e de como, apesar de toda a timidez e receios que sentia, tinha sido tão agradável. Por outro lado, naquela manhã, ainda ensonada, qualquer coisa pesava dentro de mim, qualquer coisa que sabia ser culpa.

«A mãe?»

A expressão do meu pai mudou, todo ele ficou mais rígido. (O meu pai esforçava-se muito, percebi, mais tarde, por me esconder tudo aquilo que achava que me poderia magoar.)

«Ainda está a dormir, mas eu vou levar-te à escola.»

Levantei-me da cama e, sem precisar da sua ajuda, independente, despachada, como se tivesse esperado toda a vida por aquele dia — como se —, fiz-me pronta o mais rápido que consegui. Não me lembro do que comi ao pequeno-almoço, nem que roupa vesti, mas recordo-me da mochila que usei (e que me acompanhou durante vários anos) e do que senti quando o meu pai ma pôs às costas: «é agora».

Abriu a porta de nossa casa, e a minha primeira reação, confrontada com a luz, foi fechar os olhos, encadeada. Lembro-me de que estava muito nervosa, de que mal podia esperar e, simultaneamente, percebia que ainda não estava preparada. Apesar de soalheiro, nesse dia, já não era verão: corria uma brisa leve, mas persistente, e eu pensara que, se tivesse sido a minha mãe a vestir-me, estaria mais bem agasalhada. A carrinha do meu pai estava estacionada à porta, no lugar de sempre. Do outro lado da rua, também o vizinho chamava os filhos para o carro, talvez também fosse o primeiro dia de aulas deles.

«Vamos, Matilde.»

Quem entrava em nossa casa mergulhava num corredor comprido e afunilado. Logo à direita, onde eu parava para descalçar as botas no inverno e ir buscar os chinelos no verão para acompanhar o meu pai até à horta, uma mesinha sobre a qual estava um grande espelho, herdado de uma tia do lado paterno. Foi nesse espelho que me vi, para ter a certeza de que aquilo era real, de que ia começar a sair todos os dias, a estar com outras pessoas, de que poderia mostrar, por fim, tudo o que a minha mãe me ensinara. (Eu achava que a convivência estreita com ela me fazia especial, e que os outros iam ficar surpreendidos com os desenhos que me esforçara por aperfeiçoar ao longo do tempo, a olhar para os seus). E foi por causa desta paragem, especada a olhar-me, ansiosa, de mochila às costas, entusiasmada, que a minha mãe ainda teve tempo (ou ganhou coragem) de aparecer.

«Filha? Vais-te embora?»

A minha mãe estava debaixo da ombreira da porta do seu quarto. O cabelo desgrenhado, a voz arrastada, os olhos inchados, o pijama amarrotado, os pés nus.

«Vou para a escola, mãe! O pai vai comigo. Tu não vens?»

De repente, um grito, alto, estridente, inesperado, único. Assustei-me, mas fiquei imóvel. Uma das minhas certezas, nessa altura, era a de que a minha mãe me amava de verdade, de que jamais me faria mal. Pensei, acredito, que também ela se tinha assustado, ou magoado, ou sentido qualquer coisa nos pés que a impelira a fazer aquele som, e eu, pequena, sem conseguir ajudar, parada, expectante. Apesar de o meu pai já ter ligado a carrinha — sempre foi preciso aquecer o motor antes de nos fazermos à estrada —, vi-o a entrar em casa novamente.

«O que é que se passa?»

Dei a mão ao meu pai, mas não consegui parar de olhar para a minha mãe, parecia que ela não queria que retirasse os meus olhos de si, da sua tristeza, era eletrizante, assustava-me e fascinava-me ao mesmo tempo.

Um grito de raiva, e, depois, ficou só o silêncio, a minha mãe especada a olhar para mim.

«Vou levar a Matilde à escola», disse o meu pai, baixinho. «Diz adeus à mãe.»

Lembro-me de acenar e de a ver a deixar-se cair lentamente, encostada à parede, sem forças.

«A mãe…», sussurrei.

O meu pai fechou a porta e entrámos na carrinha.

«A mãe está bem», sossegou-me, enquanto me ajudava a pôr o cinto de segurança.

No rádio, ouvíamos um locutor a desejar boa sorte a todas as crianças que naquele dia regressavam à escola. Eu senti que ele estava a falar comigo, e apertei as mãos com muita força, como se só pudesse estar certa de que aquilo era real se sentisse as minhas unhas a rasparem a pele do interior das minhas mãos. Não era um regresso, era um começo, e eu não me recordava de há quanto tempo — ou se alguma vez — havido tido oportunidade de começar alguma coisa sozinha. Nesse momento, não pensei mais na minha mãe.

*

O meu pai entrou comigo na escola (lembro-me de que estava muito nervosa, de que segredava uma palavra que ouvia a minha mãe dizer

quando também ela me parecia nervosa, e que isso me trazia alguma paz, *merda, merda, merda,* na altura, não sabia que era uma asneira, fui repreendida mais tarde pela professora e elogiada pela ousadia por alguns colegas, que riam com a mão a tapar a boca e me olhavam com admiração). Não era a minha primeira vez lá — tínhamos ido duas ou três, uma para a matrícula, outra para conhecer a professora e, na última, passámos só, por insistência minha, de janelas da carrinha abertas e cabeças de fora —, mas, naquele dia, o edifício parecia-me maior do que o normal.

«Dás-me a mão?»

Procurei-a e fi-la minha aliada, esperançosa de que, assim, entrelaçados, fosse mais fácil.

Já na sala de aula, rodeada de meninos e meninas como eu, tímida, insegura, observadora como creio que nenhuma outra criança sabia ser (que espécie rara me pareciam todos, tão parecidos a mim e, ao mesmo tempo, tão diferentes), o meu pai deu-me um leve empurrão e eu pensei (anos depois): ele também me ama. Faltavam-lhe as palavras — tanto quanto sempre me escassearam a mim —, mas ele sabia que eu precisava de coragem. Ao contrário da maioria das crianças, que já passava grande parte do tempo fora de casa, que já havia tido colegas, festas de aniversário, sandes-triângulo, sestas sincronizadas, educadoras, brinquedos partilhados, refeições rodeadas de gente, lancheiras, um cabide com o seu nome, para mim, tudo era novo. E lembro-me do que a professora Eunice disse, naquela manhã, como se a ouvisse hoje.

«Agora os pais vão à sua vida, que os meninos já são crescidos e ficam aqui bem.»

Virei-me de imediato para trás. Estava sentada numa cadeira de plástico, azul, pequenina, em frente a uma secretária individual amarela, também pequenina, tudo à minha medida, e o meu pai estava atrás de mim, de pé. Do ângulo em que o via, em que lhe suplicava que ficasse mais um pouco, de pescoço esticado, olhos marejados de lágrimas («não chores que a mãe não suporta ver-te chorar»), ainda me parecia maior.

«Vai correr tudo bem, filha. Daqui a umas horas já te venho buscar.»

Beijou-me a nuca e saiu com os outros pais. Parecia que todos eles eram demasiado grandes e volumosos para estarem naquela sala, interroguei-me se existiria uma sala como aquela, mas para pessoas do tamanho deles, com os seus corpos que ocupavam tanto espaço, com os seus pés enormes e as

mãos peludas. No entanto, quando saíram, ficou um vazio assustador, no espaço deixado por eles, havia por onde correr, falar, brincar. Havia liberdade, talvez até houvesse lugar para decidirmos algumas coisas, pequenas coisas, quaisquer coisas. Lembro-me de olhar para as outras crianças e de tentar adivinhar se também estavam com medo.

A professora Eunice apontou para mim.

«E tu, já sabes contar até dez?»

Fiz que sim com a cabeça e baixei o rosto. Ninguém viu, mas eu sorri, porque me lembrei de todas as vezes em que a minha mãe me ensinou a contar, de como se sentava à minha frente, no tapete da sala ou em cima da sua cama, e me mostrava a sua pulseira de contas.

Tu consegues. «Um, dois, três…»

*

O primeiro dia de escola foi uma surpresa que nunca esquecerei: não sabia que sabia viver sem a minha mãe, que, longe dela, era capaz de existir, de que até me podia rir, saltar alto, encontrar tesouros perdidos na caixa de areia onde brincávamos e segredar a uma colega de turma um plano para vencermos uma corrida contra os rapazes.

De há sete anos para cá, todos os dias, confirmo-o: sei viver sem a minha mãe, mas a vida não é a mesma coisa, dilacerei-me, sou metade. As manhãs são especialmente custosas, o acordar confusa, com esperança, a dúvida que me assombra, *Será que ela ainda está a dormir?*, tinha manhãs preguiçosas, talvez precise que a desperte. Depois, a certeza de que já morreu, a tristeza que se instala, definitiva, uma chapada matinal, a recordação daquele dia, do último. Por fim, a praticidade que viver implica, fria, indiferente àquilo que sinto ou preciso: tens de te levantar, todos se levantam.

Porque me mentiste, pai? E tu, mãe, porque nunca regressaste? E o que faço sem vocês?

17

Há uma imagem que marca os meus anos de escola. Essa imagem permanece inalterada — representa fielmente aquilo que eu vi, dia após dia, ao longo do meu percurso escolar —, mas é engraçado perceber, agora, que a sua imutabilidade, e aquilo que eu fui retirando dessa característica, de as coisas não terem mudado, se foi alterando com o tempo.

Primeiro, senti que tinha muita sorte, que era a mais amada das crianças.

A minha mãe esperava-me à porta da escola, todos os dias, fizesse sol, chuva ou trovoada, com a cara entre as grades. Na primária, eram verdes, no segundo e terceiro ciclo, cinzentas, daí ao décimo segundo ano, acho que também eram verdes (um verde menos brilhante do que o do primeiro ano, o acompanhar do meu crescimento e da perda do meu próprio brilho). A imagem era esta que descrevo: a minha mãe, com a cara enfiada entre as grades, quase tão dentro da escola quanto eu, como se não aguentasse nem mais um segundo para me ver. Lembro-me de sair da sala de aula a correr para o recreio — na infância, para brincar, na adolescência, para brincar, apesar de dizer que já não o fazia —, e de já saber que ela ali estaria e que o tempo com os meus amigos tinha terminado.

(Recordo-me, inclusive, de reparar no rosto da minha mãe, no caminho que fazíamos a pé da escola para casa, e de ver que tinha ficado com marcas das grades, um risco vermelho de cada lado, a pele reativa. Temia, ao início, que ela pudesse ficar assim para sempre. Depois, com o tempo, e com a frequência daquela imagem — outra, mais uma que ficará sempre comigo —, deixei de me preocupar, aceitei que não conseguia acalmar a ânsia que tinha em me reencontrar. Eu também sentia a falta dela.)

Mal eu aparecia, ao início, pequenina, com uma mochila maior do que eu, à medida que os anos foram passando, cada vez mais alta, mais crescida, ouvia a sua voz. Havia uma urgência, um medo palpável e visceral de que

pudesse ter-se tornado transparente durante aquelas horas em que nos tínhamos separado, tornando-me incapaz de a reconhecer.

«A mãe está aqui! Aqui!»

A cara continuava entre as grades, esborrachada, vermelha, e o braço esquerdo — a minha mãe era esquerdina — entrava também para a escola, procurava um espaço para si, e gesticulava energeticamente. Eu sabia que ela estava ali, mas a minha mãe parecia temer que eu não reparasse.

«Até amanhã, dona Antónia», na escola primária.

*

Depois, comecei a experimentar a vergonha, aquela sensação debilitante e que construía muita ansiedade em mim, de que os outros nos iam olhar e achar diferentes, menores, piores. A vontade de ser vista pela minha mãe e pelos meus colegas como mais crescida, um desejo muito culpado de que ela fosse mais como as outras, discreta, despreocupada (ela chamava-lhes negligentes, estúpidas, más mães), tudo isto vinha cá de dentro e fazia-me sentir mal, eu não queria ter vergonha da minha mãe, mas sentia qualquer coisa, nessa fase, que me fazia correr o mais depressa possível até ao seu encontro, para menorizar as hipóteses de os meus colegas a verem ou ouvirem.

«A tua mãe está sempre a gritar para ires embora.»

«Olha a tua mãe, Matilde, está maluca a gritar por ti!»

«Corre, antes que a tua mãe venha aqui de pijama buscar-te.»

«A minha mãe diz que a tua é louca.»

«A minha avó disse que a tua mãe é bruxa, e que está sempre com pressa para te vir buscar porque tem a poção ao lume.»

Riam-se de mim, mas eu continuava sempre em frente, a caminhar ou já a correr, com a mochila a arrastar pelo chão, fustigada depois de um dia inteiro de aulas, a caminho dos seus braços, já abertos, ansiosos por me ter.

«Até amanhã, dona Júlia», todos os dias, durante vários anos.

*

Por fim, aceitei. Fui crescendo e percebi que amava a minha mãe acima de todas as outras pessoas, que ninguém me amava como ela, que, sem ela,

me sentiria sozinha, profundamente abandonada. Lembrava-me do terramoto de mil novecentos e oitenta, imaginava o corpo da sua mãe, minha avó, soterrado entre escombros e cadáveres, e agradecia tê-la viva à minha espera, impaciente por me receber.

«É assim que a minha mãe é, é porque gosta muito de mim», respondia, quando me perguntavam.

«Até amanhã, senhor Rui», no ensino secundário.

*

Punha os dois pés fora da escola e recebia um abraço caloroso da minha mãe, parecia sempre emocionada, como se não acreditasse que eu me voltaria a reunir com ela. Por vezes — sem que eu tenha conseguido identificar o denominador comum —, também me dizia que tinha estado o dia todo muito preocupada comigo, que a deixava numa aflição sem igual, e, aí, o abraço era mais forte e demorado. (Havia dias em que a surpresa da minha mãe em me rever me deixava com a sensação de que ela não se lembrava de que me tinha deixado ali horas antes: parecia que me dera como desaparecida, provavelmente raptada, e aquele momento era a minha libertação depois de meses refém, um alívio sem igual para o coração de uma mãe que não conseguia deixar de pensar no pior cenário.)

«Doze segundos, treze segundos, catorze segundos, quinze segundos»: em pequena, aproveitava o seu gesto carinhoso para rever a matéria e provar a mim mesma que já sabia contar sem hesitações. Conforme fui crescendo, só desejava que o tempo passasse depressa, e que nos pudéssemos abraçar em casa, no nosso espaço seguro, onde éramos nós como nós éramos, sem o julgamento dos outros, sem os olhares que me infantilizavam.

«És uma menina da mamã.»

«Já ninguém vai com a mãe a pé para casa.»

«Não sabes o caminho?»

«Ficas connosco depois das aulas?»

«A tua mãe é mesmo bruxa?»

«Qual é a profissão dela?»

«A tua mãe está sempre em casa?»

«Se eu tivesse a tua mãe, fugia para sempre.»

Eu ouvia-os. Eles, por sua vez, ouviam os seus pais em casa, e tantas vezes reproduziam apenas aquilo que os primeiros não se coibiam de especular a respeito da minha família, eram crianças más, filhos de pais piores. A minha mãe apertava-me a mão e seguíamos caminho. Alheia àquilo que podiam dizer, feliz, porque estávamos juntas de novo.

18

Mas também havia as outras vezes. A minha mãe era muitas coisas, o tempo ajudava-me a padronizá-la, a encaixar as suas atitudes em grandes grupos, como se, assim, eu lhes soubesse reagir melhor, mais rápido. Havia aquelas vezes em que, ainda que estivesse à minha espera com a cara entre as grades, ansiosa, entusiasmada por me rever, assim que me aproximava, me virava a cara, rancorosa, ansiosa para que eu o soubesse.

«O que se passa, mãe? Porque não olhas para mim?»

Não me respondia. Fazíamos todo o caminho em silêncio — de mãos dadas, sempre entrelaçadas —, a menos que eu insistisse (como fazia em criança, ficava muito assustada quando a minha mãe se fingia surda-muda), e, aí, respondia-me à letra.

«Também não me disseste nada o dia todo. Não te importaste que a tua mãe ficasse sozinha.»

«Mas eu fui à escola, não posso faltar.»

A minha mãe rodava o corpo na minha direção, ainda amuada, magoada e surpreendida com a minha ousadia, como se eu estivesse a tentar moldar, nas suas barbas, qualquer coisa rija e inflexível, teimosa, alheia à impossibilidade de tal feito.

«Não tens de ir amanhã, se não quiseres.»

Sempre que mo dizia, nos dias seguintes, eu ficava em casa com ela.

«Tens de escrever alguma coisa à minha professora, na caderneta…»

Os olhos dela iluminavam-se.

Chegávamos a casa e o entusiasmo da minha mãe era palpável: queria que eu visse as coisas que tinha feito, que olhasse para tudo aquilo o que ela tinha olhado, e, quando a apresentação dela terminava, novidades dadas, contos contados e pontos acrescentados, era a minha vez. (Notas que fui fazendo para nunca me esquecer: não faz mal dizer que fui feliz na escola,

mas, se, ou quando, tiver sido um dia muito feliz, devo escondê-lo da minha mãe.)

«Como foi o teu dia?»

E eu partilhava tudo aquilo de que me lembrava. Ao contrário das outras crianças que, pelo que via nos filmes, não contavam aos pais os seus dias — na infância, por preguiça, na adolescência, por insegurança ou vergonha —, eu sempre dissera tudo, porque a minha mãe me empanturrava de perguntas e deliciava-se com todos os detalhes, como se a minha vida na escola fosse espetacular, inacreditável, impressionante, melhor do que alguma vez ela pudesse sonhar. Recordo-me de sentir a boca e a garganta secas depois de falar sem parar, de contar tantas coisas, de fabular outras para que a minha mãe pudesse imaginar.

«E depois apareceram dragões!»

(Mais notas importantes: não demonstrar demasiado entusiasmo, mesmo quando a minha mãe me perguntava como correra o dia em que corri e me fartei de brincar com a minha amiga Rita e em que respondi corretamente às questões da professora, e fora, por causa disso, muito elogiada. Não exagerar, não dizer nada que a preocupasse, mas, atenção: também não é para a fazer sentir que gostei de estar sem ela, era melhor com ela lá, amo-te, mãe, fizeste falta hoje lá na escola.)

«Tiveste saudades da mãe?»

«Pensaste muito em mim?»

«Contaste aos teus amigos a brincadeira que fizemos ontem?»

«A tua professora não gosta nem metade do que eu gosto de ti, sabes disso, não sabes?»

«E tu não tens uma melhor amiga na escola, pois não? A melhor amiga é a mãe, não é?»

«Sabes que eu sou a pessoa que mais te ama no mundo?»

«Nós as duas vamos estar sempre juntas.»

19

A minha mãe vivia num sítio diferente do meu, e, parece-me, agora, não fiz mais nada além de tentar pertencer: a esse lugar e a ela. De nada valia tentar trazê-la a mim, ao meu pai, aos nossos vizinhos e possíveis amigos, não lhe interessava, não a atraíam. A minha mãe estava nas coisas dela, na vida em que parecia não sobreviver sem mim, mas o esforço era sempre meu, era sempre a mim que cabia a capacidade de me adaptar, de me encaixar. Era como se ela se estivesse sempre a afogar e eu fosse o colete salva-vidas, a última esperança: o meu pai atirava-me ao mar ainda antes de eu saber nadar, antes de eu própria ter essa iniciativa, mas, depois, a minha mãe não me conseguia vestir, parecia ter perdido as faculdades, não se queria salvar, não percebia que eu já estava ali, que ia correr tudo bem. Continuava a gritar por socorro.

Às vezes, lamentava-se do meu crescimento, dizia-me que, quando eu era pequena, precisava mais dela, como se crescer fosse um plano que eu engendrara para a magoar. Isso assustava-me muito, porque receava que ela não me amasse, se não soubesse o quanto eu a amava a ela; achava que o amor era uma questão de toma lá, dá cá, que só se recebia o que se dava, que não havia borlas. Fazia-me, por isso, mais criança, chamava-a com voz abebezada e ela aparecia, sorridente, disponível, por vezes, a fazer-se de enfadada.

«Precisas da tua mãe, não é?»

Eu dizia que sim, mesmo que, por vezes, suspeitasse de que já o conseguiria fazer sozinha. Na escola, era incentivada a ser autónoma; em casa, a minha mãe esperava que eu fosse dependente. Dava por mim a esconder que já sabia atar os atacadores, a fingir que o jarro de água era demasiado pesado e que, sozinha, jamais conseguiria encher um copo para matar a sede, e a aceitar a sua ajuda com os trabalhos de casa, mesmo

quando não precisava. Às vezes, fazia-me mais infantil pela preguiça, pelo mimo, pela confirmação de que a minha mãe estava ali comigo, a cuidar de mim; noutras, principalmente nos anos seguintes, eram por ela, para que continuasse bem.

*

Sete anos volvidos, não posso dizer que não houve oportunidade. Foi falta de coragem. Nunca consegui perguntar ao meu pai o porquê de tudo, o porquê de ele ter ficado sempre — ainda que tantas vezes parecesse que éramos só as duas —, o porquê de se ter feito invisível. Percebi, ainda assim, sem que sobre isso precisássemos de conversar, que a distância que tínhamos, que inevitavelmente acabou por se estabelecer entre nós, era uma das formas que ele tinha de mostrar à minha mãe que a amava e que a respeitava. Deixava-me ser só dela, intervinha apenas quando necessário, em coisas que eu não percebia porque era criança e, mais tarde, jovem. Eu amava a minha mãe e, apesar dos apesares, achava que ela era perfeita para mim. O meu pai era o meu herói, endeusá-lo era mais fácil porque ele também estava mais distante, errava menos, gritava menos — também beijava menos, brincava menos, dedicava-se menos, ainda que eu não o entendesse assim —, mas aquilo que sentia por ele era diferente: parecia-me ser uma peça acessória da engrenagem familiar composta por mim e pela minha mãe, um planeta a orbitar ao nosso redor.

*

Lembro-me, em particular, de uma dessas vezes, em que o meu pai teve de intervir. Eu estava no quarto ano, ia fazer um exame, tal como todos os meninos do país, e, apesar de não ter notas muito boas — a matemática era terrível para mim, um bicho de sete cabeças —, até então, não tinha havido grandes problemas. No entanto, por causa deste mesmo exame (que parecia ser muito importante para a professora Eunice), as minhas doenças fizeram com que ela chamasse o meu pai à escola.

Eu devia estar a jogar ao elástico ou à macaca, imagino-me criança, rodeada de outras, feliz na escola, de bem com a vida, quando vi o meu pai a despedir-se da professora Eunice e a encaminhar-se para o portão. (Terá

sido mesmo assim? Porque não me encontro sozinha num canto do pátio a brincar com duas pedras, rejeitada por todos, como a minha mãe foi?) Lembro-me de ficar muito nervosa e de correr para ele: por um lado, o medo de que tivesse acontecido alguma coisa à minha mãe; por outro, a esperança de que ele estivesse ali para me surpreender, apenas porque me amava e não nos tínhamos cruzado naquela manhã.

Ficou atrapalhado quando me viu. Se estava na minha escola, qual era o espanto?

«Olá, filhota.»

Abraçámo-nos brevemente, os nossos afetos eram mais curtos e leves, não havia tempo a perder, se ele ainda queria brincar comigo antes de a campainha tocar.

«Vim cá falar com a tua professora.»

«E a mãe?»

«É um segredo. Não lhe podes contar. Consegues?»

Creio que lhe disse que sim. Ainda não sabia muitas coisas, o meu vocabulário era limitado e não estou certa de que, para todas as palavras que conhecia à data, existisse, em mim, o correspondente significado, mas eu sabia o que era um segredo. Conhecia o conceito e as consequências de o quebrar. «Se contares ao pai, ele nunca mais volta. Vai abandonar-nos.» Guardava muitos com a minha mãe, escondia todos esses do meu pai.

«A professora Eunice chamou-me porque diz que faltas muitas vezes à escola, porque estás muitas vezes doente. Eu saio cedo de casa e, quando chego, já é hora de jantar, como não me dizem que estiveste doente e me pareces bem, penso que estás saudável, que vieste à escola… mas, afinal, não. Costumas estar doente? Sentes-te bem?»

E, ali, perante o olhar do único homem que tinha na minha vida — do único que, até hoje, tive presente —, veio-me à cabeça a imagem da minha mãe, de braço esticado, com o termómetro em riste, encostando-o à lâmpada amarela do candeeiro do meu quarto. Recordei-me do seu rosto preocupado, do momento em que me revelava o visor do aparelho, já ele provava que eu ardia em febre, e ela tocava-me na testa, com a parte exterior da sua mão, fria, lisinha, e queixava-se das viroses dos meus colegas que eu trazia para casa, dizia que eu apanhava tudo. Eu sabia que não a deveria contrariar, sentia-me bem, mas isso não interessava, e, porquanto, respondia que sim, que estava doente: esforçava-me por tossir,

esfregava os olhos até eles ficarem vermelhos e aninhava-me na cama, prostrada, à espera de que me aconchegasse. «Muito bem, então, não vais à escola», e ficávamos as duas em casa. Ao fim desse dia — que se repetiu e, por vezes, não era a cabeça, mas, sim, a barriga, a minha mãe dizia que sentia as minhas dores ainda eu não as tinha, que as adivinhava, e era por isso que, nessas ocasiões, eu faltava à escola, por precaução, a minha mãe resguardava-me para evitar o pior —, e antes mesmo de o meu pai regressar, assim que via a sua carrinha ou lhe ouvia o motor a esfriar, aproximava-se de mim e dizia «já estás boa, que bom, o pai ia ficar muito preocupado se te soubesse doente». Eu percebia.

Na minha cabeça, passava tudo isto, via a angústia do meu pai e recordava a alegria da minha mãe nesses dias, a sua vontade de fazermos tudo, de brincarmos sem horas marcadas para as refeições, nem tarefas aborrecidas que se intrometessem nos nossos planos, os mimos em forma de folhas de papel branquinhas, novas, prontas a ser preenchidas com todos os unicórnios do Sistema Solar, as sestas debaixo da manta felpuda em frente à televisão que tanto dava histórias de encantar como de terror, a respiração pesada da minha mãe, tranquila, sem sobressaltos, o bolo de iogurte acabadinho de fazer, o chocolate derretido em banho-maria, os nossos aventais que condiziam e que nunca iam para lavar, por mais sujos que estivessem, pois eram eles que guardavam os segredos das receitas.

«Não te preocupes. Eu vou falar com a mãe e está tudo bem.»

Fiquei aliviada. Não consigo recordar nem encontrar em mim, neste momento, os alicerces da confiança cega que o meu pai construiu — talvez também não tenham cheiro, cor ou forma, tal qual o amor —, mas soube-os a vida toda, a sustentarem-me ainda que não os visse. (Como se perdoa um pai que nos disse que a nossa mãe estava morta?)

A campainha tocou e eu tive de ir a correr para a sala de aula. A professora Eunice detestava atrasos e eu detestava, ainda mais, ser repreendida. Fui uma criança que se esforçou sempre por agradar, por ser discreta, por não preocupar. Lembro-me de que o meu pai me ficou a ver e me disse adeus. Já sentada no meu lugar à janela, na segunda fila a contar do quadro, vi-o a entrar na carrinha e a desaparecer na primeira curva.

Depois dessa tarde, raramente adoeci. A minha mãe, por outro lado, pareceu-me cada vez mais triste.

20

Anos depois, já a trabalhar numa fábrica de moldes, estava a sair com uns colegas, no fim do turno, quando, junto ao portão, vi o meu pai. Eu ia sempre de autocarro para casa, e vê-lo ali, à minha espera, como se eu fosse outra vez uma criança e não pudesse regressar sozinha, deixou-me desconfortável. Aproximei-me e fitei-o com as mãos apertadinhas, cerradas junto à minha cintura, esperançosa de que a força que eu estava a fazer pudesse mudar o que ele tinha para me dizer. O olhar dele era triste, o mais triste que eu já lhe tinha visto, e as palavras não pareciam querer sair.

Lembro-me de que estava muito barulho. Ouviam-se gargalhadas, a sirene da polícia ao longe, um homem aos gritos no carro, impaciente com o trânsito, os meus colegas a despedirem-se uns dos outros, um grupo de homens mais velhos a combinarem beber umas cervejas ali perto.

Eu e o meu pai estávamos suspensos no tempo e no espaço. «Tinha sido daquela vez.» Foi qualquer coisa assim.

Não chorei. Não gritei. Recordo-me de que o segui para a carrinha, em silêncio, apática, sem vontade. Caminhei devagarinho, porque não conseguia sentir o chão, e, por isso, não podia ter a certeza de que o estava a pisar. Ceguei, ensurdeci, perdi todos os sentidos. Saber que a minha mãe tinha morrido era um choque, mas também me parecia, de há uns tempos para lá, uma inevitabilidade, a mais dura de todas, uma questão de tempo. Queria que tivéssemos tido mais tempo. Eu acreditei sempre que haveria mais tempo.

*

As palavras do meu pai, naquela tarde, ficaram-me cravadas como espinhos. Recordam-me as rosas de que ele cuidava e que tanto o

orgulhavam, mas que nunca embelezaram o interior da nossa casa porque a minha mãe tinha medo de que pudessem fazer-nos mal. «Tinha sido daquela vez…» Depois de tantas em que a minha mãe tinha querido desaparecer.

A primeira foi numa tarde de chuva, no meu segundo ou terceiro ano. Recordo-me de que me foi buscar à escola, para que almoçássemos juntas, e que caminhávamos até casa sem pressa, apesar de eu ter de regressar uma hora depois para as aulas da tarde e do temporal que se fazia sentir: eu adorava saltar em cima das poças e ver a água a saltar comigo, e a minha mãe, apesar de repetir «cuidado, ainda ficas doente», «tu és muito frágil, cuidado», «estás a pôr-te a jeito para não ires à escola à tarde», deliciava-se com aqueles momentos, eram os primeiros que vivia — acreditava eu, feliz — depois de uma manhã sozinha.

«Tenho uma surpresa para ti!», disse-me, entusiasmada.

Perguntei-lhe logo o que era. Devo ter imaginado um monte de doces, uma mesa cheia de jogos para mim e para as minhas amigas da escola, uma boneca do meu tamanho. (Se fosse hoje, imaginaria o meu pai sentado à mesa, com um quebra-nozes nas mãos, a aviar frutos secos para uma caixa de vidro, de forma que eu os conseguisse comer nos dias seguintes, ao pequeno-almoço.)

«Hoje, o pai vem almoçar connosco», contou-me, mal avistámos ao longe a nossa casa.

Não me recordo do que respondi, mas de certeza que fiquei feliz. Eu e o meu pai não éramos muito próximos — percebo-o agora —, mas essa distância entre nós também o agigantava em mim, porque, de cada vez que a minha mãe não se levantava para me levar à escola, ou ia dormir depois de almoço, ou parecia hipnotizada com a televisão, e o meu pai via, por isso, que eu estava desamparada, chamava-me para junto de si e fazia-me sentir especial.

«Cheira isto», e encostava-me um bocadinho de hortelã ao nariz. «Dá uma trinca aqui» e oferecia-me um tomate cherry, ainda verde. Eu fazia cara feia por causa da acidez, e o meu pai dizia «ainda não está pronto para uma salada», por vezes, desiludido, noutras, divertido e leve.

Continuámos a caminhar. Entre a minha escola primária e esta casa, não levávamos mais de quinze minutos: a estrada é plana, a juventude é uma alegria. Chegámos a casa e o lugar de estacionamento do meu pai estava vazio.

«Ele já deve estar mesmo, mesmo aí.»

A minha mãe ficou logo nervosa, inquieta. Eu era muito pequena, não devia ter mais de sete ou oito anos, mas conseguia sentir a sua ansiedade, era como se nunca me tivessem cortado o cordão umbilical e eu fosse alimentada pelas suas emoções, assustada pelos seus medos, tanto que me esforçava por tentar apaziguar tudo aquilo que me parecia provocar-lhe dor.

«O pai já deve estar quase, quase a chegar.»

E, enquanto o tempo passava — aquele de que eu dispunha para almoçar e para regressar para as aulas da tarde —, a minha mãe estava apenas especada, sentada à mesa, sem o almoço feito, sem a mesa posta, sem me dizer nada.

Lembro-me de que tinha fome, mas não arranjara coragem para o dizer. Pensei que, se tivesse ficado na escola, já teria almoçado, e esperei também que, caso não conseguisse comer ali, a professora Eunice me desse um biscoito de manteiga ou um chocolate às escondidas. Às vezes, fazia isso (não sei se com todos ou só comigo).

Até que o telemóvel da minha mãe tocou e ela atendeu a chamada de imediato. Do outro lado da linha, o meu pai pedia-lhe desculpa e explicava que a carrinha havia tido um furo. Estava ainda longe de casa — era dia de entregas — e aguardava o reboque à beira da estrada.

O rosto da minha mãe transformou-se. A ansiedade deu lugar a uma tristeza profunda, à raiva. Ficou muito vermelha, tanto que parecia que ia explodir. Gritou com o meu pai, chamou-lhe nomes, desejou-lhe um atropelamento ali e que a ajuda não chegasse. No fim, sem que eu pudesse ouvir a resposta do meu pai, e, depois de gritos e cabrão para ali, cabrão para acolá, desligou e ficou apenas parada.

Recordo-me de que me aproximei dela e lhe tentei afagar a mão.

«Larga-me!»

Não me magoou fisicamente, mas esta ordem foi uma de várias que, sem eu saber, foram construindo um fosso entre nós. (Qualquer coisa dentro de mim dizia-me, à medida que o tempo passava, que ela não fazia por mal. No entanto, eu também não tinha culpa, e o ato de me afastar, ainda que só um bocadinho, era reflexo, erguido no medo e na incompreensão. Eu não sabia de ninguém que fosse como a minha mãe.)

«Vou para o quarto», disse-me, já de pé.

«E eu?»

Não ouviu a minha pergunta. Fechou a porta com um estrondo e deixou-se cair na cama, o barulho inconfundível do ferro a bater na parede por conta do impacto de um corpo desistente em queda livre. Eu tinha fome, mas não me sentia no direito de a incomodar.

Fiquei na cozinha, sentada, à espera de que ela se lembrasse de que eu tinha escola. E de que não tinha comido. E de que não tinha culpa de o meu pai não ter conseguido ir almoçar connosco.

Passadas umas horas — já eu tinha devorado um pacote de bolachas e esquecido as responsabilidades estudantis, agarrada ao ventre com dor de barriga —, decidi ir ao quarto da minha mãe, espreitá-la. Estava a dormir, toda vestida, deitada na cama, como se fossem onze da noite e não quatro da tarde. Não sei explicar o que aconteceu (durante muito tempo, achei que fosse um dom, filha de peixe sabe nadar), mas pressenti que alguma coisa estava mal. Aproximei-me dela.

«Mãe? Mãe?», enquanto a abanava.

Nada.

«Acorda! Vá lá, mãe.»

Sem sucesso.

O telemóvel estava poisado na mesinha de cabeceira. Eu já sabia ler e o nome do meu pai aparecia no topo da lista.

«Eu já estou a ir para casa», disse-me, assim que atendeu, antes mesmo de me identificar.

«Está bem», respondi, ansiosa.

«Filha?», perguntou, preocupado.

«Sim. Sou eu…»

«A mãe?»

«Está aqui a dormir…»

Ouvi a respiração acelerada do meu pai. Qualquer coisa tinha mudado.

«Acorda-a, agora», disse-me, de imediato.

Respondi-lhe que já tinha tentado, mas que não tinha tido sucesso.

«Tenta outra vez! Não desligues a chamada e tenta de novo!»

Lembro-me de estar a abanar a minha mãe e de tentar abrir os seus olhos com os meus dedinhos.

«Mãe? Mãe? Pai, a mãe não acorda!», gritei, já em pânico.

Nesse dia, o meu pai chegou ao mesmo tempo que uma ambulância. A minha mãe havia tomado demasiados comprimidos e vomitara depois da

chegada dos socorristas que, conscientes da importância de a levarem para o hospital, esperavam que estabilizasse e auxiliavam-na de forma que (percebi depois) não sufocasse com o próprio vómito. O meu pai estava com o olhar vidrado e aqueles minutos em que, tanto eu como ele, estávamos ali, ao pé de dois estranhos, enquanto a minha mãe se desfazia ruidosamente, expulsando tudo o que tinha tomado horas antes, o pequeno-almoço, o jantar do dia anterior, foram dos mais tristes e confusos da minha vida. À época, não pensei que a minha mãe o pudesse ter feito de propósito. Olhava-a e achava que ela também era infantil, uma criança menos criança do que eu, mas menos adulta do que o meu pai, e imaginei-a a acordar aflita, agradecida por termos chegado a tempo, baralhada por ter tomado a dose errada.

21

Também vivemos dias muito bons. As duas, os três. Uma das coisas que a minha mãe mais gostava de fazer era pintar; a outra, era dar passeios à noite, a pé, quando já ninguém o fazia. Lembro-me de ser pequena e de os meus pais me levarem a caminhar com eles depois de jantar: eu tinha uma bicicleta com rodinhas e andava sempre um pouco mais à frente, de forma que não me perdessem de vista nem tivessem de abrandar o ritmo à minha espera. Nesses passeios, eles conversavam, às vezes, a minha mãe até se ria alto e o meu pai tocava-lhe, ocasionalmente, no ombro, como se ela precisasse que ele lhe indicasse o caminho. (Agora, sei que era carinho.) Eu acelerava até quase deixar de os ver e, depois, punha os dois pés no chão e virava-me para trás, para os contemplar a andarem na minha direção: essa imagem, dos dois a dirigirem-se a mim, como se estivessem sempre no mesmo compasso, como se fôssemos uma família feliz — a mim, naquelas noites, parecia-me que éramos, que só podíamos ser —, era a minha preferida, a que mais esperança me dava.

Com o passar dos anos, e o agravamento da maluquice da minha mãe (era assim que os meus colegas na escola se referiam às coisas que ela fazia, apelidavam-nas de maluquices), os passeios foram ficando cada vez mais espaçados, até deixarem de acontecer.

*

«Mãe, podes desenhar um elefante?»

Ela olhava-me com muita atenção, fazia um ar desconfiado e, ainda de semblante fechado, devolvia-me a pergunta.

«Será que eu posso desenhar um elefante?»

Eu ficava expectante, fazia figas para que ela fosse capaz, ria-me com as expressões de ceticismo exageradas que me entregava segundos antes de começar a trabalhar. Havia sempre magia nas coisas que ela fazia, nos desenhos que me oferecia. Lembro-me de a contemplar deitada no chão com uma folha de papel e de eu estar de pé a observá-la a criar: primeiro, um grande ovo que fazia de corpo; depois, um círculo para a cabeça; uma linha curva que descia e, depois, subia, criando, assim, a tromba; as orelhas começavam por ser apenas duas formas arredondadas, grandes, nascidas nas laterais da cabeça, e as pernas não passavam de quatro retângulos ou cilindros desenhados na parte inferior do corpo. Os olhos, a cauda e as unhas eram os detalhes dos quais eu me encarregava, e, juntas, celebrávamos mais um animal parido pela nossa imaginação.

«Um elefante!», dizia eu, em êxtase.

Ela abraçava-me e gritava comigo: «Um elefante!»

(Tenho muitas saudades tuas, mãe. Saber-te viva é tão doloroso. Porque me fizeste isto?)

22

No dia anterior a completar dez anos — meses antes de sair da primária e de ir para a escola dos que me pareciam crescidos, enormes, como eu só seria dali a muitos anos —, ouvi os meus pais a conversarem na sala. Eles não comunicavam por aí além, normalmente, a minha mãe falava e o meu pai ouvia, e, quando estávamos os três, ele parecia só olhar para mim, como se ela fosse transparente ou um fantasma da minha imaginação, ao contrário da minha mãe, que olhava para os dois e suplicava que fizéssemos o mesmo, que nos virássemos para ela e lhe dedicássemos toda a nossa atenção. Estavam a falar da minha festa de aniversário e eu fiquei escondida atrás da porta porque me parecia uma surpresa, e eu, ao contrário da maioria das crianças (percebo, em retrospetiva), tinha uma perceção muito clara de que, se a estragasse e aparecesse naquele momento, podia desiludir a minha mãe, destruir aquele dia, acabar com qualquer hipótese de que os meus dez anos fossem celebrados. No entanto, apesar de todo o cuidado, acabei por os desapontar na mesma com a minha reação.

«Mas os miúdos da escola dela fazem sempre uma festa de anos, nós também temos de fazer, Clara», disse o meu pai, num tom calmo, de olhos fixos na televisão.

«Ela não quer!», berrou a minha mãe.

Eu apareci e disse que queria, que gostava muito de ter as minhas amigas lá em casa, para brincarmos como brincávamos na escola. Lembro-me de ficar triste, de ver os objetos para os quais olhava a perderem as suas formas, a ficarem desfocados. Receosa de enfrentar os meus pais, disse «acho que vou chorar» baixinho, apesar de a minha mãe já me ter explicado que não o devo fazer, que a deixa muito nervosa e preocupada. (Chorei.) O meu pai descansou-me e chamou-me para o seu colo, prometeu-me que íamos fazer uma festa, que eles só estavam a ver como iam fazer, se dentro

de casa ou no jardim. Insistiu que não tinha de me preocupar, que até estava a pensar ir comigo à pastelaria do centro comercial para que fosse eu a escolher o bolo e a cor das velas. Fiquei radiante, mas, quando olhei para a minha mãe, de pé, parada junto ao sofá onde eu e o meu pai estávamos sentados, eu ao seu colo, ele a mimar-me, com cuidado e amor, ela estava com os olhos inundados de lágrimas, impenetrável, especada.

«Ficas triste, mãe?»

Riu-se muito alto, uma gargalhada que vem de dentro, guardada, largada à desbandada, sem reflexo no olhar, que permanece pesaroso e fixo num ponto que me ultrapassa, a mim e ao meu pai, e diz que não, mas eu assusto-me com a sua expressão. A minha mãe parecia ser duas numa, um corpo descoordenado.

Ficámos em silêncio. Minutos depois, enquanto me afaga a cabeça, o meu pai parece pressentir que continuo preocupada e sussurra-me «ninguém está triste».

Era mentira, a minha mãe estava e ele também, mas ser criança tinha essa benesse: acreditava naquilo que me diziam, mesmo que o meu instinto me dissesse o contrário, ainda que sentisse um peso no coração, qualquer coisa que teimava em me puxar para baixo. Era a inocência própria da idade e a esperança de que ele estivesse correto, até porque a tristeza da minha mãe me fazia mais triste do que a minha.

No dia seguinte, acordei e sabia que era o dia do meu aniversário. Levantei-me da cama a correr para o quarto da minha mãe: havia um entusiasmo muito próprio de chegar aos dois dígitos, e não sabia de mais ninguém com quem o quisesse partilhar.

(Os meus pais não dormem juntos, nunca dormiram: não sabia que isso era estranho, até dormir em casa de uma amiga — da única vez em que a minha mãe mo permitiu —, e de ver os seus pais a saírem do mesmo quarto. Comentei com a dona da casa e organizadora daquela festinha do pijama «os teus pais dormiram juntos!», espantada, divertida, naquela idade em que já sabia que os bebés não vinham do céu trazidos por cegonhas, e os rapazes na escola diziam que, mais cedo ou mais tarde, também iam fazer sexo. Ela respondeu-me com muita naturalidade, como se eu fosse uma criança mais pequena ainda do que era e a nossa diferença de idades fosse abismal, não de apenas algumas semanas, «claro, dormem todos os dias, eles são namorados». Os meus pais não eram namorados: nunca foram? Achava que

não, porque sempre dormiram separados: a minha mãe, no quarto, o meu pai, na sala, numa cama improvisada que de dia virava sofá, com os lençóis e a almofada arrumados num canto. À noite, ele dormia ali, durante o dia, eu e a minha mãe deitávamo-nos a ver filmes e a fazer de plateia uma para a outra, enquanto representávamos o melhor que sabíamos.)

Passei pela sala em pés de lã, vi o meu pai a dormir, o que não me espantou, via-o todos os dias ali, se acordasse antes dele, e continuei a caminho para o quarto da minha mãe, para lhe dizer que faço dez anos. Ela estava acordada, continuava deitada na cama, não me recebeu com muito entusiasmo, mas, assim que entrei, chamou-me para dentro da cama e contou-me sobre o dia em que nasci. Disse-me que, por minha culpa, inchara muito, fora ficando gorda, cada vez mais gorda, e que, antes de mim, era uma mulher muito bonita e elegante, que até os homens lhe pediam o número de telefone e a mão para dançar aos fins de tarde na associação recreativa da vila onde moravam.

Ouvi-a atentamente, esperando que me cantasse os parabéns como era costume fazerem na escola, ou até que fosse buscar um presente. No entanto, os planos da minha mãe eram outros, e não me atrevi a interrompê-la — apesar de o querer fazer — quando falou dos enjoos que sentiu durante os nove meses, a azia que eu lhe provocava, a intolerância às coisas de que mais gostava e que, por culpa minha, passou a não conseguir digerir, e sobre o seu inchaço, a dor na lombar, a dificuldade que teve em, a certa altura, apertar os sapatos, e todas as coisas que foi comprando até à minha chegada, o dinheiro que gastou, as coisas que só usei uma vez porque teimava em crescer todos os dias.

«Fui a uma loja muito longe daqui, para ter a certeza de que ninguém tinha um igual ao nosso, e escolhi aquele peluche com que tu brincaste sempre quando eras bebé, fui eu que te comprei o urso castanho com que andavas sempre, eu sabia que ias gostar dele, eu também me apaixonei por ele, lembras-te?» Eu fazia que sim com a cabeça.

E ela continuou. Disse-me que, um dia, dez anos antes daquele, sentira uma dor muito forte, seguida de outra igualmente forte, e de outra, e de mais uma, e que eu estava a querer sair. Às primeiras contrações, resistiu, explicou-me, naquele dia, que não se queria ver livre de mim, que tinha medo de que eu viesse cá para fora e, depois, já não quisesse saber dela, que gostava que fôssemos só uma, que fingira que eu continuava bem dentro

dela, mas que, a seguir, o meu pai se tinha apercebido e que a obrigara a ir para o hospital. Começou a chorar e eu abracei-me a ela, era o meu aniversário, eu fazia dez anos e a minha mãe lamentava-se do parto, dizia que tinha ficado magoada comigo por eu querer viver fora dela, quando ela me tinha dado tudo, quando tinha mudado o seu corpo para me acomodar. Eu estava assustada — foi uma das várias vezes em que me senti aterrorizada, ao longo da minha infância, com as memórias e histórias da minha mãe —, mas isso não a demoveu. Falou-me da dor dilacerante que a minha saída lhe infligiu, do sangue e da porcaria em que vim envolta, do rasgão que a passagem do meu corpo para o mundo lhe provocou, deixando-a menos atraente, quebrando o mistério que fizera com que o meu pai se apaixonasse por ela. E, mesmo antes de ele bater à porta do quarto, timidamente, como se não conhecesse quem lá estava dentro, disse-me que desde cedo lhe causei dor, tão cedo que ainda mal abria os olhos e já feria o seu peito, abocanhando mal, sugando mal, pegando mal. Apesar disso, nunca me odiou, nunca desistiu, e era por isso que eu ali estava, que, naquele dia, eu estava ali.

«Feliz aniversário, Matilde!», exclamou o meu pai.

Salvou-me. Cantaram-me os parabéns, ele, a minha mãe, e eu também os cantei, sabia, sem saber, que não tinha feito por mal, que não a inchara para a pôr feia, menos apelativa, que não a tinha magoado com intenção, e que, se a pudesse proteger, fá-lo-ia sem pensar duas vezes, ainda que desconfiasse de que os papéis estivessem invertidos.

«Tu roubaste-me a beleza, quase me roubaste o teu pai, ele ficou comigo por tua causa, e, depois, viu-te e parecia que nunca mais ia reparar em mim, ainda te odiei um bocadinho, só que não consegui mais, não podia odiar-te, o amor foi avassalador, a minha filha, minha mais-que-tudo…»

Eu estava debaixo dos lençóis, encostada ao seu peito, ao corpo magro e flácido pelo qual eu era responsável. Não sabia o que dizer.

«Antes de tu apareceres, eu e o teu pai namorávamos muito, andávamos de mãos dadas na rua, não tínhamos pressa para nos despedirmos, o teu pai deixou a família por mim, parecia que só eu importava, que era tudo para ele, eu e aquela loja…»

*

No sábado seguinte, foi a minha festa de aniversário lá em casa, conforme os meus pais me haviam prometido, e eu lembro-me de olhar para a minha mãe e de pensar que ela estava muito feliz e isso, para mim, que tinha dez anos e todas as minhas colegas da escola presentes, era a melhor coisa que me poderiam dar. Agarrava-me e beijava-me, mostrávamos aos meus amigos, concentrados no pequeno jardim da nossa casa, as coisas que, juntas, sabíamos fazer (pequenas danças, pulseiras de missangas, uma grande pintura numa parede lateral que tinha espantado o meu pai), e tudo parecia estar bem.

No entanto, quando eu quis ir brincar às escondidas com todos (menos ela) e lhe disse que já voltava, para me esperar naqueles degraus onde também nós esperávamos tantas vezes pelo meu pai, apertou-me a mão e disse-me que eu não a podia deixar sozinha.

«Mas, mãe, eu não vou sair daqui de casa. Vou esconder-me ali», apontei para uma laranjeira, «atrás daquela árvore.»

Recordo-me do seu rosto e de lhe ver pânico e medo, como se a estivesse a abandonar no meio da selva, a entregá-la à morte certa, dolorosa, lenta.

«Eu preparei esta festa para ti, mais ninguém fez nada para que esta festa existisse, se não fosse eu, não estava aqui ninguém», respondeu-me, de olhos fixos nos meus.

Insisti uma vez mais.

«Mas eu estou aqui, vou só esconder-me um bocadinho.»

Não fui. Fiquei a ver os meus colegas da escola a brincarem, de mão dada à minha mãe. Ela estava de novo calma, leve, como se não me tivesse obrigado a ficar ali.

Ao fim da tarde, todos os pais foram buscar os meus convidados e nós voltámos a ficar apenas os três.

«Gostaste da tua festa de anos?», perguntou o meu pai, que tinha aproveitado o rebuliço da criançada no jardim da frente para cuidar da horta lá atrás, sossegado.

«Sim.»

Estávamos à mesa. O jantar era piza, porque a refeição ainda se enquadrava nas celebrações do meu aniversário, e cada um de nós bebia um refrigerante diferente. À nossa volta, na bancada da cozinha, estavam os restos daquela tarde: alguns croquetes, meia dúzia de sandes-triângulo, duas

fatias generosas de bolo de aniversário. A minha mãe estava com um ar estafado, mas feliz.

«Fartámo-nos de brincar», disse, enquanto poisava a sua mão na do meu pai, «foi uma grande festa!»

Esta memória dos meus dez anos é só uma das muitas que guardo.

23

Conheci o meu corpo através do corpo da minha mãe. Era a olhar para o dela, no exercício de o comparar ao meu, que confirmava que éramos pessoas diferentes, que existia essa hipótese, de não ser igual a ela. No entanto, até mais de metade da minha vida, talvez até há pouco tempo, isso amedrontava-me, diminuía-me e deixava-me em pânico. Eu queria ser como a minha mãe, não achava que podia ser diferente, julgava-me réplica do sismo que ela era. E se não fosse como a minha mãe, quem seria?

Desde aquele dia em que achei que ela tinha morrido, questiono-me se ser como a minha mãe, com tudo o que isso implica de bom e de difícil, será ou não hereditário. Se tenho escolha, ou se vou acabar por ficar assim, submersa num sofrimento insuportável, sem ver uma saída que não a morte (ou o seu fingimento). Neste esforço de me pôr nos seus pés — acreditando, com todas as minhas forças, que ela não era má, manipuladora, que não tinha mau caráter nem era egoísta —, há uma certeza que me devolve ao presente, e me serve de despertador: eu não tenho a quem me agarrar, nem ninguém agarrado a mim, e, por isso, aquilo que vivi com a minha mãe é irrepetível. Não existe uma criança para salvar porque já deixei de o ser há uns anos.

*

Os dias continuam a passar. O meu corpo recolheu-se e o espaço que ocupo numa casa que se agiganta é cada vez menor: agora, só sou eu, mas já fomos três. Sei que vou ter de me preocupar comigo, com o que como, com as horas que durmo, com o trabalho que me serve de sustento.

Não consigo tomar uma decisão sem voltar atrás.

*

Creio que era sábado ou domingo, o meu pai estava em casa, na sala, em frente à televisão, e eu e a minha mãe, na casa de banho. Ajudou-me a despir a roupa — não era assim tão pequena, devia ter onze ou doze anos, porém, ainda oferecia alguma resistência àquele momento —, e também tirou a sua: tomámos banho juntas, fazíamo-lo muitas vezes, ainda que eu já soubesse ler e escrever na perfeição, que me desenrascasse a fazer o pino contra a parede e que até já conseguisse verificar a honestidade do senhor do café, confrontada com o troco que este me dava quando lhe entregava uma nota de cinco euros para pagar o café da minha mãe. Ela dizia que não sabia enxaguar o cabelo como deve ser, que, sem ela ali, a auxiliar-me, a tomar conta de mim, passaria o dia seguinte a coçar-me, cheia de neve na cabeça, e que se diria por aí que eu tinha piolhos.

Via a minha mãe nua e reparava que tinha muitos riscos no interior das coxas, uns vermelhos, outros esverdeados. Ter-se-ia pintado, como se fosse uma folha de papel? Não sabia o que aquilo significava — demorei muito tempo a percebê-lo —, mas, na comparação com o meu corpo, o dela parecia-me estranho, doente.

Perguntei-lhe se se tinha magoado, se também escorregara na escola (já na altura, achava que a minha mãe não tinha um trabalho, pelo menos, não como o do meu pai, que o obrigava a sair de manhã e a regressar só à noite) ou se um rapaz como o Manel também a tinha empurrado do baloiço, como a mim me havia feito dias antes. A minha mãe respondeu-me com carinho, apertou-me as bochechas e disse que o seu corpo era assim, que já nascera com ele deformado, «mas tu ainda és saudável, o teu corpo ainda não é como o meu». (A ideia do «ainda»: uma questão de tempo, vou acabar assim.)

Pediu-me que não me preocupasse, mas, aí, eu já estava entretida na banheira, a ver os meus joelhos a desaparecerem na espuma do gel de banho que abundantemente despejou antes de entrarmos. Não me preocupava.

*

Pouco depois de me ter tornado mais alta do que a minha mãe, deixámos de tomar banho juntas. De quando em vez, via-a nua — não tantas quanto poderia ter visto, esforçava-me por o evitar —, mas, sempre que tal acontecia, lá estavam os cortes, ora recentes, ora marcas do passado.

«Mãe, como é que isso aconteceu? Estás cheia de cortes…», perguntava-lhe, já adolescente.

Ela fitava-me sempre com muita vergonha, como se não pudesse acreditar tê-lo feito novamente.

«Não podes fazer isto. Não precisas de fazer isto», dizia-lhe, aflita, por vezes, irritada, como se eu não pudesse fazer aquele desplante, meter-me na vida de quem mais amava.

A minha mãe continuava envergonhada, mas tinha sempre espaço para sentir alguma raiva. (Eu achava que era de mim, mas o meu corpo estava imaculado e o dela parecia ser um campo de guerra.)

«Foi a tristeza.»

A tristeza, a cólera, o medo de ser abandonada. Na cabeça da minha mãe, as minhas idas para a escola eram um teste à sua capacidade de sobrevivência, e as chamadas que o meu pai não conseguia atender, por estar com um cliente ou a passar de carro por um polícia, uma prova inequívoca de que ele não queria saber dela. De nada valia dizer-lhe que íamos regressar, ou que não tínhamos dito determinada coisa por mal, ou que ela tinha de ter calma: tudo a perturbava mais, era um copo cheio de água para onde desaguava um oceano. Falar com a minha mãe era como cavar um túnel com uma colher de chá: se existiam progressos, eram tão pequenos, tão insignificantes, tão singelos que… a certa altura, parecia sempre que estava tudo igual ou cada vez pior.

«A tristeza: odeio essa filha da puta.»

24

Há quem tenha a sorte de ser quem é, de ter um nome e uma história, de ver saídas e de poder sonhar com uma imensidão de caminhos. Eu, por outro lado, fui sempre a filha daquela. Parece-me que pouco vai interessar aquilo que eu fizer daqui em diante, as coisas que eu disser, os esforços por ser diferente dela, daquela: não tenho esperança de que me libertem. Mais do que uma alcunha ou uma ferramenta de associação, ninguém me via para lá da minha mãe, do laço que nos unia e que a mim me sufocava. Sou a filha daquela.

Aquela que me ia levar e buscar à escola todos os dias, e que tanto o fazia de pijama e botas de borracha, como aparecia muito maquilhada, como um palhaço.

Aquela que começava a gritar mal me via, receosa de que eu não a encontrasse, tanto nos dias em que estavam todos os pais ao portão, na infância, como naqueles em que apenas ela me esperava, pois os meus colegas já iam sozinhos, de transportes ou a conduzir as suas motorizadas.

Aquela que me acompanhava a todas as festas de aniversário dos amiguinhos da escola, mesmo quando já nenhum pai lá ficava, porque tinha receio de que alguma coisa de mal me pudesse acontecer, ou que eu não quisesse regressar a casa. Aquela que foi responsável por eu deixar de lhe dizer que tinha recebido convites, até ao dia em que, por nunca ir, deixei de ser convidada.

Aquela que esperava todos os dias pelo meu pai, sentada num degrau da entrada da nossa casa, e que, quando ele chegava, se levantava irritada e lhe dizia que já não era sem tempo, muitas das vezes, depois de muito chorar, agarrada a mim, convencendo-me de que havíamos sido abandonadas, e que, sem ele, não sobreviveríamos. A que me jurava que, se o meu pai desaparecesse, desapareceria também, e que não se parecia lembrar, ainda

que me dissesse isto nos meus olhos, tinha eu sete anos, que isso significaria largar-me aos lobos, deixar-me por minha conta.

Aquela que nem sempre tinha força para se levantar da cama, e que estava disposta a regressar ao quarto se qualquer coisa, por mais pequena que fosse, a contrariasse. Não se ralava com as refeições que eu acabava por não fazer, com o banho que não me ajudava a tomar, com os horários da escola que eu tinha de cumprir. Ora estávamos as duas e a minha mãe era tudo aquilo que eu podia pedir, ora estávamos exatamente as duas, no mesmo sítio, num dia em tudo semelhante, mas acontecia alguma coisa e essa coisa destruía-a por tempo indeterminado. A mim, criança, cabia-me esperar, desenvencilhar-me o melhor que conseguia, crescer.

*

Os vizinhos viam-me e sussurravam entre eles: «é a filha daquela». Aquela que não os cumprimentava na fila do supermercado, nem lhes abria a porta quando estes só queriam avisar o meu pai de que ele tinha deixado as luzes da carrinha ligadas e que, assim, não pegaria no dia seguinte.

Aquela que me acusava de ser egoísta e mal-agradecida quando eu lhe perguntava se podia estar mais um bocadinho com os meus amigos depois das aulas. Ou ir para a dança. Ou fechar a porta do meu quarto porque, à medida que os anos passaram, vi-me intolerante a qualquer luz na hora de adormecer.

E eu moldava-me e ajustava-me e fazia tudo para que ser filha daquela fosse ser filha de uma mulher feliz, mesmo que isso implicasse não ser nada além desse título. Descobri, após a morte da minha mãe, que preferia tê-lo a ser a «órfã daquela». Ao menos, aí, ela estava ao pé de mim.

*

Com o passar dos anos, as coisas foram-se complicando, e eu fui crescendo com um sentimento muito forte e claro de que aquilo que eu vivia era injusto, diferente. Paralelamente, tinha muito medo. Medo de que as minhas atitudes espoletassem um ataque de raiva na minha mãe, medo de que as pinturas que decidia fazer pelas paredes da nossa casa, tantas vezes

sombrias e escuras, levassem o meu pai a abandoná-la e que, aí, ficássemos só as duas.

Mais do que aquilo que se passava dentro de nossa casa, e que eu receava, porque era uma criança e, depois, uma adolescente e não sabia o que esperar, tinha muito medo daquilo que podia acontecer perante os outros, que a exporia, que nos deixaria a nu. A minha mãe era um segredo bem guardado, sabia como falar dela e que qualidades exaltar, nunca precisei que, em casa, me pedissem que só contasse as coisas boas: parecia-me muito evidente que era a única forma de nos mantermos juntos, os três, como devíamos estar.

(De cada vez que tocava a campainha, ao fim da última aula do dia, eu era invadida por suores frios, começava a sentir uma espécie de formigueiro na zona do peito, batia os pés como forma de me acalmar. Os professores não percebiam, ralhavam-me ou pediam-me calma, diziam que mais dois minutos e todos sairíamos, não admitiam aquela pressa toda para ir brincar ou conversar com as minhas amigas. Eu não era a única, todos queríamos que o dia de aulas terminasse, o recreio era mais apelativo, mas eu tinha uma história para trás que me fizera comportar assim para a frente. Tinha muito medo de que um atraso de um professor a terminar a última aula do dia pudesse ser a razão pela qual a minha mãe bateria — outra vez — com a cabeça nas grades da minha escola até perder os sentidos. Já tinha acontecido, e ainda hoje recordo a cara da funcionária que apareceu na sala onde eu estava, esbaforida, e me chamou porque uma ambulância levaria a minha mãe em breve. Ela recusava-se a ir-se embora sem mim e o meu professor tinha-se recusado, até então, a deixar-nos sair porque nos tínhamos portado mal. Assim que me aproximei dela, assustada, preocupada com o seu estado de saúde e com o que poderia ter acontecido, vi-lhe um hematoma na testa e um fio de sangue a descer o rosto.

«Filha!», disse-me, comovida, «achei que já não estavas na escola, que tinhas fugido…»

Eu não sabia o que dizer, o socorrista não sabia o que fazer porque a minha mãe insistia que já estava ótima, e os meus colegas, que também tinham ficado na escola depois do toque, rodeavam-nos como se estivéssemos a dar rebuçados, curiosos, especados com aquele veículo incomum de se ver à porta da escola.)

25

Uma das coisas que tive de aceitar foi a minha mãe não ser boa a interagir com pessoas. A dado momento, percebo-o agora, fomos responsáveis pelo seu isolamento, como se a quiséssemos só para nós. (Notas que fui fazendo para nunca me esquecer: ela não faz por mal, mas não consegue ser melhor. As pessoas não a percebem. Não devo convidar ninguém para a nossa casa. Devo estar com as pessoas na rua ou em casa delas. Tanto quanto possível, e sem que ela perceba, devo tentar que a minha mãe não vá comigo. Se estiver pronta antes da hora combinada, evito que se sinta ansiosa à minha espera. Muito importante: esperar sempre a minha mãe à porta da escola, ou, se quem estiver na portaria permitir, já à beira da estrada, do outro lado da rua, como se o trânsito fosse de sentido único e a minha mãe fosse aparecer de carro.)

Nunca tivemos o hábito de receber. O meu pai jamais convidava amigos para lá irem, e, por isso, os poucos que teve e que conheci foi porque, por vezes, íamos nós a casa deles almoçar ao sábado, ou encontrávamo-nos no parque, junto ao quiosque onde os adultos ficavam a beber cervejas e nós, crianças, nos deliciávamos com a liberdade de movimentos que nos era oferecida, ali, debaixo dos seus olhos. A minha mãe não nos acompanhava, as nossas aventuras eram sempre nos intervalos das suas vontades, nos momentos em que o cansaço se abatia sobre ela e em que precisava de dormir.

(Ainda hoje me questiono se terá sido sempre assim ou se houve um tempo, no qual eu não era nascida, em que os meus pais conviviam com outras pessoas, tinham amigos, planos fora de casa. Não os consigo imaginar rodeados de outros, muito menos a minha mãe, tão especial, tão diferente, à mercê de outros humores, de pessoas que não sabem as coisas de que ela gosta, os desafios que não pode enfrentar. Por algumas coisas

que o meu pai me disse nos últimos anos, acredito que não tenha sido sempre assim: o tempo, as experiências malsucedidas e o receio de que uma nova tentativa de confraternização destruísse irremediavelmente as poucas relações que o meu pai mantinha foram os responsáveis por nos termos isolado cada vez mais. Antes — de eu nascer, de a minha mãe ser como era —, eles conviviam com outras pessoas, o meu pai apaixonara-se por ela num dia em que estavam num parque cheio de gente, em que vários jogavam ao martelo. Lembro-me de o meu pai me contar que a minha mãe nunca tinha tido muitos amigos, mas que gostava de uma cunhada dele, mulher do irmão do meio, o meu tio José: apesar disso, respondeu-me depois de eu perguntar, acabaram por perder a ligação, «a tua mãe dizia que ela não gostava dela, não se convencia de que eu não era a única pessoa do mundo que queria o bem dela».)

A minha decisão de nunca mais convidar quem quer que fosse para a nossa casa foi tomada na noite antes do baile de finalistas do ensino secundário. Eu tive dificuldades em fazer amigos, não fui — ao contrário daquilo que sempre imaginei quando era pequena e via os outros a brincarem no parque infantil —, uma criança ou jovem sociável. (Tenho amigos? Porque nem me lembrei de ligar a um deles aquando da morte do meu pai?) A constante preocupação com os horários, com a minha mãe estar à minha espera, o receio de que me convidassem para coisas ao fim de semana e que isso a implicasse, o medo, à medida que fui crescendo, de me acharem estranha pela relação umbilical que tinha com ela, tudo isso me inibiu. No entanto, nos primeiros meses do décimo segundo ano, por uma escolha pouco pensada de optativa — o espanhol em vez do francês —, fiz duas amigas, a Cristiana e a Marta, com quem gostava de estar e conseguia ser (seja lá o que isso for) eu própria. Lembro-me de que combinámos ir juntas ao baile e que, já não sei o porquê, a minha casa foi o local eleito para os preparativos e dormida para o dia seguinte.

«Mãe, elas podem dormir cá?»

A minha mãe estava a pintar uma tela que o meu pai lhe tinha oferecido dias antes. Nesses momentos, absorta no exercício de retratar aquilo que era a sua cabeça, eu olhava-a e achava-a bonita, a mais bonita de todas. A forma como agarrava o pincel, as costas direitas (coisa rara na postura de quem se queria esconder do olhar alheio), o rosto compenetrado. O que inicialmente era um cais, com barcos à vela e outros a motor, num dia de céu limpo e

sem lixo à vista, tornava-se, à medida que pincelava mais e mais, num cenário apocalíptico, com trovões e descargas elétricas capazes de deixar um rasto de destruição inestimável nas aldeias costeiras. Mirou-me com pouca atenção — a pintura era a única atividade que a consumia mais do que ela própria —, e disse-me que sim, que podiam dormir em nossa casa. Abracei-a e ela sorriu, enquanto se esforçava por encontrar o tom de vermelho perfeito para pintar um dos cascos.

Na noite anterior ao baile, ciente de que, por vezes, a minha mãe se esquecia das coisas, recordei-a de que, no dia seguinte, quando me fosse buscar à escola, a Cristiana e a Marta também viriam. Era uma sexta-feira.

«Cá para casa?», perguntou-me, perplexa.

Disse-lhe que sim, que lhe tinha pedido autorização e que ela tinha deixado.

«Está bem.»

Respirei de alívio.

*

Nunca me vou esquecer dessa noite: não a do baile, mas a que a antecedeu. Eram quatro da manhã quando comecei a ouvir uns barulhos. Primeiro, fiquei parada, debaixo dos lençóis, a tentar decifrar aquilo que estava a acontecer no corredor. Não pensei, por um segundo que fosse, que pudessem ser ladrões ou alguma ratazana desgovernada: o meu primeiro instinto foi pensar que era a minha mãe, porque era sempre ela. O maior caos vivia-o em casa, os perigos do exterior pareciam-me sempre longínquos e absurdos: na insegurança e imprevisibilidade, havia a certeza (ou ilusão) de que não podia ser pior, ou mais inconstante, ou mais incompreensível, do que aquilo.

Já desperta, decidi levantar-me e espreitei para o corredor.

Lá estava ela, como se fosse dia, a tirar as coisas todas dos armários e a mandá-las para o chão. Eu tinha dezasseis ou dezassete anos e, apesar do choque inicial — aquela sensação de confusão e de impermanência de quem é acordado com barulho a meio de um ciclo de sono e se dá conta do breu que continua lá fora —, prontifiquei-me a ajudá-la. Não lhe perguntei porque estava a fazer aquilo, nem tive coragem de lhe virar costas, fingir-me surda ou com o sono pesado: eu sabia que a culpa era minha, que era

pelo meu pedido, pelo aproximar do dia em que as minhas amigas lá estariam, pela inevitável passagem do tempo que me retirava a meninice e me fazia mais crescida. Fiquei uns segundos a olhar para aquele cenário… No chão, casacos, sapatos, livros, e ela, obsessiva, melindrada. Tanto me parecia uma criança desprotegida, inocente, que só precisava do colo da sua mãe, como uma chita, atenta, camaleónica, pronta a atacar e certa de que não falharia.

«Mãe, do que precisas?»

Olhou-me com desprezo. Não o fazia muitas vezes, só quando eu a magoava, ou me atrasava, ou lhe pedia coisas que ela não achava boas para nós.

«Agora?!»

Não respondi e agachei-me junto dela. Tinha vários sacos pretos do lixo já cheios, de papéis, molduras, pequenos objetos que outrora estiveram expostos, e uma lata de tinta branca aberta.

De um momento para o outro, agarrou num rolo, mergulhou-o e começou a pincelar as paredes. Eu não sabia o que fazer, estava ainda meio a dormir e nada daquilo me parecia normal.

O meu pai apareceu e interrompeu-a.

«Clara, são cinco da manhã… O que estás a fazer?»

Ela começou a chorar e gritou que tinha muita vergonha dos seus desenhos.

«Não quero que as tuas colegas da escola vejam o que eu pinto!», gritou, na minha direção, num tom acusatório e cheio de raiva.

«Mas elas são minhas amigas, mãe, e elas vão gostar de certeza», respondi, de imediato, com cuidado.

«Quais amigas?», berrou, cada vez mais alto, «Tu não tens amigas! Achas que elas gostam de ti? Elas vão ver aquilo que eu faço e vão contar a toda a gente, vão gozar contigo na escola, vão dizer que eu sou maluca e tu não vais querer ser minha filha, ninguém te ama como eu, elas não te merecem nem merecem vir cá a casa!»

Os meus olhos encheram-se de lágrimas e eu deixei que elas escorressem. Não sabia o que dizer, desisti.

Falava muito alto e sem pausas, como se fossem óbvias as razões daquela empreitada e ofensivas as dúvidas. A minha mãe sentia a presença das minhas amigas como uma afronta, uma invasão hostil e violenta do único

sítio onde se sentia segura. Não queria que lhe conhecessem o cérebro, que fossem tão a fundo que a pudessem desvendar. Aquela casa era o seu abrigo.

O meu pai esfregou os olhos, passou-me a mão na cabeça e um pouco de papel higiénico para as mãos, para que enxugasse as lágrimas e assoasse o nariz, e foi à garagem buscar mais rolos, alguns pincéis e plásticos para cobrir os móveis.

Passámos essa noite e o dia seguinte a pintar. Não fui à escola, nem ao baile. Eles não se lembraram, deixou de ser sobre mim, nunca era nem podia ser sobre mim. A Cristiana e a Marta foram e eu afastei-me: não sabiam o que tinha acontecido e eu também não lhes quis dizer. Era impossível explicar a minha mãe. Convivi com ela dezoito anos e, mesmo assim, não a conheço: sei-a viva agora, e não sei o que fazer.

26

Lá fora, há um pássaro que teima em assobiar quando passo pelas brasas. Se o meu pai aqui estivesse, saberia dizer de qual se trata: com sorte, até teria alpista no bolso para o chamar e lhe dar uma reprimenda.

*

Os longos períodos que passo deitada no sofá, a recordar o passado e a sobreviver ao presente, são interrompidos por idas ocasionais ao corredor, onde o telefone fixo, poisado numa mesinha de pinho antiga, enfeitada com um jarro abandonado, vai tocando de vez em quando. Os clientes do meu pai querem saber onde ele está e em que dia reabre a loja.

«Preciso de qualquer coisa para matar o bicho que me atacou a laranjeira.»

«Já tinha pagado dois quilos de terra vegetal adubada, tenho os canteiros vazios à espera…»

«O senhor Tó morreu?»

A tristeza daqueles que conheceram o meu pai conforta-me e dá sustento à que sinto. Soa mal escrevê-lo, mas é como é: saber que a sua falta é sentida, que a sua morte foi inesperada e que eu não podia ter feito nada para a evitar, que também para os outros ele era importante, faz-me amá-lo mais, ter mais saudades ainda. Conto-lhes o que aconteceu e peço-lhes paciência: não sei o que vou fazer com a loja, nem se algum dia lá terei coragem para entrar.

«O teu pai era um bom homem», diz-me um.

«Vou deixar na caixa de correio um envelope com trinta euros, que era o valor que eu devia ao Tó das últimas compras. Muita força», respondeu-me outro.

Regresso ao sofá e não consigo evitar lembrar-me dos dias que se seguiram à morte da minha mãe: a nossa casa estava em silêncio. Ninguém nos telefonou, nem ninguém veio cá perguntar por ela. Ao contrário do que acontecia agora, depois da morte do meu pai, a passagem da minha mãe pela vida foi insignificante para todos, não mudou absolutamente nada para ninguém… Foi como se só nós a conhecêssemos e só nós a pudéssemos chorar. Lembro-me de o meu pai estar enterrado aqui, neste mesmo sítio, com as mãos na cabeça e os olhos vermelhos, e de me ver a espreitar no corredor, e pedir que me aproximasse.

«Nós vamos conseguir. A tua mãe tem muito orgulho em ti e tinha a certeza que nós íamos conseguir.»

As lágrimas do meu pai, naquele dia e nos seguintes, eram verdadeiras. A tristeza que viveu não se fabrica, não é inventada. Como pode ela não ter morrido? Onde está a minha mãe? E porque os dias passam e eu não vou ao seu encontro?

27

As férias escolares eram sinónimo de solidão. Era nesses períodos que me sentia mais claustrofóbica, quase sempre fechada em casa, tantas vezes apenas eu e a minha mãe. Quando era criança, conseguia convencê-la a irmos até ao parque — tenho memórias muito felizes no sobe-e-desce, sempre em cima, com os pés longe do chão, a voar pela nossa diferença de pesos —, mas, à medida que fui crescendo e perdi o interesse por esses espaços, perdi, também, um dos poucos lugares a que podíamos ir as duas. A minha mãe não gostava de passear durante o dia, porque a luz solar lhe dava fortes dores de cabeça; não gostava de ir ao centro comercial, porque o barulho e as pessoas a incomodavam; não gostava de dar um passeio no parque ao fim da tarde, porque temia que um cão foragido nos pudesse atacar; e não gostava que eu fizesse qualquer uma destas coisas sem ela, exatamente porque, aí, a deixava de fora, e afastava-me. E isso não podia ser.

Lá fora, os meus colegas viviam, iam à praia no verão e ao cinema no inverno, davam os primeiros beijos na boca atrás da igreja do bairro, experimentavam o travo ligeiramente amargo da cerveja no quiosque à sombra de uma sequoia centenária, tossiam depois dos primeiros cigarros mal fumados roubados do maço dos pais. Aqui dentro, nós pintávamos, víamos televisão e esperávamos o meu pai. Fazíamos as mesmas coisas que aos meus oito, doze, catorze anos. Eu era como sou hoje — esquálida, feia, só — e o tempo que passávamos juntas só acentuava tudo isso em mim.

*

Os meus primeiros anos de vida foram os mais fáceis: não sei se para todos ou só para mim. O lugar de não perceber a maior parte das coisas que

se passavam, a inocência quanto ao conceito de normalidade, a impossibilidade de comparar realidades. Lembro-me de que amava profundamente a minha mãe, mesmo nos dias em que ela me assustava ou preocupava, tal qual todas as crianças amam os seus pais, mesmo nos dias em que estes lhes dizem que não, ralham e exigem que vão para o quarto pensar nas asneiras que fizeram. O problema foi ter crescido.

Vivi toda a minha adolescência atormentada com a fragilidade da minha mãe, com a hipótese de a magoar. Ao contrário das minhas colegas, que partilhavam nos intervalos da escola que discutiam com os seus pais, que os desafiavam, que os punham em causa — tantas vezes confiantes de que elas, sim, estavam certas —, eu guardava para mim todas as minhas frustrações, raiva e discordâncias, na certeza de que poderiam perturbar a minha mãe… E de que eu não saberia como ela iria reagir. O pior não era a violência ocasional (nunca comigo, sempre com as coisas que nos rodeavam ou com ela própria), os berros, os objetos que arremessava, o choro desgovernado e dramático. Aquilo que me desconcertava era a tristeza profunda, o olhar vazio, a desilusão que lhe provocava, o silêncio em que se afundava, mesmo perante as pequenas coisas, insignificantes. Às vezes, bastava não ir ter com ela assim que me chamava, demorar-me no meu quarto, perguntar-lhe se podia pôr a mesa dali a cinco minutos. Nunca ouvi «não é já vou, é agora» de que todos se queixavam, a pressa das mães em ter a mesa posta (mesmo quando a massa ainda cozia e o forno permanecia ligado), porque, em vez de me ralhar, como as outras faziam, a minha mãe abandonava o que estava a cozinhar — sem desligar o bico do fogão em que o arroz amolecia, indiferente ao incêndio que podia causar, tantas vezes o comi esturricado —, e deitava-se na cama ou no sofá, triste, desamparada. Desistia.

No entanto, conforme fui crescendo, a estranheza da minha mãe começou a incomodar-me muito, a fazer-me sentir vergonha, a desesperar. O amor que nutria por ela era maior do que qualquer outra coisa, eu vivia para a agradar, sentia que tinha de a proteger, de cuidar dela, mas estava numa fase em que o exercício de comparação com as minhas colegas (sinto que me engano se as chamo amigas) era constante, e em que olhar — imaginar — as suas vidas e relações com os pais me fazia perceber que alguma coisa era invulgar em nossa casa, que qualquer coisa de diferente e pior existia em nós. Porque só a minha mãe era assim?

Lembro-me de um dia em particular. Nunca consegui falar dele com o meu pai, e questionei-me, durante muitos anos, se ele tinha sabido e preferido não dizer nada ou se tal episódio não lhe tinha chegado aos ouvidos. Ambos os cenários me magoam, mas eu sei que não estou a ser justa para com ele: podia ter-lhe contado. (Uma parte de mim preferia não partilhar com o meu pai as coisas que a minha mãe fazia porque tinha muito receio de que, sabendo-as, ele me deixasse com ela, só as duas, e aí eu sabia que ela não ia aguentar e eu ia acabar sozinha… Tal qual acabei.)

De regresso àquele dia… Foi a primeira vez que gritei com a minha mãe, e em que não receei, pelo menos, naquele segundo em que a voz me saiu do corpo, que as minhas palavras a magoassem irremediavelmente. Não tenho orgulho de o ter feito, mas toda eu era medo, não me consegui controlar.

Tinha dezasseis anos, estávamos em novembro, chovia há quase três dias ininterruptamente. O meu pai não estava em casa: tinha saído minutos antes para o trabalho, e eu acabara de acordar. Encontrei a minha mãe na cozinha, sentada numa cadeira, à mesa, a tomar o pequeno-almoço. Tal como em todos os outros dias, comia uma torrada com manteiga e bebia um café com leite. Ainda de pijama, beijei-lhe a testa, olhei-a com atenção — para tentar perceber como lidar com ela, era um dia de cada vez, aí, eu já sabia que tinha de ser um dia de cada vez —, e sentei-me ao seu lado. Parecia-me bem-disposta.

«Dormiste bem, pequenina?»

Respondi-lhe que sim, mas que, se não me despachasse, me ia atrasar para a escola. Estava a tornar-me responsável, no processo de o aprender a ser, parecia-me que não tinha outra hipótese, dado que escondia muitas coisas do meu pai para não o preocupar e sabia que não podia contar com a minha mãe.

«Vou tomar banho e depois vou para a escola. Não precisas de me levar, eu vou bem sozinha.»

«Não vais não», disse-me logo, ainda calma.

Não sei porque naquela manhã decidi fazer finca-pé. Revi vezes sem conta este diálogo, na esperança de encontrar um motivo razoável para o que a seguir aconteceu; a determinada altura, procurei até a minha culpa, porque a queria desculpar. No entanto, a única coisa que fiz — foi esse o meu erro, era sempre esse o meu problema — foi insistir que queria ir sozinha, que já não precisava tanto dela como outrora.

«Mãe, eu quero ir sozinha, sei o caminho, confia em mim.»

Terei falado alto? Devia ter notado no seu rosto que aquele não era um bom dia para a desafiar?

Olhou-me nos olhos. Vi que em breve choraria, esperei que aguentasse as lágrimas durante os segundos suficientes para que eu já ali não estivesse. Vê-la sofrer causava-me muita aflição e trazia-me um fardo pesado, que me curvava e me impedia de caminhar.

«Está bem», disse-lhe, «vens comigo até à escola, mas temos de nos despachar».

Conformei-me, como em todas as outras manhãs. A minha mãe sorriu-me. Não parecia contente, apenas satisfeita, como se tivesse ganhado uma batalha, mas soubesse que ainda lhe faltava a guerra.

Fui para a casa de banho e despi-me. Nesta altura, eu já era uma mulher: menstruada há dois ou três anos, o meu peito crescia e as minhas ancas faziam-me ocupar mais espaço. Ao contrário do que a minha mãe parecia querer ao chamar-me pequenina e ao insistir em me fazer tranças — que eu desfazia assim que chegava à escola —, eu já não me sentia uma criança, nem aparentava sê-lo. Qualquer coisa em mim estava a mudar.

Assim que liguei a água do chuveiro, ouvi-a a gritar. Pareceu-me um esgar de dor, aflitivo, desesperado. Imaginei-a com um corte num braço, a jorrar sangue; ou com uma queimadura grave numa das mãos, depois de — sem querer ou de propósito — ter entornado em cima de si uma chávena de chá acabado de fazer; ou com a cabeça partida, aberta e nojenta, estatelada no chão, depois de escorregar num tapete mal esticado e batido numa quina de uma mesa.

Eu estava nua, mas fiquei tão nervosa, tão preocupada, que saí da casa de banho assim, exatamente como estava, deixando a água a correr, para a encontrar, temendo o pior, certa de que alguma coisa de muito má lhe tinha acontecido.

«Mãe? Mãe?»

Durante uns segundos, receei que tivesse perdido os sentidos. Também eu me sentia aí, nesse limbo de consciência: não conseguia pensar, não sabia se a devia procurar primeiro ou ligar de imediato para uma ambulância, andava pela casa desorientada. Ela não estava na sala, nem no quarto, e já não gritava, não sabia onde a procurar.

«Mãe? Mãe?»

Assim que a encontrei, de pé, junto à porta de casa aberta, foi tudo muito rápido, tento rever os acontecimentos por ordem na minha cabeça e parecem-me fabulados, como se eu os pudesse ter imaginado: a minha mãe agarrou-me como se me fosse abraçar, mas, depois, num movimento brusco e inesperado, empurrou-me para a rua e trancou a porta…

Fiquei nua, na parte de fora. Sem roupa, sem toalha, sem nada.

Comecei a chorar, gritei, bati à porta, esmurrei-a como se a minha vida dependesse disso, e ela não fez nada. Eu não tinha roupa, estava despida, sem telemóvel. Nunca me tinha sentido tão desprotegida e humilhada.

«Mãe, por favor, abre a porta!»

Ouvi uma buzinadela. Não tive coragem de olhar para a estrada, tentei tapar o rabo com as mãos, enquanto continuava a esmurrar a porta. Ouvi a voz de um homem a gritar «puta». Passados poucos segundos, outro carro, outra buzina.

«Vista-se!», gritou uma mulher ofendida, certa de que eu estava ali porque queria, sem roupa, exposta ao mundo.

Lembro-me da sensação de não ter ar nos pulmões e também me lembro de desejar que a minha mãe não fosse assim. (Não consigo escrever isto nenhuma outra vez, mas desejei que ela desaparecesse. Nunca me esquecerei de que quis isso naqueles minutos, e que, no dia em que ela desapareceu mesmo, eu me senti culpada.)

Fui salva por uma vizinha, que me vira pela janela e atravessou a estrada que separa as nossas casas com uma manta para me cobrir. Era uma quarta-feira normal, passavam poucos minutos das nove da manhã, e eu não sabia quantas pessoas do bairro me tinham visto daquela forma, sem nada a proteger-me, nem ao meu corpo, através das janelas das suas casas ou dos carros que naqueles dois minutos passaram na nossa rua. Não sabia, acima de tudo, porque a minha mãe me tinha feito aquilo.

E, depois, ela abriu a porta a chorar, muito assustada, boquiaberta.

«Filha! O que estás a fazer assim na rua?»

Não consegui falar. Toda eu tremia — de raiva, de vergonha, de tristeza, de frio — e as poucas palavras que creio ter dito foram gritadas e confusas. Corri para dentro de casa, mas ainda a ouvi dizer: «não podes deixar a água do banho a correr, ias inundando a casa toda».

Segundos antes, a minha vizinha dizia-me «coitadinha», enquanto me protegia da chuva e do frio, com uma manta e um chapéu de chuva aberto;

segundos depois, já eu estava escondida dentro de casa, ouvi a minha mãe a perguntar-lhe como estava o seu cão, e se ela achava que aquela chuva se ia prolongar para o fim de semana. Elas não tinham relação, e a minha mãe não parecia perceber que tinha assustado a vizinha e que ela não queria, com toda a certeza, conversar sobre o estado do tempo ou sobre o cão.

Esqueci-me de que não tinha tomado banho e vesti-me para ir para a escola. Fiz sempre parte do grupo de pessoas que era mais feliz fora do que dentro de casa, e que só na escola, o único sítio para onde podia fugir, encontrava alguma paz (mesmo sozinha, mesmo sem partilhar aquilo que eu vivia com ninguém, mesmo sem cumprir os meus sonhos de miúda, onde me via rodeada de outros, nunca sozinha, mas, no fim… sempre sozinha).

«Eu vou agora», gritei, ainda com o rosto muito vermelho, a tentar gerir a raiva que sentia, já a abrir a porta de casa, minutos depois.

«Eu também, a mãe vai contigo», respondeu-me, calma.

Abri o portão e comecei a caminhar, mas ela logo me apanhou.

*

Fomos juntas, a pé, como sempre íamos: a minha mãe agarrava-me no braço para que as duas coubéssemos debaixo do guarda-chuva amarelo que estimava naquele inverno, e tagarelava, animada, indiferente ao que me tinha feito. Eu reprimia a cólera que sentia e de que era feita naquele dia, a mágoa, a insegurança atroz de quem nunca tinha imaginado que aquilo lhe pudesse acontecer e que, dali em diante, esperava e temia qualquer coisa.

No portão, já atrasada, tentei afastar-me sem dizer nada. As lágrimas pesavam-me os olhos e eu só queria chorar longe dela. Precisava de processar o que tinha acontecido, ainda não me parecia real, ainda que, por outro lado, me pesasse como o definitivo fim da nossa relação.

«Matilde?»

Parei e deixei que me desse um beijo na cara. A campainha já tinha tocado e só dois ou três rapazes da minha idade é que continuavam ali, junto ao portão, provavelmente prontos para faltarem às aulas.

«Não estejas triste, não fiz por mal, arrependi-me pouco tempo depois, foi sem querer.»

Não respondi. Não sabia o que dizer, além de lhe pedir que me deixasse em paz.

«Amo-te muito, pequenina. Até daqui a pouco.»

Neste dia, pensei que a minha mãe era louca — tive a certeza de que era —, mas esforcei-me por o esquecer. Não sabia o que lhe podia acontecer se se soubesse, e nunca estive pronta para me despedir dela.

Mais vale uma mãe louca do que não ter mãe?

*

Foi uma das poucas coisas que nunca lhe perdoei. Lembrei-me deste episódio por muitos anos, de cada vez que um vizinho se demorava mais a olhar para mim ou um condutor de um carro do bairro me deixava atravessar a estrada fora da passadeira. Pensei — penso — sempre «tu viste-me nua naquele dia». Não sei se é um delírio: temo que a loucura seja hereditária.

28

Nesta altura, ainda no ensino secundário, cruzei-me com uma professora que me marcou profundamente. À semelhança da professora Eunice, anos antes, o que me fez gostar dela não foi a forma carinhosa como falava comigo ou as palavras elogiosas que fazia questão de me oferecer, perante a turma, ante as minhas raras intervenções orais, mas, sim, a certeza que me transmitia de que eu era capaz.

«É uma negativa alta», disse-me um dia, ao entregar-me um teste.

«Estás quase no dez, só tens de te continuar a esforçar», sussurrou-me, já noutro dia, a meio do período escolar, com um sorriso que pretendia (e conseguia) incentivar-me.

Uma vez, chamou-me, no fim de uma aula: fiquei congelada e revi, tão rápido quanto me foi possível, tudo o que tinha feito, dito e pensado desde que nos havíamos conhecido. O meu medo era, claro, que a tivesse desiludido, e que a única pessoa que parecia gostar de mim sem me pedir nenhuma coisa de extraordinário em troca me abandonasse, me confirmasse que, afinal, eu não ia mesmo conseguir. Esperei que a campainha da escola tocasse e aproximei-me dela a medo.

«Matilde!» exclamou, com um sorriso tenso.

Devolvi-lhe um sorriso, também ele receoso, e fiquei parada, com a mochila às costas, expectante com o que me ia dizer. Sem que pudesse fazer alguma coisa para o evitar, vi-a a levantar-me as mangas da camisola que eu estava a usar. O gesto foi rápido e inesperado, e a minha capacidade de reação, nula.

«Não te cortas», concluiu, aliviada.

Fiz que não com a cabeça.

«Fazem-te mal em casa? Ou aqui na escola?»

Neguei novamente.

«Sentes-te deprimida? Como é a tua vida em casa?»

Disse-lhe que a minha mãe me amava muitíssimo e que o meu pai também cuidava de mim. Não sei porque não lhe contei que as minhas olheiras eram fruto de uma noite mal dormida, acordada a verificar que a minha mãe respirava, horas depois de se ter magoado outra vez, ou porque não aproveitei a atenção daquele momento, tão raro, para lhe dizer que estava triste porque a minha mãe não me deixava fazer a depilação ao buço (eu precisava, gozavam comigo por causa da penugem escura), ou ir a uma festa de anos ao sábado (era poucas vezes convidada e cada vez menos, pois preferia não ir a aparecer com a minha mãe), ou estar um pouco sozinha, ou ler um livro, ou deixar a luz do sol entrar no meu quarto.

Não disse nada, sorri apenas e acabei por me ir embora. Nunca a esqueci, e, durante aqueles três anos que me acompanhou — era a minha professora de inglês, língua que sempre escrevi melhor do que falei —, pensei muitas vezes em voltar a ficar para o fim.

«Lembra-se daquela vez em que me perguntou se eu me sentia deprimida? A minha mãe deixa-me muito ansiosa, porque só consegue ser feliz se eu estiver ao pé dela.»

Nunca o fiz. O ensino secundário terminou, antes disso, cruzámo-nos na sala de aula e nos intervalos milhentas vezes, e eu escolhi sempre olhá-la com um sorriso grato, mas fechado, como quem dizia: obrigada pela preocupação daquela vez, mas não me perguntes nunca mais se está tudo bem em casa. Anos depois, pergunto-me o porquê, engano-me, deambulando entre várias respostas, quando sei exatamente o que aconteceu: naquele fim de aula, em que ficámos as duas, senti que tinha traído a minha mãe e que aquela proximidade com outra mulher mais velha era um desrespeito tremendo. Ciente de que a minha mãe não merecia, porque não era má nem fazia de propósito, repreendi-me pelo pano que tive vontade de levantar, porque sei as consequências que lhe poderia ter trazido, a ela, a mim e ao meu pai, a mudança drástica que podia ter causado na minha vida.

Felizmente, não o fiz, não disse nada a esta professora nem a qualquer outra, olhava para a minha mãe e sabia que não era justo para ela, que ela não era assim porque queria, ainda que eu não soubesse que motivos sobravam. Era nesta máxima que eu me concentrava para a amar: a minha

mãe não é manipuladora, nem sádica, nem perversa. Se ela pudesse, não seria assim.

29

A minha mãe tinha — tem, no presente, tem — o nono ano. Sei pouco da sua vida antes de mim, mas sei que não se deleitou com a escola: era, nas suas palavras — as mesmas que me incentivavam a abandonar os trabalhos de casa para brincarmos ou me pedia que faltasse à escola porque se sentia sozinha —, uma prisão para a criatividade.

«Gostava de pintar e lá tinha de fazer muitas outras coisas que não isso», respondeu-me, um dia, quando lhe perguntei se era boa aluna com a minha idade. Eu percebia, também havia coisas na escola de que eu não gostava, matérias que me aborreciam ou que achava demasiado difíceis; no entanto, também via a escola, os professores e o que ia aprendendo, com menor ou maior facilidade, como uma espécie de uma válvula de segurança, um trilho por onde, quem sabe, poderia acabar por escapar.

«E depois da escola, o que é que fizeste?»

«Aos dezasseis ou dezassete, comecei a trabalhar numa lavandaria. Depois, já não sei passado quanto tempo, fazia umas horas num restaurante e outras numa loja de roupa. E, depois, fui despedida de todo o lado e a única pessoa que me deu emprego foi um senhor que tinha um café no jardim. Ele era muito simpático e deixava-me, quando não havia muita coisa para fazer, andar por lá a pintar retratos das pessoas. Eu gostava de olhar para os outros e de os desenhar, era como se os pudesse espiar e tivesse o presente deles nas mãos: estavam a beber um café, mas eu trocava-o por um copo de vinho; tinham uma criança ao colo, mas, no papel, parecia-se mais a um rato bebé. Às vezes, até vendia alguns desses desenhos e juntava um bom dinheiro: havia quem achasse graça ao que eu fazia, chamavam-lhe caricaturas. Só parei quando conheci o teu pai e engravidei.»

«E nunca mais trabalhaste?»

«Não», respondeu-me, com um sorriso desprendido e leve.

«Não gostavas? Para não estares o dia todo sozinha, quando eu estou na escola e assim…», perguntava-lhe, mesmo não a imaginando a conviver com outras pessoas.

(Algures na primária, a professora Eunice perguntou à turma o que cada um queria ser quando crescesse. Não foi um exercício único, deve existir um estudo qualquer que demonstra que existem benefícios em interrogar as crianças, ao longo do seu desenvolvimento, quanto àquilo que sonham para si. A maioria tinha várias profissões na ponta da língua, muitas vezes de difícil conjugação — como astronauta, chefe de cozinha e bailarina, todas ao mesmo tempo —, mas eu respondi sempre uma só coisa: queria ser artista, como a minha mãe.)

Perante o silêncio, fitei o seu rosto, enrijecido, o olhar parecia ter recuado e a ver imagens de um passado que eu não via.

«Mãe?»

«Não.»

(Notas que fui fazendo para nunca me esquecer: se me perguntarem na escola o que é que a minha mãe faz, não devo dizer que ela não trabalha, mas, sim, que é ajudante do meu pai na loja, ainda que ela odeie plantas, flores, cheiro a adubo e terra nos sapatos.)

*

O meu pai, por sua vez, queria ter continuado a estudar, mas não teve essa oportunidade: era o mais velho de cinco irmãos e, aos quinze, já passava mais tempo a trabalhar — no inverno, como servente de pedreiro e, no verão, na apanha da pera no Oeste — do que numa sala de aula. Gostava de ter sido veterinário.

«Eu dizia sempre: se conseguir, vou ajudar muita vaca a parir», contava, a rir-se, quando estávamos os dois sozinhos a cavar buracos pequeninos para espetar alfaces na nossa horta, «como não consegui, ajudo quem as tem a alimentá-las, para que sejam saudáveis e possam ter muitos bezerros.»

(Engraçado que não lhe ouvia tristeza na voz, ainda que estivesse a falar de coisas que não tinha alcançado. Acho que ele até era feliz. Via-o muitas vezes à noite, sentado numa ponta do sofá, com uma revista ou um livro nas

mãos, ali, mas longe de nós. A minha mãe odiava que ele lesse — dizia que o distraía e que lhe ocupava o pouco tempo que ele tinha para se dedicar a nós —, mas o meu pai continuava, continuou sempre.)

«Agora, as coisas são diferentes e ainda bem», declarava, sempre que calhava ler no jornal uma notícia sobre o número de estudantes colocados no ensino superior.

«Um dia, vais ser tu», seguido de um sorriso encorajador.

Não fui eu.

Nos últimos sete anos, lembrei-me muitas vezes do meu verão entre o décimo segundo ano e aquele setembro em que deveria ter entrado no ensino superior: pensei, mais do que gostaria, na importância que tudo pode ter tido para a minha mãe, para o seu fim; vi-me egoísta na mesma medida em que me vitimizei e me convenci de que não poderia ter feito mais; esperei encontrar respostas, apesar de não ter aproveitado a presença do meu pai para lhe fazer perguntas…

*

Um dia, o meu pai disse-me que a minha mãe estava morta e eu não fiquei surpreendida. Anos depois, descubro que ela ainda está viva e o espanto é um entorpecente poderoso. Mais do que não saber para onde ir, apoquenta-me por onde vim: como e porque aqui vim parar.

30

«A Matilde vai para a faculdade», disse o meu pai, certo dia, alto e bom som, para que os três nos acostumássemos à ideia.

Da primeira vez em que abordámos o assunto, a minha mãe pareceu não dar muita importância. Sussurrou que sim, que era bom eu continuar a estudar, se era isso que eu queria, que eu já estava «crescida» e que ela e o meu pai não podiam decidir tudo por mim. Às vezes, parecia desprezar-me, fazia-me sofrer, como se só desse exercício eu pudesse aprender uma lição: sem ela, sem o seu apoio, sem a sua orientação, era difícil, quase impossível. Estávamos em junho de dois mil e dezassete e eu tinha terminado o ensino secundário há poucas semanas, sem grande brio, mas com alguma esperança no futuro.

Não sabia o que queria estudar porque não sabia aquilo de que gostava. Ainda hoje não sei. É estranho? Não me conseguir definir, não encontrar adjetivos que me representem, nos quais me consiga encaixar. Sempre senti que não sabia o que queria fazer, porque nunca decidi o que estava a fazer no momento: fora as aulas, os meus tempos livres, os fins de semana, as férias, até quando estava simplesmente no meu quarto (sempre de porta aberta, «não há segredos com a mãe»), todos esses momentos e a forma como eu os ocupava eram resultado da vontade de outra pessoa, do que ela gostava, do que ela queria. Não consigo dizer, ainda hoje, sete anos depois de a ter perdido, se prefiro letras ou números, se gosto de fazer desporto ou se a minha aversão pelos livros (porque são «um antro de pó e de fantasias») é, de facto, minha. Não sei qual é a minha cor preferida, que músicas me fazem bater o pé ou se prefiro carne ou peixe.

A minha mãe confunde-se comigo, vive em mim, sobrevive — sei, de há algum tempo para cá — neste corpo e no dela, que está vivo e não enterrado, e continua, ainda longe (Ou perto, onde ficará o lar?) a

encarreirar-me para onde quer ir. Passou-me os medos, os gostos, as manias, mas, naquele ano, eu acreditava que ia ser diferente.

«O que gostavas de estudar?», perguntava-me o meu pai, à mesa, durante o jantar.

«Não sei…», dizia eu, enquanto olhava para a minha mãe.

(Sempre à procura das respostas nela, que me indicasse o que queria ouvir.)

«Eu acho que gostava de ser professora da primária», acabei por confessar, já o meu pai lavava a loiça, e a minha mãe tinha perdido o interesse na conversa e estava deitada no sofá da sala a ver televisão.

O meu pai desligou a torneira, passou-me o último prato molhado para as mãos, para que eu o enxaguasse com um paninho e o devolvesse ao armário, e sorriu-me, satisfeito.

«Trata lá das coisas e depois diz-me o que for preciso da nossa parte.» (Usava o plural para que eu sentisse que a minha mãe diria o mesmo, que eles eram uma equipa.)

Lembro-me de não lhe ter respondido, porque não sabia o que dizer. Era assim tão fácil?

Acabei por me candidatar a várias universidades. Nesse verão, sonhei várias vezes comigo, mais velha, muito diferente da minha mãe, numa sala de aula, a partilhar com os meus alunos mnemónicas como aquela que a professora Eunice me tinha ensinado e que me ajudara a saber sempre quantos dias tem cada mês.

«Nos nós dos dedos, estão os meses que têm trinta e um; nas bases, os que têm trinta ou vinte e oito, no caso de fevereiro. Ah!, e se o ano for bissexto, fevereiro tem vinte e nove dias.»

*

Talvez por achar que era o último antes de uma grande mudança na minha vida, fui feliz com a minha mãe naquele verão. Aproveitei a sua companhia, abracei-a muito, fiz-lhe todas as vontades. Dentro de nossa casa, estava escuro, os estores para baixo mantinham-na fresca, mas triste, e eu, cheia de fé, antecipando saudades e, ao mesmo tempo, um recomeço feliz, esforçava-me por ver as coisas boas.

31

Numa tarde em que estávamos as duas em casa naquele verão, especadas a olhar para a televisão, juntinhas no sofá, a minha mãe perguntou-me se eu já tinha dado um beijo na boca. A pergunta desarmou-me porque nós não falávamos dessas coisas: nem de rapazes, nem de sexualidade, nem de nenhum tema que implicasse constatarmos que eu tinha crescido, que já não era uma criança, que, mais cedo ou mais tarde, poderia vir a ter uma relação, a apaixonar-me por alguém. (Eu não tinha nada a esconder, ainda hoje não tenho, o amor não é para mim, nem os beijos, nem os abraços.)

Corei de imediato e respondi que não.

«Com a tua idade, eu já tinha dado.»

Silêncio.

«Não tens vontade?»

Disse que não.

«Fazes bem. Os rapazes são maus e abusadores, tu queres dar só um beijo e eles obrigam-te a fazer coisas que não ias querer, e que doem, e que te deixam suja e porca.»

Permaneci em silêncio, com os olhos vidrados no ecrã, esperançosa de que a minha indiferença e falta de interesse pelo tema o pudessem encerrar.

«As tuas colegas de turma já dão beijos? Têm namorados?»

Lembrei-me da Mariana, que namorava o Ricardo. Todos sabíamos que eles eram um casal e que faziam coisas (tenho pudor em dizer, por mais anos que passem, sexo) porque ele tinha sido apanhado com as calças desapertadas atrás do pavilhão por uma funcionária mexeriqueira, que espalhara a história um pouco por toda a escola. Não podíamos ter a certeza de que tinham perdido a virgindade um com o outro, mas a narrativa parecia ganhar outro gosto quando, pelos corredores, lhe davam esse remate.

«Sim, algumas.»

Ficou muito séria a olhar para mim.

«Não dês beijos, nem namores, nem gostes de nenhum rapaz. Eles não prestam, os homens odeiam as mulheres, principalmente na tua idade. Podes achar que encontraste um decente, que te trata bem, que gosta de ti, mas, quando baixares as defesas e te entregares, ele vai magoar-te, usar-te, e depois ficas doente.»

«O pai alguma vez te fez mal?»

Uma chapada. Seca, sem antecedentes, além daquela mão que veio de trás.

«O teu pai ama-me, é louco por mim, não vive sem mim. Nunca me faria mal.»

Não reagi. Os meus olhos encheram-se de água, mas eu esforcei-me por não deixar cair nem uma lágrima. Voltei a olhar para a televisão. Segundos depois, a minha mãe poisou a mão em cima do meu joelho e segredou-me «o teu pai é louco por mim, às vezes, não parece, mas ele é que não vive sem mim».

32

Entrei no curso que queria, numa universidade a duas horas desta casa. Tinha feito dezoito anos há pouco tempo, não tinha carta de condução, nem ia ter: a minha mãe encarregou-se de me passar o pânico que tinha de guiar e eu tremia — ainda tremo — só com a ideia. Teria, por isso, de ir e voltar de autocarro todos os dias. Nunca pus a hipótese de ir morar para uma residência de estudantes: em minha casa, não se falava de dinheiro, não sabia se teríamos como a pagar, mas a minha questão era anterior a essa, eu não queria deixar de viver com a minha mãe, não estava preparada para esse desapego, desconfiava que não conseguiria adormecer sem a saber a dormir no quarto ao lado.

Contei a notícia sem grande entusiasmo. Tinha sido a minha primeira opção (ainda que eu tivesse dito que não, que tinha privilegiado uma faculdade mais perto), mas a decisão que tomara meses antes — de me atirar para longe — parecia-me agora uma loucura, um ato irrefletido e irresponsável. Como ia passar tanto tempo sem a minha mãe? E o que faria ela nas quatro horas de viagem diárias que me esperavam, mais o período das aulas, mais imprevistos, atrasos, trânsito, provas fora do horário normal?

«Na televisão, mostraram que os miúdos da tua idade já sabem para onde vão estudar… Tu ainda não sabes?», perguntou-me o meu pai, à frente dela.

Disse que sim, que sabia, baixinho, depois de alguma insistência. Ficou-me o rosto da minha mãe, a tristeza, a mágoa. Depois de uns segundos em choque, os gritos. Os palavrões.

Primeiro, a raiva.

«Puta! Vais abandonar-me!»

«Fiz tudo por ti! Não me podes fazer isto! Estúpida! Puta!»

Depois, a autocomiseração, a certeza de que ia morrer sem mim, os pedidos, as súplicas.

«Não vás! Fica comigo!», seguido de lágrimas, de soluços.

«Por favor, imploro-te, filha, fica comigo!»

Por fim, o desespero, os meios que justificam os fins, as ameaças e os avisos.

«Vais perder-me!»

«Aguentei até aqui por ti, foda-se, mas não aguento mais!»

«Desapareço para sempre!»

Ficou-me também o rosto do meu pai a ver tudo aquilo, como se não pudesse acreditar, como se aquilo não fosse a minha mãe, a sua mulher. Mas era.

A minha mãe que chorava desconsolada, ajoelhada junto a mim, assustada com a notícia de que eu ia para a faculdade. A minha mãe, que, se calhar, tinha pensado na hipótese de me arrendarem um quarto, se para isso o dinheiro chegasse, e de, dali para a frente, me ver apenas aos fins de semana. A minha mãe que se sentia profundamente magoada, enganada, como se eu lhe tivesse vendido um projeto que agora rasgava, e que a deixava ali, despejada de tudo. Era assim que ela se sentia.

O meu pai demorou a reagir, e, quando o fez — agarrando-a e pedindo-lhe que se acalmasse, porque tudo tinha uma solução e eu tinha de precaver o meu futuro, ser feliz —, já era tarde de mais para mim.

*

Ainda assim, umas semanas depois, obrigada pelo meu pai, tentei ir: fui mesmo. Três vezes, para ser mais precisa. Acordei às cinco da manhã, apanhei o autocarro das seis, corri da paragem até à faculdade a tempo da primeira aula, às oito e meia. Estive atenta, tirei apontamentos, entusiasmei-me com a hipótese de conhecer outros jovens que também queriam ser professores, sonhei fazer amigos.

E, em casa, o meu pai também tentou. Contratou um miúdo que precisava de uns trocos extra para o ajudar na loja, de forma que pudesse estar mais tempo em casa com a minha mãe; forrou o chão da sala a jornais e reforçou o *stock* de folhas de papel brancas, de pincéis e canetas, na esperança de que ela se entretivesse e, assim, não desse pelo tempo passar. Escreveu-lhe

uma lista de filmes de que gostava e que a aconselhava a ver; deu-lhe um abraço demorado antes de sair, como quem dizia «eu prometo que vou voltar, a nossa filha também vai voltar, por favor, acredita em nós».

Tentámos, mas, depois, ela não conseguia dormir, preocupada com a certeza (unilateral, irreal) de que eu a ia trocar, e à nossa casa, por uma residência de estudantes; ao não dormir, ficava mais triste, mais irritada, menos capaz de lidar com as pequenas frustrações; e, ao sentir-se como acabava por se sentir, lamuriosa, abandonada por todos (era disso que nos acusava), precisava de se magoar mais; e, por isso, cortava-se em todo o lado, com algum cuidado e, a dada altura, sem nenhum; até que, um dia, a achei quase morta, com a cabeça aberta e os pulsos ensanguentados.

«Eu não vou mais.» Estávamos no hospital. De todas as vezes em que a minha mãe lá tinha ido parar — que eu saiba, cerca de quatro ou cinco —, aquela foi a primeira, e a única, em que eu também estive. O meu pai tinha conseguido proteger-me até então, mas, naquele dia, tinha ido fazer uma entrega mais longe e o meu professor de Práticas de Estudo e Aprendizagem faltara à última aula. Lembro-me de chegar contente a casa, entusiasmada por ver a reação da minha mãe, que não me esperava tão cedo. Imaginei o seu sorriso, os gritinhos de contentamento, as ideias criativas que uma surpresa daquelas lhe ofereceria.

«A minha filha! Já em casa!», seguido de muitos beijos, um abraço apertado, sugestões de atividades para ocuparmos o resto daquela tarde.

Encontrei-a deitada no chão da casa de banho. Havia sangue, uma lâmina comprida e serrilhada, toalhas manchadas. Parecia um cenário de guerra: a guerra que travava consigo própria. Deitei-me no chão junto a ela, tentei tapar-lhe os cortes, estancar o sangue, gritei por socorro. Aqui, a minha mãe já não estava acordada.

Duas horas depois, o meu pai estava sentado ao meu lado na sala de espera do hospital. Tinha a cabeça recolhida, chorava baixinho para eu não reparar. Apareceu um médico que nos descansou: ela estava bem.

«Mas não pode ficar sozinha.»

Afastaram-se os dois — o meu pai e o médico — para conversarem sobre coisas que eu, apesar de tudo aquilo que já tinha visto e passado, «ainda não compreendia». Havia uma condescendência para comigo que me deixava fora de mim, porque era injusta e parecia diminuir o amor e a preocupação que eu tinha para com a minha mãe.

Eu sabia que não ia estudar mais. Aceitei-o.

33

Passaram vinte dias desde que o meu pai morreu. A loja continua fechada. A minha mãe continua viva. Eu continuo aqui, sentada no mesmo sítio. Regresso ao passado com a esperança de que isso me ajude a perceber o que fazer no presente. A minha chefe já me ligou: diz que não quer apressar as coisas, que o luto é uma chatice e que nem sempre reagimos tão depressa quanto gostaríamos, mas os dias estão a passar e ela precisa de saber quando vou voltar.

Lembro-me de uma das conversas que eu e o meu pai tivemos, dias depois de a minha mãe morrer: ele pedia-me que regressasse à universidade, que me esforçasse pelos meus sonhos, «agora que a tua mãe já não está aqui». Recordo a tristeza das suas palavras e em como elas, ao mesmo tempo, espelhavam a força e o apoio de um pai, agora viúvo, agora solitário, que só queria que a vida pudesse ser boa, diferente, para a sua filha. Eu decidi não ir, à data, achava que, se da primeira vez não tinha corrido bem, era porque não era para ser, na tristeza, ficamos mais permeáveis a agarrarmo-nos a qualquer coisa, eu agarrava-me a essa indicação que o meu passado me dera e com a qual ia reger o meu futuro. E, depois, havia a culpa — que sempre senti —, e que me prendia os movimentos, e o medo, profundo, enraizado em mim, de também ele me abandonar. «Eu quero ficar aqui, ao pé de ti.»

Arranjei um novo trabalho. E outro, a seguir a esse. E outro, recentemente. Ainda há pouco lhes disse que voltava. A minha chefe deu-me os pêsames em nome da equipa, disse que não imaginava como é que eu me sentia, «sem mãe e agora sem pai». Por segundos, pensei em dizer-lhe: «Olha, a minha mãe está viva!», como quem muda o enredo de uma história que parecia fechada, como quem diz que se esqueceu de contar um

mexerico, uma coisa banal. Ia parecer louca, e eu sei o quanto isso nos isola: respondi-lhe, por isso, que ia ficar bem.

*

Viver com a minha mãe era como correr descalça num pavimento irregular: às vezes, era prazeroso, libertador; noutras, era um desafio ao equilíbrio, um perigo constante. Viver com a minha mãe era como estar no mar à espera de que uma onda mais comprida me ajudasse a regressar ao areal, só que, às vezes, a maré trocava-me as voltas e eu dava por mim cada vez mais longe, sem forças para remar contra a corrente, a engolir água e a cortar os pés em conchas partidas. Viver com a minha mãe era como construir, todos os dias, um abrigo a papel e cuspo e ter esperança de que o vento não o derrubasse: havia dias em que ele, surpreendentemente, se mantinha de pé, mas, na maior parte, eu tinha de o começar de novo, sempre do zero.

*

Nunca serei professora da primária. Talvez nunca o tenha querido ser, ou quiçá tenha percebido que não era para mim, que era muito mais do que eu poderia ambicionar. Imagino uma sala cheia de meninos. No quadro, não vejo o abecedário escrito, nem me oiço a perguntar-lhes a tabuada do seis. A sala de aula onde leciono é muito colorida e tem desenhos na parede, lindíssimos, tal qual aqueles que a minha mãe fazia: está ali o elefante, e acolá uma camélia no pico do inverno. Os miúdos parecem felizes e estão todos muito atentos a olhar para mim, como se eu tivesse todas as respostas de que precisam. Ao contrário daquilo que a minha memória física registou desses tempos, os meus alunos não estão sentados em cadeiras de madeira rijas, nem escrevem com lápis duros ou canetas que chegam ao fim. Somos visitados por borboletas, há uma música alegre a tocar sem agudos que arrepiam nem graves que nos metem em sentido, e nenhuma criança está triste. Isso é o mais importante.

34

Há uma coisa acerca da qual não consigo parar de pensar: o porquê de tudo isto. Porque a minha mãe finge que está morta, porque o meu pai compactuou com essa encenação e me deixou sofrer estes anos todos, certa de que fora abandonada pela pessoa que mais temia o abandono, porque a minha mãe se evaporou, de um dia para o outro… Ou terá sido o meu pai a obrigar a minha mãe a desaparecer? Terá ele querido que ela morresse, mas perdido a coragem de a matar à última hora? Não o consigo imaginar violento ou manipulador, nem posso imaginar a minha mãe como uma mulher independente, sozinha porque se sente bem assim, livre de amarras e possibilitada de regressar a casa, decidindo simplesmente não o fazer. Estará presa, amordaçada, trancada numa cave sem luz? Não, o meu pai não era capaz.

Ela está num lar. Pode estar sem querer? E porque nunca quis que a visitasse? Porque o meu pai me privou de a ver envelhecer? Ainda é nova. Parecia saudável. O que me escapou durante todos estes anos e durante todos aqueles que convivemos os três, em que dividimos este teto?

Percebo agora que não os conheço, que nunca soube quem eram. Por mais voltas que dê à cabeça, por mais tempo que dedique à procura de pistas, nada me parece justificar o engodo em que me prenderam, do qual me fizeram refém… Mas, se amo tanto a minha mãe, se tenho oportunidade de a reaver, de a trazer para a casa onde viveu tantos anos, se posso cuidar dela, contar-lhe o quanto sofri com a sua partida, porque continuo aqui?

*

A morte da minha mãe desintegrou-me. Saber que, afinal, não morreu, que está aí, viva, algures, e que esse algures é uma morada certa e um

abraço emotivo no reencontro, asfixia-me. Não consigo deixar de pensar que um dia vai morrer mesmo, e que eu viverei novamente a dor que senti no dia em que achei que ela morrera, ou, pior, que me tornarei negacionista da sua finitude, que acharei que, enquanto eu estiver aqui, ela também estará, que somos uma só. Tenho medo de enlouquecer, tenho medo de ficar como a minha mãe.

Revisito aquele dia vezes e vezes sem conta.

*

O meu pai não me disse muitas coisas durante a viagem. A fábrica onde eu trabalhava ficava a dez minutos de carro da nossa casa. O rádio — habitualmente sincronizado na estação onde se ouvia a melhor música dos anos sessenta, setenta e oitenta — estava ligado, mas o volume baixo impedia-me de ter a certeza daquilo que ouvíamos.

«A tua mãe amava-te muito.»

Não consegui responder, não sabia o que dizer.

«Ela sempre quis ser mãe, e, quando tu nasceste, ficou muito feliz. Deu sempre o seu melhor para cuidar de ti.»

«Ela ainda está lá em casa?», perguntei, depois de alguns minutos em silêncio, a tentar processar aquilo que ouvia. Lembro-me de que um dos meus maiores medos era vê-la morta, chegar a casa e apanhá-la já sem vida, de olhos e pulsos abertos, e ficar com essa imagem gravada. Tinha muito receio de que esse momento se cristalizasse na minha memória e substituísse todos os outros. Queria recordá-la com um sorriso, bonita, num dia em que se sentia bem, a pintar uma tela ou a terminar uma gravura numa das paredes da parte de trás da nossa casa.

«Não, não te preocupes. Quando chegarmos a casa, só estaremos nós.»

Ouvi-o fungar. Virámos para a rua de nossa casa e, à medida que nos aproximávamos da pequena vivenda onde ainda hoje vivo, comecei a sentir que alguém me espetava uma faca no coração e a rodava impiedosamente, com o intuito de me infligir dor. Era uma nova forma de sofrimento, não se parecia a nada que já tinha experienciado.

«A mãe estava sempre ali a ver quando é que tu chegavas.»

Os degraus onde me sentava na infância com a minha mãe estavam vazios. Os anos foram passando e ela nunca deixou de ali estar, quer

chovesse ou fizesse sol. Recordo-a assustadora no fim de algumas tardes de tempestade, com a roupa colada ao corpo e o cabelo encharcado, a escorrer água como se ela própria a espirrasse: o rasto que deixava ao entrar em casa, a marca dos sapatos ou dos pés descalços, o cuidado que eu tinha de ter, depois, para não escorregar. Durante os anos em que fui pequena, acompanhei-a sempre, também eu ali esperei pelo meu pai, mas, depois, com um horário cada vez mais sobrecarregado na escola e, mais tarde, no trabalho, tornei a sua vida ainda mais só. Sabia que era responsável por a minha mãe ter partido naquele dia.

O meu pai fez que sim com a cabeça. Não eram precisas palavras: eu queria ter dito mais do que disse e ele queria ter conseguido dizer qualquer coisa. Estacionou a carrinha no lugar de sempre e fomos para casa.

35

Mal entrámos — de mãos dadas, o meu pai tinha-me esticado, em silêncio, uma das suas mãos —, libertei a tristeza e o choque que habitavam há alguns minutos em mim e desabei num pranto. Deixei-me cair ali, junto à mesinha da entrada, onde a minha mãe guardava os seus batons preferidos para o caso de se querer aperaltar na hora da saída, e onde o meu pai deixava as botas de trabalho arrumadas, e chorei, ao recordá-la em frente ao espelho, com a boquinha semiaberta, indecisa entre pintar os lábios de vermelho-escuro ou de rosa-velho. O meu pai também chorava, de pé, enquanto me afagava a cabeça e prometia que íamos ficar bem.

Passados alguns minutos, levantei-me e deambulei por esta casa sem destino. Não sabia o que procurar, mas não encontrar nada fora do sítio, não existirem sinais de que ela tinha morrido, de que não voltaria, de que ali havido ocorrido uma tragédia, deixava-me confusa. (Curioso que nunca fomentei a esperança, o meu pai disse-me que a minha mãe tinha morrido e eu sedimentei esse acontecimento em mim, fi-lo certo e irreversível.)

«Como é que a mãe morreu?»

Ele não me respondeu de imediato. Na altura, pensei que a demora se devia à dificuldade que sentia em verbalizar o que tinha acontecido: apertei-lhe a mão e disse «deixa estar».

Dentro de mim, eu sabia o que tinha acontecido, mas a perspetiva de poder estar errada deixava-me mais em paz com tudo aquilo.

«Foi atropelada… O senhor que ia a conduzir chamou logo a ambulância, mas não chegaram a tempo. A tua mãe estava a atravessar na passadeira, coitada, ia a caminho do parque, não queria morrer, foi um acidente.»

«Sentiu-se mal de um momento para o outro. No hospital, disseram-me que foi uma coisa fulminante. Não é raro nas pessoas da idade dela…»

«Engasgou-se com a grainha de uma uva. Foi-lhe para o goto e, por mais que tossisse, não a conseguia tirar de lá. Parece uma morte estúpida, bem sei, mas não será a primeira nem a última…»

«Estava no supermercado, escorregou no piso molhado, que não estava sinalizado, e bateu com a cabeça na esquina de uma arca frigorífica. A senhora que estava a fazer as limpezas nunca se vai conseguir perdoar, mas ela não teve culpa, não fez por mal, são coisas que infelizmente acontecem…»

Qualquer uma destas respostas ter-me-ia devolvido um bocadinho dela, a certeza de que ela queria ali estar, que se havia ido embora contra a sua vontade. No entanto, o meu pai ficou em silêncio, não me respondeu a essa pergunta, nem naquele dia, nem depois, quando a refiz, passadas algumas semanas. Hoje, sei que a minha mãe não morreu, mas não consigo dizer: «Afinal, ela queria viver!», porque não sei onde está, nem se aquilo que tem feito desde aquele dia — em que nos vimos pela última vez — se pode chamar viver. Longe de mim, longe de nós: porquê?

Mas lembro-me daquele dia…

Lembro-me de entrar na cozinha e de o chão estar muito limpo. A minha mãe devia ter passado as suas últimas horas a deixar a casa impecável, não havia pegadas, não havia pó, cheirava a floresta por todo o lado. (Isto era uma das coisas que me faziam pensar, *a minha mãe é única; inventada, não a faziam assim*: não podíamos ter plantas nem flores em casa, mas ela usava e abusava do lava-tudo com cheiro a rosas, do amaciador da roupa com extratos de jasmim e perfumava todos os cantos e recantos com um pulverizador de pinho.)

«Tens de comer alguma coisa.»

Encostei-me à bancada, junto ao lava-loiça. Não me queria sentar, não queria descansar. Precisava de assimilar que dali em diante éramos só nós os dois e, pior do que isso, que eu era sem a minha mãe, que eu tinha de ser sem a minha mãe.

«Vais comer alguma coisa.»

O meu pai abriu o frigorífico. Ficou muito tempo a olhar para dentro dele, como se tivesse visto um fantasma ou descoberto um tesouro: não lhe via a expressão do rosto, só o corpo firme e petrificado. Ainda sem fechar a porta, sem que precisássemos de falar, sem que eu tivesse de o ouvir a chamar-me, aproximei-me e abraçámo-nos com força.

Lá fora, estava a escurecer e, cá dentro, também não havia luz. Não jantámos, nem dissemos mais nada um ao outro, mas eu abri e fechei muitas vezes o frigorífico e o congelador, para ter a certeza de que não estava a sonhar.

36

A minha mãe cozinhava quase todos os dias. Eu também sabia cozinhar, aprendi cedo ao vê-la, tinha o meu sítio na bancada para cortar os legumes que ela usava para a sopa ou para a ajudar a rapar a taça de plástico onde um bolo ia sendo desenhado, mas, por norma, eu só cozinhava quando ela não estava bem, quando não tinha forças para sair da cama, ou quando se esquecia de que tinha começado a preparar uma refeição e adormecia no sofá. O meu pai também se aventurava na cozinha — em particular, junto ao grelhador —, mas a minha mãe não o deixava fazer nada, porque, nas suas palavras, «eram as coisas dela». (Se a minha mãe tratava de tudo, limpava, lavava, aspirava, cozinhava, estendia, dobrava, passava a ferro, porque me diziam, na escola, que ela não tinha um trabalho? Porque eu própria pensei, durante grande parte da minha vida, que ela não era como o meu pai, que saía de casa de manhãzinha e chegava cansado, depois de um dia a fazer o que tinha de ser feito? E ela? Como o meu pai teria forças para acartar com sacos de adubo nas costas sem a proteína que a minha mãe lhe oferecia num prato lascado daquele serviço que tinham recebido no dia do casamento? E como é que iria vestido para a loja, pronto a receber os clientes, se a minha mãe não lavasse e lhe engomasse as camisolas?)

Era o dia seguinte ao da morte da minha mãe. Não me lembro se consegui dormir, ou se fui apenas derrotada pelo cansaço e me deixei estar deitada no sofá, encostada ao meu pai, de olhos fechados.

«Matilde, tens de comer. Temos os dois.»

Voltámos à cozinha. Por alguns momentos, enquanto me levantava, pensei que o dia anterior podia ter sido um pesadelo. Imaginei a minha mãe ainda deitada, preguiçosa, com os estores para baixo, o quarto mergulhado num silêncio impenetrável, a paz antes da euforia superficial ou da tristeza

profunda. Vi-me mais pequena, como tantas vezes fazia, a abrir a porta devagarinho, em pés de lã, e a aproximar-me dela.

«Acorda, mãe, tenho de ir para a escola.»

Abri a porta do frigorífico e, depois, a do congelador. Tal qual me lembrava, a dura realidade, a morte decidida, o adeus planeado, e o amor. Foi uma das muitas vezes na minha vida em que ser amada me pareceu muitíssimo doloroso.

Várias caixas, todas elas etiquetadas. Tínhamos comida para as semanas seguintes.

«Empadão de carne, o preferido do pai.»

«Sopa de legumes: basta adicionar água e um fio de azeite.»

«Bolo de cenoura, para celebrares os teus dezanove anos. Descongelar no dia anterior.»

«Arroz de coentros, filetes de dourada. Já sem espinhas.»

«Carne assada no forno.»

Tirei um pote de doce de morango caseiro de uma das prateleiras da porta do frigorífico e fechei-o devagarinho. O meu pai estava sentado numa cadeira, em frente à mesa da cozinha onde fazíamos as refeições, e olhava-me com compaixão.

«A mãe deixou muita coisa feita para nós.»

Sorriu. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas forçava-se a não chorar.

Cada um comeu uma fatia de pão. O meu pai serviu-nos um café como aquele que bebia todas as manhãs, talvez na esperança de que aquela manhã pudesse ser como as outras.

«A tua mãe amava-te muito», disse-me, já o silêncio parecia ser um muro difícil de derrubar.

«A ti também», respondi-lhe, sem hesitar.

O meu pai confirmou com um leve aceno de cabeça. Sabia que era o amor da vida da minha mãe, mesmo que ele nem sempre fosse como ela tinha sonhado, mesmo que ele nem sempre tivesse conseguido demonstrar que ela também era o amor da vida dele. Olhava para os meus pais, lembrava-os nesta manhã, e percebia — achava eu, muito jovem ainda, com tão pouco mundo quanto agora — que o amor é uma coisa muito complicada, e que se encontra tanto nos beijos dos filmes como nas caixas etiquetadas, guardadas no frigorífico, para perdurarem depois de nós.

*

Saber que a minha mãe tinha partido, mas que havia pensado em mim e no meu pai, que se afligira com o que comeríamos, se nos safávamos os dois, foi um lugar que visitei muitas vezes quando, à noite ou no meio de tarefas mais aborrecidas, me via assombrada por memórias tristes, pelos momentos em que parecia que ela não gostava assim tanto de mim, que era egoísta, manipuladora, má pessoa. Lembrava-me de como ela se tinha esforçado por nos deixar as coisas orientadas, do arroz de pato dividido em porções perfeitas ao livro de receitas escrito à mão, poisado na minha mesa de cabeceira, e sorria.

37

Nos filmes, as mães fazem tudo pelos filhos, estão dispostas a morrer por eles. São heroínas, vão buscar forças a sítios que nem sabiam que as tinham, param um carro com as próprias mãos milímetros antes de este atropelar um filho, e lutam contra a corrente do mar, traiçoeira e impiedosa, para puxar o outro de volta ao areal. Dizem que perder um filho não é um acontecimento estanque, um dia em que temos um embate, seguido de um longo período de convalescença, mas, sim, uma queda de um precipício sem chão, contínua, eterna. Não se recupera, a vida segue de outra forma, à espera de menos coisas, sem esperança. Penso nisto e lembro-me de a minha mãe me dizer que, quando eu estava triste desejava, antes de qualquer coisa, conseguir ser corpo para me defender, incorporar-me novamente, acolher-me no seu útero, e lutar pelas duas.

No entanto, tentou desaparecer muitas vezes, e, numa delas, foi bem-sucedida, continua a sê-lo ainda hoje. Uma mãe que não quer viver é porque não ama os filhos? Acha-os capazes de enfrentar o que for, sozinhos?

Demorei muitos anos a perceber que a minha mãe se automutilava, e outros tantos a assumir como inequívoca a vontade que tinha de morrer. Nunca soube o que fazer com estas certezas, nem onde encaixar o amor que ela dizia sentir por mim nos dias em que encontrava no seu corpo despido mais um corte, ou lhe abria a porta, regressada do hospital, sempre atrás do meu pai, encolhida de vergonha, depois de mais uma tentativa. Via que ela precisava de mim, que nenhum dos fantasmas que a assombrava apareciam quando eu estava, como se eu própria fosse transcendente e, de alguma maneira, os repelisse, um escudo protetor, um amuleto em forma de gente, mas também eu precisava dela. Porque as minhas necessidades, que fui filha e me vi confrontada tantas vezes com a culpa de não ser suficiente,

com não dar alegrias que chegassem, nunca pareceram ter a mesma importância que as dela?

38

Encontrar uma rotina levou o seu tempo, queríamos ajudar-nos mais do que nos atrapalhávamos, e a dificuldade que isso acarretou causava-me estranheza e um grande desconforto: afinal, sempre tínhamos convivido no mesmo espaço, éramos pai e filha, enraizados no mesmo quintal, mas parecíamos desconhecidos obrigados a coabitar. Ao início, queríamos fazer tudo, havia uma espécie de urgência em completar o outro, em fazê-lo esquecer que tínhamos passado a ser dois, depois de muitos anos a três. Não sabíamos como colmatar a ausência da minha mãe no coração alheio (nem no nosso) e, por isso, preocupávamo-nos em suprir qualquer falha nas coisas práticas do dia a dia: lembro-me de querermos sempre cozinhar os dois, cada um antecipando a hora da refeição para que o outro não tivesse de o fazer, até ao absurdo momento em que demos por nós a fazer o almoço pouco tempo depois de acordarmos; de nos dedicarmos às limpezas como se a nossa vida dependesse disso; de afirmarmos ser capazes de tudo sem a ajuda do outro, mesmo quando o meu pai precisava que eu agarrasse no escadote para ele mudar uma lâmpada e eu que ele chegasse às coisas que estavam na parte mais alta do armário.

Foi preciso o tempo passar para que, tanto eu como o meu pai, nos apaziguássemos com a ideia da saudade e da insubstituibilidade: a minha mãe tinha existido, era parte de nós, deixara-nos porque não aguentava mais viver como vivia, sempre angustiada, nauseada com um vazio que não conseguíamos ver, e nós tínhamos de continuar.

O meu pai insistiu várias vezes para que eu retomasse os estudos. Não o fiz, e dei-me apenas alguns dias em casa, para recuperar, antes de regressar à fábrica onde acabei por ficar até encontrar uma coisa melhor. Eu fazia-me de forte, mas morria de medo do mundo lá fora, achava tudo perigoso, temia cães sem dono, colegas de trabalho que queriam ser amigos,

fenómenos naturais como um sismo ou um tsunami, e, até me convencer do contrário, que alguma coisa acontecesse ao meu pai. Imaginava-me sozinha e estremecia com a imagem, convicta de que era incapaz de sobreviver.

Hoje, vejo-me aqui, quase um mês depois do último adeus, recordo as suas mãos ásperas nas quais também eu gostava de pôr creme, o riso sincero de quem se divertia a ler a crónica humorística do jornal, e penso: será que ele morreu mesmo?

39

Não sei precisar quanto tempo tinha passado desde o desaparecimento da minha mãe, mas recordo-me de que estávamos os dois no quintal, entretidos a plantar ervas aromáticas, e que ganhei coragem para perguntar ao meu pai como ele e a minha mãe se haviam conhecido. Já tinha passado a fase do luto em que falar dela, ou mencionar o seu nome ou a sua ausência, se assemelhava ao arranhar de um gato assanhado preso nas minhas entranhas. Naquele estágio, precisava de ter a certeza de que a minha mãe não tinha sido uma ilusão, uma personagem que criara para me acompanhar durante toda a minha vida: sabê-la real dava significado à minha dor.

O meu pai parou o que estava a fazer, tirou o chapéu e ficou a olhar para o céu, como se lhe pedisse licença para me revelar o início da história deles.

«Já foi há muitos anos», disse, nostálgico, «mas ainda me lembro de tudo.»

O meu pai tinha dezoito anos, a minha mãe estava a poucos meses de atingir a maioridade. Viviam na mesma vila no litoral do país, mas, por azar ou obra do destino, ainda não se haviam cruzado, até àquela tarde. À data, o meu pai já trabalhava como agricultor e a minha mãe cirandava entre trabalhos (ele não sabia se ela trabalhava mesmo naquele quiosque no jardim ou se estava apenas lá a desenhar). Foi assim que tudo começou.

«A tua mãe aproximou-se de mim e esticou-me um pedaço de papel A5, mais grosso do que aquele em que normalmente eu ajudava o teu avô a fazer contas à vida, e, sem me olhar nos olhos, perguntou-me se eu gostava do que ela tinha feito e se o queria comprar.»

«Era um retrato teu?»

O meu pai riu-se e disse que não.

«Era um retrato dela! Isso é que me conquistou. Achei muita graça, uma jovem da minha idade desenhar-se e perguntar se eu achava que ela tinha

ficado bem. A tua mãe era muito bonita, sempre foi, e, já na altura, tinha muito jeito para as coisas das artes. Dei-lhe cem escudos, era tudo o que eu tinha depois dos recados que tinha adiantado, e ia ver-me aflito para explicar ao meu pai onde estava o troco, mas valeu a pena: a tua mãe olhou para mim com tanta alegria que eu corei até ficar da cor de um salmão!

Eu estava lá para beber um café. O meu pai tinha-me dado algumas tarefas naquele dia, lembro-me de, junto a este quiosque, existir uma loja de ferramentas e coisas parecidas e ele precisava de um sacho. Calhou bem, o dono só tinha em armazém e devia tê-lo perdido em lugar incerto, pediu-me que esperasse e eu esgueirei-me para a sombra. Sentei-me lá com uma bica e a tua mãe apareceu com o desenho, e depois já sabes o que aconteceu…»

«Não sei, não! Como passaram de se verem uma vez para serem namorados e depois casarem?»

«Bem, eu comecei a ir vê-la mais vezes. Ao início, a tua mãe não parecia muito interessada em mim, eu percebia, era só um agricultor e ela queria ser artista, eu ouvia-a a dizer a quem tentava vender o seu trabalho que, um dia, aqueles desenhos ainda iam valer um bom dinheiro, a tua mãe era muito bem-disposta, iluminava tudo à sua volta, eu estava tão encantado que não conseguia deixar de a ir lá espreitar, oferecia-me para fazer todos os recados e mais alguns, o meu pai desconfiava tanto da minha generosidade quanto me elogiava, à frente dos meus irmãos, dizendo que eu estava a ficar o menos preguiçoso. Um dia, perguntei à tua mãe se queria ir comer um gelado — tinha amealhado o suficiente para lhe poder oferecer um de três sabores na melhor geladaria das redondezas — e fiquei maluco quando me respondeu que sim, que queria! Nem podia acreditar. Estava numa pilha de nervos.»

(Se um rapaz me convidasse para comer um gelado, não hesitaria: caramelo salgado, baunilha e framboesa.)

«Já não tenho a certeza de como combinámos as coisas, mas lembro-me de estar muito ansioso e de nos termos encontrado num largo onde ficava a casa das raparigas. Não sei se era assim que se chamava, mas era assim que nós nos referíamos àquele edifício. Toda a gente o conhecia porque a vila era pequena e, de cada vez que chegava uma nova jovem ao orfanato e se apresentava na escola ou na igreja, encetava o falatório. Lembro-me perfeitamente de ouvir a minha mãe lamentar o destino daquelas meninas, e de maldizer as suas mães… Aliás, em minha casa, éramos só rapazes, mas

as minhas primas, à medida que a roupa lhes deixava de servir, iam lá doá-la, para ajudar…»

Eu estava muito concentrada a ouvir a história: poucas foram as vezes em que tinha sentido conversar com o meu pai, e mais raras ainda aquelas em que me pareceu que o fazia olhando-me como igual, sem me esconder tudo aquilo que achava que me podia magoar. No meio da tristeza, era uma sensação boa e nova, esta, de sentir que ele me via cada vez mais como uma adulta.

«Tu sabes que a tua mãe vivia lá, não sabes?»

Fiz que sim com a cabeça.

«Eu não sabia, não tinha como saber, e ela também não me disse logo. Só passados alguns meses é que percebi que a tua mãe não tinha família, que nem sequer tinha nascido aqui. Fomos comer um gelado e foi divertido, a tua mãe era diferente, faladora, adorava contar as histórias de como surgiam as ideias para os seus desenhos, tal como eu, já não estudava, não tinha namorado. As coisas não eram como hoje, fomos comer um gelado e não demos logo um beijo, nem sequer as mãos, foram vários passeios, idas ao quiosque, pequenas surpresas que lhe fui fazendo.»

Interrompi-o.

«E a mãe era…»

Percebendo a questão que lhe ia fazer, o meu pai não me deixou terminar a pergunta.

«Sim, com os anos foi ficando diferente. Quando começámos a namorar, a tua mãe ainda conseguia estar com pessoas, não era muito de grupos grandes, isso acho que nunca foi, preferia sempre que estivéssemos os dois a estarmos rodeados de gente, mas eu achava que era por ser o início, lembro-me de o meu irmão José me dizer que uma namorada dele tinha o mesmo comportamento, que eram coisas de mulheres.»

Continuei calada, expectante pelo resto da história.

«Só que a tua mãe sofria muito com as outras pessoas e com a minha ausência. O meu pai, que não conheceste, morreu uns meses antes de te termos, não achava graça nenhuma às minhas faltas no campo, éramos muitos filhos e, em casa, cada um tinha de trabalhar para si, não havia empregados nem vassalagem, éramos uma família humilde, trabalhadora, eu não podia andar por aí com uma rapariga, e os teus tios muito me ajudaram, foram-me encobrindo para eu me escapulir…»

«Os avós gostavam da mãe? E os teus irmãos?»

O olhar do meu pai ficou triste. Arrependi-me da pergunta.

«Não é que não gostassem. Não a conseguiram conhecer muito bem. A tua mãe não suportava estar longe de mim, não o diria a outra pessoa assim, soaria presunçoso, mas tu sabes como ela era… Não havia a facilidade que há hoje em comunicar, eu não a conseguia avisar a que horas apareceria no quiosque ou se, em determinado dia, não a iria conseguir visitar, e ela ficava à minha espera, sempre, sentada e, depois, deitada num banco do quiosque, quer estivesse calor ou a chover sem parar, porque não sabia onde eu morava e porque eu não podia tocar à porta da casa onde ela vivia, as regras eram muito apertadas e eu receava que qualquer coisa que fizesse a pudesse prejudicar, deixá-la sem abrigo.»

Recordei a minha mãe sentada ao relento, nas tardes de verão e nos dias difíceis de inverno, naqueles degraus à entrada da nossa casa, durante todos aqueles anos, à espera do meu pai. Conseguia imaginá-la mais nova, naquela exata posição, em qualquer outro sítio, e essa imagem entristeceu-me.

«Quando percebi que ela fazia isso, que não ia para casa porque me queria ver, fiquei destroçado. Estava apaixonado por ela, não queria que passasse frio, nem fome, nem sabia como devia lidar com aquilo. Já tinha tido um ou outro namorico, mas nada sério… Como posso explicar…»

Interrompi-o de novo.

«Não precisas, pai, eu sei como são os rapazes nessa idade.»

«Nessa idade? Isto foi quase na tua idade», respondeu, mais leve.

Fiz-lhe sinal com a mão que continuasse, que não nos perdêssemos em trivialidades. (Uns dias antes de morrer, o meu pai estava na cozinha comigo: juntos, dobrávamos a colcha da sua cama. Não me lembro do que estávamos a falar, mas, a dado momento, o olhar dele ficou muito sério e compenetrado em mim, e disse-me que eu perdia, a cada dia que passava, os poucos traços de criança que me restavam. Pela forma como me observou, nostálgico, emotivo, achei que me ia dizer que eu parecia menos uma menina e mais uma mulher como a minha mãe, mas guardou-o para si, porque talvez tenha achado que eu não queria ser como ela, ou talvez faltasse pouco tempo para me contar a verdade e para eu poder ver com os meus olhos como nos assemelhávamos. Nunca saberei.)

«Um dia, apresentei-a aos meus pais, levei-a lá a casa e disse-lhes que queria casar com ela. A tua mãe tinha acabado de fazer dezoito anos e ia ter de sair da casa das raparigas, era só para jovens, e, em breve, ela já ia ser considerada adulta. A minha família ficou contente, os meus irmãos abraçaram-me e abraçaram a tua mãe, foi um momento bonito. Claro que a tua avó ficou ciumenta, todas as mães de rapazes ficam, quando uma mulher aparece, ainda hoje vejo isso lá na loja, quando algumas clientes me contam com mágoa a existência de uma nora, mas até ela nos deu os parabéns. Aliás, já não posso jurar, o tempo passa e há coisas que vou esquecendo, mas tenho ideia de que até ofereceu à tua mãe o anel de noivado que já vinha de uma avó dela, muito antigo, porque eu a tinha pedido em casamento com uma flor, não tinha dinheiro para diamantes. O único que não disse nada de especial foi o meu pai, não era um homem de muitas palavras, também tinha sido educado para trabalhar e não para se expressar, e pronto, a noite passou-se bem…»

«E depois?»

«Depois, casámos», respondeu, simplesmente, «não foi uma festa como se vê na televisão, mas foi o melhor que se conseguiu. A tua mãe estava muito bonita, tinha pintado algumas coisas no seu vestido, não era todo branco, como as raparigas costumavam usar neste dia, e até a tua tia Sara, mulher do tio José, se emocionou quando a viu a entrar assim vestida, no registo civil».

«Elas eram amigas?»

«Foram, algum tempo. A Sara gostava muito da tua mãe, mas as coisas eram mais complicadas do que pareciam… Para a tua mãe, era difícil ser amada.»

«O que é que aconteceu?», perguntei, inquieta.

«A certa altura, a tua tia pediu à tua mãe que se afastasse, chamou-lhe nomes, pôs o meu irmão José contra nós… Não sei bem o que se passou.»

Ficou em silêncio durante algum tempo e retomou a tarefa que a minha curiosidade interrompera. Passados poucos minutos, imbuída da coragem que me tinha feito começar aquela conversa, pedi-lhe que continuasse.

«Como era a vida com a mãe antes?»

O meu pai riu-se e fitou-me com um sorriso bem-disposto.

«Antes de ti?»

Assenti.

«No início, correu tudo bem, a tua mãe ia tendo os seus trabalhos, eu também me esfolava para amealhar dinheiro, vivíamos com os meus pais, era uma situação temporária… Só que, passados poucos meses de sermos casados e de estarmos lá em casa, a tua mãe começou a ter alguns problemas e a minha família não conseguia lidar muito bem, a situação tornou-se complicada e, pronto, acabámos por sair.»

«O que aconteceu?»

O meu pai fez-me um olhar suplicante, pedia, sem pedir, que eu parasse, que tivesse a sensatez de perceber que já lhe tinha feito demasiadas perguntas.

«Já não interessa. Eu e a tua mãe estávamos juntos para o que desse e viesse, e, apesar de as coisas não terem corrido assim tão bem quanto eu gostava com os meus pais, eles ajudaram-me a comprar esta casa e os teus tios todos ajudaram a pintá-la, a trazer mobília, a carregar o que foi preciso, tudo… É daquelas coisas que nunca vou esquecer.»

«Então, porque nunca estás com eles?»

«Com os meus irmãos?»

Confirmei.

«Às vezes, as famílias não conseguem estar juntas, apesar de as pessoas gostarem umas das outras. A tua mãe não conseguia estar assim rodeada, ficava muito ciumenta, enchia-se de raiva quando as minhas cunhadas me diziam qualquer coisa, quando a tua avó me telefonava, era complicado… Não queria ir ter com eles, mas também não gostava que eu fosse sozinho, não descansava, ficava aflita. E eu escolhi ficar com ela e aceitei que era tempo de começarmos uma família os dois, sem outras pessoas…»

«Até que eu apareci?»

O meu pai abriu a mangueira e começou a regar os morangueiros que tinha plantado junto ao muro no outono anterior: estávamos em abril e, apesar de ainda não ser altura de os colher, parecia não faltar muito tempo. Uns ainda estavam branquinhos, mas outros já estavam a ganhar cor.

«Tu foste aquilo em que mais concordámos. A tua mãe sonhava ser mãe e eu também queria muito ser pai. Não foi fácil, não conseguimos engravidar das primeiras vezes, a tua mãe ainda sofreu alguns desmanches, as gravidezes não iam até ao fim, tu foste um milagre, nós nem coubemos em nós de alegria quando a médica nos disse que eras saudável, que íamos ter

uma menina! A tua mãe disse logo que queria que te chamasses Matilde porque era o nome da mãe dela, da tua avó.»

«A sério? Nunca me tinham dito isso.»

Ficámos um tempo em silêncio. O imaginário que o meu pai criara em mim fazia-me sorrir, porque me trazia a minha mãe alegre, sonhadora, com esperança de que a sua vida fosse boa. Eu não a tinha visto com essa energia tantas vezes quanto gostaria, e, ainda que me custasse a acreditar em que houve um tempo em que ela não era triste, sabia que o meu pai não me mentia. Achava que ele seria incapaz de o fazer.

«Quando tu nasceste, a tua mãe apaixonou-se por ti de uma maneira que não tem explicação. Ficava horas e horas a olhar para a alcofa onde te tínhamos na maior parte do dia, parada e calada, apenas a observar-te. À medida que foste crescendo, o fascínio só aumentou, a vossa cumplicidade, as brincadeiras que tinham…»

Saberia o meu pai que me fez falta?

«Tu também gostaste sempre muito dela. Lembro-me de seres bebé e de a mãe estar muito cansada, não acordava por nada, e tu choravas tanto, tanto, tanto, causava-me aflição. Se eu fosse lá e te pegasse ao colo, por mais que me esforçasse e tentasse imitar aquilo que a via fazer, a forma de pegar, a lengalenga sussurrada, nada, tu continuavas atormentada, às vezes, até parecia que a minha presença te afligia mais… Por outro lado, bastava a tua mãe chegar e olhar para ti e tu acalmavas-te de imediato… Parecia magia.»

Estaria ele magoado comigo, pela forma como eu, muito pequenina, o tinha rejeitado?

«A tua mãe sempre teve muita paciência para brincar, adorava fazê-lo contigo, ensinar-te a desenhar, ria-se tanto quanto tu a ver desenhos animados… Eu deixava-vos estar, só queria que fossem felizes, que a tua mãe se sentisse bem. Para ela, as coisas eram mais difíceis.»

Foi a única vez que tive coragem de lhe perguntar. «Porquê?»

Olhou-me de soslaio, fazendo-se de desentendido.

«Porque as coisas eram mais difíceis para a minha mãe?»

Não me respondeu. Nem ele, nem os médicos a quem perguntei, quando tive oportunidade para isso, se o sofrimento que a minha mãe sentia era normal, se havia alguma coisa que pudessem fazer para o atenuar. Também lhe perguntei a ela — nos momentos em que a vi desarmada, mais frágil e,

por isso, esperava eu, disposta a contar-me a verdade —, mas fiquei com a sensação de que era a que mais queria saber… e aquela que não imaginava a origem de tudo aquilo que era e vivia dentro dela.

40

Depois da morte da minha mãe — continuarei a dizê-lo assim, para mim, ela estava morta, custa-me a crer que está viva —, regressei ao trabalho, mas não consegui ficar naquela fábrica muito tempo. Bastava que o meu turno acabasse, ao fim da tarde, e que eu olhasse para o portão sem ter a cabeça ocupada com alguma coisa concreta e analítica, como as compras que teria de fazer no supermercado dali a pouco, para que o meu cérebro troçasse de mim, e, aí, só conseguia ver o meu pai e ouvi-lo a dizer: «foi desta».

Como não tinha grande experiência, nem sabia o que queria fazer, acabei por ir trabalhar para um restaurante aqui perto, como empregada de mesa. O ordenado não era nada de especial, mas folgávamos todas as segundas e, a menos que o rei fizesse anos, os horários mantinham-se constantes: a previsibilidade dava-me alento.

Estive lá apenas uns meses, fui despachada quando o inverno chegou e as reservas diminuíram a pique, mas ficaram-me algumas memórias que nunca esquecerei. Uma delas tem nome e é de homem; a outra, não, mas fez-me lembrar a minha mãe, e deu-me, pela primeira vez, a sensação de que nos estava a ver de fora, a observar aquilo que os outros tinham visto durante a minha infância e adolescência. Pareceu-me, inclusive, que ouvia novamente aquela vizinha a sussurrar que eu era coitadinha. A qual vou primeiro?

*

O nome dele é Manuel. Tem a minha idade e também era empregado de mesa. Quando isto aconteceu, devíamos ter dezanove, vinte anos, no máximo, e, depois de ter mudado de trabalho, nunca mais o vi. Ao contrário de mim, que aterrara de paraquedas naquele restaurante e demonstrara

pouca habilidade para tudo o que a função exigia — o contacto sorridente com os clientes, a agilidade que era precisa para se deslizar pela sala com uma bandeja com o peso mal distribuído, a memória de elefante para saber quando era sem batatas fritas, o ovo em vez do arroz ou a sopa bem-passada —, ele fazia tudo bem, parecia ter nascido para aquilo. O restaurante não era muito grande nem especialmente concorrido: fora o período de verão (mais pela localização do que pela comida), uma pessoa na cozinha e outra na sala era suficiente. Tinha ficado apalavrado que trabalharia ali por tempo indeterminado, foi isso que a senhora Mónica me dissera, mas, no dia em que me dispensou, percebi que fora apenas um reforço de época.

«Manuel!», gritou, aborrecida com qualquer coisa que eu desconhecia.

Foi aí que o vi pela primeira vez, vindo da cozinha. Olhou para mim e sorriu.

«É a nova?», perguntou à nossa chefe, bem-humorado, enquanto me observava atentamente.

Ambas assentimos (eu de uma forma muito mais reservada e menos convicta do que ela).

«Ensina-lhe as coisas.»

Ele pediu-lhe que ficasse descansada, disse que eu estava em boas mãos.

Os primeiros dias foram normais: aprender qualquer coisa é difícil, fazê-lo sem que haja a hipótese de errar, porque, senão os clientes reclamavam e a senhora Mónica falava muito alto, tornava-se ainda mais exigente. No entanto, o Manuel sempre foi generoso e paciente, aproveitava os tempos mortos, depois de as diárias serem servidas e de o restaurante esvaziar, para me mostrar como a chefe gostava que lavássemos o chão (com que produtos, com que frequência), e de que forma, mesmo quando parecia impossível, conseguiria fazer com que o terminal do multibanco apanhasse rede. Eu esforçava-me por ouvir tudo com muita atenção, preocupava-me a ideia de incomodar, e pedir-lhe que repetisse parecia-me um abuso injustificado, que só me poderia deixar em maus lençóis.

Não conversávamos muito, mas houve um dia em que, já a fecharmos o restaurante, ele me perguntou se eu queria ir beber uma cerveja. Lembro-me de ficar com a cara a ferver e de ter desejado, com todas as minhas forças, que aquilo que sentia não fosse visível: agradeci o convite, mas respondi que não podia.

«Eu não disse quando… Não podes nunca?»

Não consegui falar de imediato, mas abanei a cabeça, comprovando aquilo que era provável que ele já pensasse a meu respeito: não era normal.

Para minha surpresa, ele não pareceu ter ficado aborrecido nem precisou de me virar a cara para esconder o embaraço: riu-se com vontade, como se lhe tivesse contado uma piada. Claro que me desconcertou, estava mais habituada a gritos ou a silêncios incómodos acompanhados de olhares desiludidos do que àquilo.

«Qual é a graça?»

«Nunca ninguém me disse assim que não… Sem se explicar, sem inventar uma desculpa… Achei divertido.»

Eu não achei, nem sabia o que fazer com o que estava a sentir: por um lado, não queria magoar a única pessoa que podia ocupar, naquela altura da minha vida, um lugar que se assemelhava a uma amizade, ele era quase um amigo; por outro, assustava-me muito que a nossa relação pudesse, de alguma forma, evoluir para essa mesma amizade ou, pior ainda, para uma coisa amorosa.

«Não quero ser tua amiga nem namorada, só colega de trabalho.»

Ele fitou-me curioso e riu-se novamente.

«Eu também não disse que queria ser teu namorado!»

(Merda, merda, merda. Se a minha mãe aqui estivesse, o que diria?)

Virei costas e fui-me embora. O dia de trabalho já tinha terminado e eu esperava que aquele assunto não tivesse continuidade no seguinte.

Já em casa, deitada na cama, perguntei-me porque tinha reagido daquela maneira, e que sentido fazia alguém que se sentia tão sozinha rejeitar a única pessoa que parecia querer aproximar-se. E, aí, nesse milésimo de segundo em que me esforçava por refletir e me repreender, sempre pronta para me diminuir e me chamar de estúpida, egoísta e bruta, adormeci.

Nessa noite, que pareceu não ter fim, tive um sonho vívido: vi uma mulher que se apaixonava por um homem e que, por causa disso, ficava doente. Vi-a a andar pela rua, antes daquele dia, direita e com destino, depois de picada pelo cupido, aos ziguezagues, e o verbo já não era caminhar, mas deambular, e ela parecia sempre muito triste, constantemente à espera. Segui-a, ao longe, e ouvi-a a gritar, a pedir-lhe que ficasse, a ter dores invisíveis que só pareciam serenar quando deixavam marcas físicas feias. E consegui encontrar o tal homem, aquele que a enlouquecera, que eu pintara como um monstro, já pronta para o crucificar, certa de que a ele

todas as responsabilidades seriam imputadas, cabrão, mau, egoísta. Ele estava agachado num jardim: plantava uma oliveira e chamava-a para junto de si, para a regarem. Não parecia uma besta, nem tratava essa mulher como tal.

*

Já no fim da minha passagem por este restaurante, ainda sem saber que o meu tempo ali estava contado, aconteceu outra coisa que me atingiu o âmago.

Elas entraram no restaurante timidamente e ficaram paradas à porta, como se esperassem que alguém as convidasse a continuar a caminhada ou lhes estendesse uma passadeira vermelha. Eu estava a servir às mesas, o almoço revelara-se mais complicado do que previra, tínhamos anunciado pataniscas, mas a fritadeira decidira parar de funcionar de um momento para o outro, o Manuel tinha saído a correr com indicações precisas da senhora Mónica para ir a uma loja de eletrodomésticos e trazer a mais barata de todas. Sozinha a atender, com uma sala cheia e composta apenas por clientes insatisfeitos, vi-as ao longe e fiz-lhes sinal para que ocupassem uma das poucas mesas disponíveis. Não me recordo se reparei de imediato nelas e se achei que me marcariam de alguma forma ainda misteriosa, eram apenas duas mulheres, uma um pouco mais velha do que eu, outra com idade para ser sua mãe (e minha), mas lembro-me de lhes levar a ementa e de ter sentido qualquer coisa dentro de mim, uma estranheza que, percebi depois, era reflexo de nos vermos espelhadas.

Pediram qualquer coisa para partilhar e beberam vinho. Não me aproximei muitas vezes da mesa — não era o tipo de empregada que perguntava como estava a comida ou se precisavam de mais alguma coisa —, mas, quando fui retirar os pratos e questioná-las se queriam sobremesa, percebi que estava a interromper uma discussão. Desajeitadamente, como sempre fiz o que quer que fosse, pedi desculpa e disse que regressava mais tarde.

«Fique», disse-me a mulher mais velha, com uma espécie de rancor cuja origem não identifiquei.

A outra, mais nova, olhou-me envergonhada e baixou o rosto. Eu obedeci e fiquei apenas parada, à espera de que me dissessem o que queriam comer,

desejosa de me ir embora.

«Sabe o que esta menina acabou de me dizer?»

Respondi que não, baixinho. Estava a ficar nervosa, não gostava desta proximidade, detestava que me fizessem perguntas, esperava que as minhas interações com os clientes fossem breves e eficientes. A rapariga — que, agora que a olhava com mais atenção, não devia ter mais de vinte e poucos anos — continuava encolhida, como se já soubesse o que aí vinha e se quisesse proteger dos destroços voadores. Deveria fazer o mesmo?

«Não te estejas a esconder, então, ainda agora estavas toda emproada para a tua mãe», exclamou, enquanto lhe apertava o braço para ela levantar o rosto.

Virou-se para mim novamente, já a falar muito alto, «Dê os parabéns à mais recente grávida desta merda!», ao mesmo tempo que batia palmas dramáticas.

Não sabia o que fazer ou dizer. Talvez porque sempre obedeci, sussurrei «parabéns», tímida, quase em pânico, à espera de que a qualquer momento o Manuel chegasse e me pudesse salvar daquilo.

A rapariga continuou a olhar para o chão, mas eu conseguia ver o corpo contraído, o medo em forma de caracol.

«A minha filha vai ter um filho! Onde é que isto já se viu? Uma miúda desta idade anda por aí com homens, acaba grávida…»

Já todos olhavam para elas e, por arrasto, para mim.

«Eu tomei conta de ti a tua vida toda, dei-te tudo, sempre te tratei como uma princesa, amei-te mesmo quando o teu pai nos abandonou por causa de ti, porque tu choravas e eras chata como tudo, e qual é a paga? Engravidas de um gajo qualquer e planeias deixar-me sozinha para ires para não sei onde… Sua…»

A senhora Mónica apareceu, vinda da cozinha, e interrompeu aquele espetáculo. Senti o olhar que me lançou, recriminatório, que pesava a cobardia, mas mantive-me parada, incapaz de fazer o que quer que fosse. Eu não era cúmplice, sentia-me também vítima.

«Vou ter de lhes pedir que saiam», disse, intransigente.

A mulher mais velha arrastou a cadeira com força e disse que agradecia, pois a comida era uma porcaria e a companhia pior ainda. A outra, visivelmente triste, não se manifestou. À saída, a primeira virou-se: «não

seja pobre e mal-agradecida como esta miúda, nunca se abandona uma mãe».

Vi-as sair e fui para a casa de banho chorar.

41

«Lar Rainha Dona Filipa, boa tarde.»

Uma nova voz: mais jovem, menos entediada.

«Olá. Acho que no outro dia não foi consigo que falei…»

«Pois, talvez não tenha sido», respondeu, bem-disposta, «com quem estou a falar? Ou quem deseja que venha ao telefone?»

«Ah, ninguém, quer dizer, eu não perguntei o nome da pessoa com quem falei, e acho que também não me identifiquei. Queria saber como está a senhora Clara Ferreira.»

Do outro lado, um suspiro conformado.

«Está igual. Não se pode dizer que seja uma coisa da qual se melhora…»

Vejo a minha mãe a mandar um monte de pratos para o chão, a chorar desesperada, furiosa com o meu pai, que não chegou a casa às horas que tinham combinado — havia um monólogo sempre presente, a certeza de que tinha dito e ouvido coisas, acordos feitos por uma parte apenas —, mais um erro imperdoável. Oiço-a a sussurrar baixinho que só quer morrer, sinto-a a abraçar-me com força e a pedir-me que não vá para a escola, que falte ao trabalho. Nos seus olhos, uma prece clara como o seu nome: não me abandones, imploro-te — as mãos e a força que, juntas, imitavam quem acredita em Deus —, não me abandones.

«Quem pergunta?»

Hesitei.

«Chamo-me Matilde.»

«É familiar?»

Anuí com um som breve, a medo.

«É a filha?»

Congelei. Um misto de alegria e pânico: por um lado, a esperança trazida por aquela pergunta, a imagem de uma mãe que abandona a filha, mas que

não se esquece dela; por outro, as correntes, as palavras duras, as constantes exigências, o ter de estar sempre presente, o ter de ser só a sua filha.

«Sabe quem sou?»

«Sim. Não a conheço, claro, mas sei.»

Imaginei a minha mãe a contar como nos divertíamos quando eu era criança, as brincadeiras que fazíamos, as folhas de papel que gastávamos, as canetas espalhadas por todo o lado, os chocolates que partilhávamos, os segredos que tínhamos e que nos tornavam inseparáveis. Ouvi-a a jurar que eu era uma boneca, que era linda como aquelas princesas dos desenhos animados, que o meu cabelo brilhava no escuro e o seu talento para pintar era uma piada ao pé daquilo que eu era capaz.

«Ainda está aí?», perguntou-me, inquieta.

Assenti com a cabeça.

«Matilde?»

(Ela não te vê. Tens de falar.)

«Sim, desculpe, sim.»

«Como está? Já soubemos que o senhor António morreu…»

«Estou bem.»

Estou bem, afinal, o meu pai só morreu. Estou bem, afinal, só descobri que a minha mãe esteve viva estes anos todos, e que o seu desaparecimento não foi definitivo senão para mim. Estou bem, afinal, só cresci com a sensação de que era tudo para a minha mãe, de uma maneira que me sufocava e me fazia sentir responsável por o que de mal lhe acontecia, e, afinal, ela fica muito bem sem mim, não precisa da minha presença, sou insignificante, um estorvo em forma de mulher. Estou bem.

«Vou tratar-te por tu, pelas minhas contas, és bem mais nova do que eu.»

Disse que não fazia mal, que era verdade que eu ainda era jovem e que ninguém me tratava com tanta deferência.

«Não sei se já te disseram, mas o teu pai vinha cá todos os dias. Era um homem muito bom. A tua mãe também é uma mulher especial.»

Tentei rever na minha cabeça aqueles anos todos, em que ficámos apenas os dois: como nunca reparei que o meu pai ia visitar a minha mãe? Como nunca desconfiei de que ela pudesse estar viva?

Na minha cabeça, ecoa a última frase, «a tua mãe também é uma mulher especial», e, no embalo das palavras que a compõe, esforço-me por me desencantar e seguir com a conversa.

«Eu não sabia que o meu pai ia aí todos os dias.»

«Mas vinha, isso posso eu jurar-te! Normalmente, ao fim da tarde. Entrava, ficava algum tempo na sala de convívio com a tua mãe, conversava connosco, e ia embora com a promessa de regressar no dia seguinte. Foi assim que percebemos logo que alguma coisa de grave tinha acontecido: quando, passados seis, sete anos, já nem tenho bem certeza, houve um dia em que ele não nos visitou.»

Tento imaginar o sítio onde a minha mãe vive e dou-lhe uma escada semelhante àquela que tenho à entrada da nossa casa. Vejo-a à espera do meu pai no dia seguinte àquela noite em que os dois jantávamos e ele pareceu engasgar-se com o ar. Imagino-a a recusar-se a voltar para dentro, apesar daquela funcionária e de outras insistirem que já era hora de recolher, que fazia frio e que, no escuro, não veria o meu pai a chegar. Penso que, se forem boas como eu nem sempre consegui ser com ela — o tempo desgastou-me e a distância parecia-me a única forma de me salvar —, vão buscar uma manta e poisam-na nos seus ombros, para que aguente a descida de temperatura. Lá está ela, na manhã seguinte, ainda à espera do meu pai. Tem remelas nos cantos dos olhos e os lábios muito gretados. Há uma tristeza no curvar das costas, mas o amor (será amor?) vê-se na forma como as mãos continuam cerradas. Se o meu pai chegasse, ela levantar-se-ia com um só impulso e desferiria um soco magoado, justificável porque era uma daquelas que ele nunca havia feito.

«Dormir fora de casa, António?!», oiço-a gritar.

A ideia perturba-me na mesma medida em que me emociona: se bem a conheço, ainda hoje o espera…

Mas, por outro lado, se sabe que a morte pode ser falseada, como não pensará que talvez o meu pai não tenha morrido? Que este mês que passou não foi só um atraso, um pneu furado que espera conserto no fim de uma fila interminável? Um contratempo que leva muito tempo a ser resolvido? Uma história mirabolante que, mais cedo ou mais tarde, pintará sem intenção, num gesto reflexo, como forma de se livrar dela?

«Eu não sabia que a minha mãe estava aí.»

Silêncio.

«Onde achavas que estava?», perguntou-me, confusa.

«Morta.»

De novo, silêncio.

«Matilde, eu não sei se posso falar disto contigo, se os teus pais não te contaram, se calhar, há uma razão, eu não quero desrespeitar ninguém…»

Interrompi-a com rispidez. Estava cansada que me escondessem coisas e de que me tentassem proteger: não sou feita de vidro, se fosse, já estaria em cacos e, mesmo aí, era tão resistente que nem a mil e quinhentos graus morreria, tornar-me-ia moldável e, depois, qualquer outra coisa.

«A minha mãe fala de mim?»

Não me respondeu. Na minha cabeça, ouvi um «sim».

«Sabia que eles me disseram que a minha mãe estava morta?»

«Não. Não sabia disso», disse-me, e alguma coisa me dizia que estava a ser sincera.

«Está muitas vezes com a minha mãe?»

«Sim, todos os dias, menos quando folgo. É uma mulher diferente, encantadora.»

Lembrei-me da vizinha que me chamava de coitadinha e da outra que tinha dito ao filho, meu colega de turma, que a minha mãe era bruxa. Também a ouvi a dizer, em frente ao espelho, que era feia, gorda, estúpida, burra, não me deixando nenhuma margem para o refutar. Encantadora não era um adjetivo que tivesse ouvido da sua boca ou da de outros. Sabia-me bem imaginá-la assim, encantadora.

(«A minha mãe é uma mulher encantadora», ouvi-me a comentar no trabalho, no dia seguinte. A imagem era deliciosa, absurda.)

«Do que falam?», perguntei.

Do outro lado, escutei o ruído de uma cadeira a arrastar no chão e imaginei-a a refastelar-se numa cadeira confortável. Também eu me recostei no sofá e fechei os olhos, como se quisesse ser embalada. (O regresso à meninice, qualquer coisa parecida a uma história contada pela minha mãe.)

«Conversamos sobre coisas normais, do quotidiano. A tua mãe é muito observadora, gosta de ficar a olhar para os outros utentes do lar, para os seus companheiros de casa. Não é que seja pouco faladora, basta que lhe demos corda, mas não fala assim para multidões à hora das refeições, fica mais introspetiva, guarda-se para quando fazemos a ronda aos quartos.»

Pedi-lhe que me contasse mais coisas. «É importante para mim.»

«A senhora Clara gosta muito de pintar, mas não gosta que os outros vejam aquilo que faz e, por isso, passa a maior parte do tempo no quarto, entretida: é uma pessoa silenciosa, mal damos por ela, se tiver papel e

canetas, e deliciamo-nos quando, por sorte, nos mostra qualquer coisa que fez. É tudo lindo! Eu digo-lhe que devia expor, que podíamos até organizar uma exposição aqui no lar, tanto eu como as outras funcionárias adoramos essas coisas, sabemos como são importantes para quem cá vive, um pouco mais de arte, coisas diferentes, mas a tua mãe é teimosa, tímida, não quer essa exposição.»

«O que é que a minha mãe pinta?»

(Veio-me à memória uma tarde de domingo: o meu pai estava a grelhar salsichas frescas e a minha mãe estava no jardim, com uma resma de papel cavalinho poisada nos joelhos. Aquela imagem era rara, a minha mãe detestava estar na rua, tanto o jardim como a horta que o meu pai cuidava a irritavam, dizia que era um desperdício de tempo, mais uma forma que ele arranjara para não o passar connosco. Assim, quando a vi, sem que ela me notasse de imediato, espantei-me principalmente com o que desenhava: era um pássaro enorme, com os olhos esbugalhados e as penas brilhantes, colorido, impressionante. Sobrevoava um céu que não estava nublado nem ameaçava trazer chuva, e tudo parecia perfeito. Já mais próxima, agarrei-a pelas costas e elogiei aquela beleza. Devia ter uns catorze ou quinze anos, e não me lembrava de alguma vez ter visto um retrato feliz pintado por ela. A minha mãe parecia hipnotizada, olhava para as flores que cresciam, os frutos que brotavam, o voo dos pássaros, e sorriu-me. No fim daquele dia, e depois de ter a certeza de que ela já estava a dormir, fui até ao seu quarto e trouxe comigo aquela resma de papel, com o intuito de guardar para sempre aquele desenho. Não me surpreendi quando, na sua vez, encontrei um pássaro com todas aquelas características que me tinham apaixonado, mas baleado. Um caçador, julgando-o falcão, tinha disparado. Aquela era a assinatura da minha mãe.)

«Pinta o quarto dela, algumas árvores que vê da janela, a Célia, que é a sua funcionária preferida», riu-se, sem que eu pudesse adivinhar a razão, «e, quase todos os dias, pinta-te a ti.»

Agarrei-me ao meu coração, ciente de que não conseguiria agarrar as lágrimas.

«A mim?»

«Pelo amor com que pinta uma rapariga com idade para ser sua filha, julgo que sim.»

Despedi-me com poucas palavras e afundei-me na minha tristeza.

42

Pela casa estão espalhadas fotografias tuas. O pai nunca deixou que te esquecêssemos, falava de ti como se te tivesse visto no dia anterior. (Ele via, eu é que não sabia.) Às vezes, eu passava por ti no corredor, emoldurada de prata oferecida no meu batizado, e, ao ver-te com um vestido pelos joelhos e uma fita no cabelo, sentia-me terrível. Tu eras uma mulher muito bonita, mas a tua beleza não era uma constante ou um dado adquirido, também nisso fazias diferente: guardava-la como quem guarda um tesouro, escondia-la de quem não te interessava nos dias em que não te dava jeito tê-la, e, quando a vislumbrávamos, porque decidias arrumar o cabelo e endireitar as costas, curioso, eras a única que não a via.

«Sou tão feia», disseste-me uma vez, quando eu era adolescente.

Estávamos no meu quarto a arrumar qualquer coisa e tu paraste em frente ao espelho.

«Não és nada, mãe», respondi-te, sem dar grande importância.

Ficaste a observar-te muito séria, parecias enojada como quem via um pedaço de estrume pela primeira vez. O teu rosto gritava: «és execrável, feia, tudo de mau e de pior». Abracei-te e pedi-te que fôssemos para a sala ver televisão. O teu contacto com espelhos incomodava-me muito, porque revelava a forma terrível como te vias e, por consequência, fazia-me ver-me também assim.

43

Numa noite em que não conseguia dormir, creio que dois dias antes de a minha mãe desaparecer, levantei-me para ir buscar um copo de água e encontrei o meu pai acordado, na sala, a ler um livro. Ele gostava muito de ler, tenho essa imagem dele, as unhas sujas de terra numas mãos firmes que agarravam calhamaços, mas não era habitual, achava eu, fazê-lo até tão tarde.

«Também estás preocupada?», perguntou-me, assim que me viu passar no corredor a caminho da cozinha.

Inicialmente, sussurrei que não, que estava tudo bem: não queria que o meu pai se ralasse comigo, já tinha problemas de sobra, a minha mãe precisava de nós. No entanto, o seu olhar, que encontrava no escuro graças ao candeeiro de leitura aceso, parecia conhecer a minha alma e não me permitir mentir por muito tempo.

«Um pouco, mas já passa», confessei.

Naquela tarde, a minha mãe tinha usado a lâmina de barbear do meu pai para se cortar no interior das coxas. Apesar de o local eleito não ser visível — na maior parte das vezes, esforçava-se muito para que não soubéssemos dos seus fantasmas —, acabara por perder o controlo, exagerou na força e na profundidade e, assustada com a quantidade de sangue que lhe saía do corpo, gritara por nós. Estávamos, naquele exato momento, os dois no sofá a ver um filme: assim que a ouvimos, corremos desgovernados, com o coração nas mãos, sem tempo para especular o que poderia acontecido. Era sábado e já tinham passado algumas horas, mas o quadro que testemunháramos parecia ter-se emoldurado em nós.

«Vai buscar umas compressas, rápido, Matilde!», gritara o meu pai.

E eu corri, desci a escada sem saber se pisava os degraus, e voltei a subir para a casa de banho onde a minha mãe continuava deitada, na mesma

posição, com a caixa de primeiros socorros nestas mãos que tremiam de medo. O meu pai tentava estancar todo aquele sangue o melhor que conseguia, mas sussurrava-lhe, num misto de amor e ansiedade, que não sabia se estava a dar conta do recado.

«Não quero ir ao hospital», disse e repetiu, tão convicta quanto a perda de sangue a permitia ser.

Foi como ela queria, como sempre.

*

Matei a sede e regressei à sala onde o meu pai me esperava, já de livro fechado. Sabia que não ia conseguir dormir, desconfiava de que ele também não, e a noite parecia mais amigável para nós, que tanta dificuldade tínhamos em conversar durante o dia, quando existia luz e éramos três.

«A mãe quer morrer?», perguntei-lhe, de olhos postos no chão.

O meu pai respondeu-me que não, que só se queria magoar, como se isso fosse normal ou menos grave. Não era a primeira vez que tínhamos uma conversa daquele teor, em que eu tentava perceber o que se passava com a minha mãe, assustada, preocupada, e em que ele se esforçava por apaziguar todas as minhas questões e anseios, aligeirando aquilo que era demasiado pesado.

«Porquê?», voltei a perguntar, «Porque se quer magoar?»

Ao início, respondeu-me que não sabia, mas, depois, vi-lhe a tristeza no olhar e pareceu-me que carregava culpa. Não conseguia imaginar o que ele podia ter feito, ele que cuidava dela, ele que não a abandonava, ele que lhe desinfetava as feridas e fazia uma barreira imponente para que ela não se esvaísse em sangue e esvaziasse em alma.

Aproximei-me do meu pai e apertei-lhe a mão, como quem dizia: «a mãe ama-te muito, tu dás o teu melhor, não tens culpa de ela ser maluca». Ele baixou o olhar, mas eu percebi que não me ouvira, não entendera aquele silêncio: já se tinha declarado culpado.

*

Anos depois, já a minha mãe tinha morrido — eu achava que sim —, o meu pai estava a arranjar a torneira da casa de banho junto ao seu quarto e

eu também estava por perto, a arrumar umas coisas. Devia ser domingo, porque era o dia que tínhamos estipulado para estas andanças, e, até então, corria exatamente igual a todos os outros.

«Matilde, anda cá», chamou-me, de repente.

Entrei na casa de banho e vi-o muito sério, encostado ao lavatório, com uma caixinha de madeira nas mãos.

«Encontrei isto», mostrou-me, «era da tua mãe».

Fitei-o sem saber o que dizer. Não falávamos dela muitas vezes e, em todas aquelas que tínhamos encontrado pertences seus, não havíamos parado as nossas vidas. Lembrava-me, até, dos dias em que, juntos, guardáramos tudo (roupas, telas, materiais de pintura, calçado) e entregado no lar de raparigas mais próximo. Aí, nesse dia, o meu pai dissera-me apenas que estávamos a ajudar pessoas que, tal como a minha mãe, cresciam em sítios assim, sem família, e eu assenti, ainda que tivesse gostado de ficar com qualquer coisa sua. (Acabei por guardar apenas um colar.)

«O que tem?», perguntei-lhe.

O meu pai já tinha aberto a caixa e não me queria mostrar o seu conteúdo. Percebi sozinha que seria um objeto cortante, qualquer coisa que lhe infligia dor, pois era ali, naquela casa de banho, que a minha mãe habitualmente se expurgava.

«Não tens culpa», disse-lhe.

Houve um silêncio prolongado, que podia ser de um homem em paz, que refletia sobre aquilo que tinha vivido, os desafios superados, as marcas dolorosas do passado, mas não: eu senti que aquela ausência de palavras vinha de outro sítio, que era coisa diferente.

«Uma vez, fiz uma coisa que magoou muito a tua mãe e nunca me perdoei por isso», começou por dizer, visivelmente incomodado, «todos os dias, desde aquele, amaldiçoo-me pelo erro que cometi, peço muita desculpa à tua mãe, até a ti, que ainda não eras nascida, mas acabaste por sofrer muito por minha causa.»

Fiquei boquiaberta, sem saber o que dizer. Havia um lugar num altar improvisado para o meu pai, uma humanidade que não lhe queria conhecer, a esperança de que ele não me desiludisse. Eu não queria conhecer aquele novo estado de coisas, era confuso e punha muitos dogmas em causa.

«Eu e a tua mãe apaixonámo-nos e, passado pouco tempo, casámos, foi tudo muito rápido, na altura, parecia que estávamos numa maratona, que o futuro era uma urgência. Eu era um miúdo, não tinha maturidade — não é desculpa, nem eu quero que seja — e acabei por me enamorar, já depois de casarmos, por uma rapariga que também andava na apanha da fruta comigo e com os meus irmãos. Foi uma coisa sem importância nenhuma, eu ainda não tinha maturidade para um compromisso tão sério, nunca tinha namorado antes, via os meus irmãos com umas e outras, e eu já de anel no dedo…»

Na minha cabeça, imaginava a minha mãe, mais nova, talvez até mais nova do que eu era neste dia, à espera do meu pai, enquanto ele dançava entre pomares e vinhas com uma rapariga mais bonita, com os olhos mais azuis e o cabelo mais brilhante. Senti pena da minha mãe e alguma mágoa para com o meu pai.

«Não tive nada com ela, eu amava a tua mãe, gostava muito dela, mas um dia pensei que ela merecia saber que eu tinha engraçado com outra rapariga e disse-lhe que talvez ainda não estivesse pronto para tanta coisa, tão séria. Fui muito estúpido e ingénuo, pensava que, se achava outra rapariga bonita, era sinal de que ainda não estava pronto para ser marido, mal sabia a posição da tua mãe, a tristeza que lhe causei, ainda por cima, na situação em que ela estava, se eu soubesse, nunca o teria dito…»

«O quê?», perguntei, irrequieta.

«Não sabia que a tua mãe já estava grávida.»

Imaginei-a chorosa, agarrada à barriga, a interrogar-se de como seria mãe solteira, com que dinheiro, em que casa, com que suporte familiar.

O meu pai tinha os olhos baixos e as mãos tremelicantes.

«Pedi-lhe muita desculpa pelo que tinha dito, senti-me terrível, não imagino a dor que lhe causei, foi muito difícil para ela.»

Comecei a arrumar algumas coisas numa das gavetas da casa de banho, aquelas conversas desconcertavam-me e a tristeza da minha mãe — que não tinha conhecido, que tinha sido sentida antes de mim — magoava-me igualmente.

«Como é que acabou a história?»

O meu pai percebeu o meu desconforto e também começou a arrumar umas coisas.

«A tua mãe perdoou-me, mas ficou muito triste.»

Interroguei-me: se um dia um homem se apaixonar por mim e, depois, por outra, perdoarei essa traição do coração? Não interessa, não vale a pena pensar nisso: nunca nenhum homem se vai apaixonar por mim.

«Foi aí que me tiveram? Eu era o bebé dessa gravidez?»

O meu pai respondeu que não com a cabeça.

«Infelizmente, a tua mãe acabou por perder esse bebé, mas, mal eu soube que havia a hipótese de ser pai, nunca mais olhei para nenhuma outra rapariga. Eu gostava da tua mãe, tinha-lhe dito que íamos ter uma família, prometi-lhe que ficava com ela para sempre. Foi só uma atração, uma coisa de miúdo, nunca mais pensei naquela rapariga.»

Tentei pôr-me na pele da minha mãe: um dia, conhece um rapaz que parece gostar tanto dela quanto ela dele, e apaixona-se. Aquilo que podia ser um namoro da juventude sem grande importância torna-se também na sua forma e fonte de sobrevivência, um amor em forma de teto e de esperança, o amparo e o colo que já não tinha há muitos anos. Casam-se e vão viver juntos. Tudo parece correr bem, vem aí um menino ou uma menina, até que ele chega a casa e diz «talvez não esteja pronto, há uma rapariga lá na apanha da fruta que é mais bonita do que tu». O coração começa a saltar-lhe do peito, na barriga, sente um pontapé que parece ter acertado no pâncreas, há um curvar imediato do corpo, foi um murro bem espetado, «estou grávida». Ouve um «então, amo-te». Continuam juntos. É amor?

*

Não sei como terminou aquela conversa nem se tirei muitas conclusões. Recordo-me de ter sentido alguma tristeza e uma espécie de desilusão em relação ao meu pai; pensei «afinal, ele também cometeu erros e disse coisas feias, e talvez também ele seja maluco». Depois, à medida que o tempo foi passando e que fui ouvindo conversas e desabafos de colegas de trabalho que falavam das suas relações amorosas, dos desafios, da falta de compromisso, dos enganos sem vergonha ou dos remorsos que perduram em quartos de hotéis pagos em notas, percebi que aquilo que o meu pai tinha feito, vinte e tal anos antes, quando era ainda um miúdo, não podia ser assim tão grave.

Ficou-me uma coisa que me disse, ainda naquela noite, quando trouxe de volta o tema.

«Porque me pediste desculpa? Não foi a mim que me fizeste sofrer, a mãe é que deve ter ficado triste por lhe dizeres que estavas interessado noutra rapariga…»

(Depois de tantos anos a aceitar as coisas como elas eram, sem perguntar o porquê nem esperar que pudessem ser de outra forma, sentia-me, aos poucos, nesse direito.)

«A tua mãe já era uma rapariga, não sei bem como descrever, insegura. Assim que começámos a namorar, percebi logo, perguntava-me muitas vezes se eu gostava dela, tinha muitos ciúmes das outras pessoas que andavam à minha volta, da minha família. Eu percebia o motivo, ela estava sozinha, sem pais, sem ninguém que pudesse tomar conta dela, acho que até pensava que, se calhar, algum rapaz já a tinha enganado e que era por isso que ela era tão desconfiada. Mas, adiante, no dia em que aquilo aconteceu, em que eu lhe decidi dizer que achava que ainda era muito novo, em que lhe falei daquela rapariga, tudo piorou. Ficou muito assustada, com muito medo de que eu a deixasse, e, mesmo depois de eu dizer e repetir que gostava dela, porque sempre gostei muito, juro que gostei, ela não acreditava.»

Ouvi as palavras do meu pai e fiquei a refletir acerca delas durante algum tempo. À minha frente, tinha um homem quebrado, que vivera mais de vinte anos com o fardo da culpa de uma coisa que tinha feito aos dezanove.

«Acho que isso não pode ter mudado assim tanto a mãe e, a mim, não me afetou, ainda nem era nascida…»

O meu pai sorriu, parcimonioso, como quem não concorda, mas não acredita que valha a pena a discussão.

«Não sei, mas depois tu nasceste e a tua mãe era tão agarrada a ti, tinha tanto medo de te perder…»

Interrompi-o de imediato.

«E a ti, a mãe chorava a tua morte todos os dias depois de certa hora, como se tivesse a certeza de que não irias voltar…»

Nenhum de nós disse mais nada, terminámos a refeição em silêncio e deixámos a arrumação da cozinha para o dia seguinte. Sabia que, na cabeça dele, recordava a minha mãe à sua espera, os gritos de desespero ao telemóvel que imploravam que regressasse assim que possível, as ameaças

repetitivas em caso de abandono: sabia-o, porque eu fazia o mesmo. Já no meu quarto, revi aquele dia vezes e vezes sem conta, o que tinha ouvido, o que tinha dito, os silêncios, a forma como tínhamos terminado a conversa.

Prestes a adormecer, percebi o que o meu pai me queria dizer quando me pediu desculpa e isso magoou-me profundamente: se sabias que eu sofria tanto com a mãe, que ela me asfixiava e me fazia sentir que a sua sobrevivência dependia da minha dedicação a ela, do meu amor, da minha constante presença, porque nunca fizeste nada, pai?

PARTE 3

44

«Lar Rainha Dona Filipa, boa tarde.»

Passaram dois meses desde que o meu pai morreu. Eu não consegui voltar ao trabalho, a ideia de enfrentar quem me conhecia antes dessa noite e do dia em que descobri que a minha mãe estava viva afligia-me muito: já não sou a mesma pessoa, nem sei se consigo fazer as coisas que fazia. Fui cobarde, liguei a pedir desculpa, informei que não compareceria mais. Não deixei que a resposta viesse, desliguei sem educação, massacrei-me por isso, tinham sido bons comigo, mas eu tinha medo de que me ligassem do lar naqueles minutos e que parecesse que eu estava ocupada: não podia estar, não agora que sabia que a minha mãe está viva.

«É a Matilde», disse, baixinho.

Do outro lado, a Sofia, a voz que mais tinha escutado nas últimas semanas, aquela que me tinha dito: «sim, a tua mãe pinta muito uma jovem da tua idade, só podes ser tu, és tu de certeza».

«Olá, Matilde. Em que posso ajudar?»

Aquele era o décimo quinto dia em que eu telefonava. Seguido. Normalmente, optava por o fazer de manhã, porque já tinha percebido qual era o horário de trabalho da Sofia e falar com outra funcionária deixava-me muito desconfortável: não que tivéssemos criado uma relação ou que houvesse intimidade, mas só o facto de não ter de me apresentar, de não ter de dizer a que paciente me referia, de não ter de pronunciar o nome da minha mãe e a nossa relação de parentesco, tudo isso era um alívio. As conversas eram curtas, não lhe tomava mais de dois minutos, preocupava-me também que pudesse deixar de atender, imaginava-a a bufar de tédio ou a rir com maldade no refeitório com as colegas, a falar de mim como a maluca, filha da maluca, a usarem os meus telefonemas como exemplo de como a hereditariedade e o ambiente eram um prego no caixão, «a

inevitabilidade de se nascer num sítio». Estremecia com estas certezas, com as imagens que me assolavam a cabeça, punha corpo na voz e esperava estar errada, que ela não fosse pérfida, e que eu não me tivesse tornado num caso de estudo, o exemplo que confirma a regra.

«A minha mãe está viva?»

Era só isto que eu perguntava. Todos os dias. Precisava de saber que ela continuava viva, que eu não tinha percebido tudo mal, que não tinha acordado desnorteada, incapaz de distinguir a realidade da ficção.

«Sim», respondeu-me, todas as manhãs em que liguei.

«Se acontecer alguma coisa, liga-me?», perguntava-lhe, também.

Ela dizia que sim, que eu podia estar descansada. Eu agradecia e desligava a chamada. Não conhecia a Sofia, não sabia quantos anos tinha nem de que era feita: não tinha motivos para a amar nem para a odiar, e os receios que me amaldiçoavam eram mais do que muitos e já expostos, mas a sua voz acalmava-me e a sua pergunta, «Em que posso ajudar?», parecia-me gentil, como se eu não estivesse a incomodar, como se pudesse precisar de coisa diferente e ela já não soubesse o que aconteceria nos minutos seguintes.

Passava o resto do dia em casa, de um lado para o outro, a arrumar, a limpar, a regar as plantas e a mudá-las de sítio para que não se aborrecessem com a vista, a apontar em papelinhos as coisas que tinha de fazer, as dúvidas que gostaria de, um dia, ver esclarecidas, e adormecia, adormeço, na esperança de que, no dia seguinte, a resposta seja a mesma.

45

Porque não fui ao funeral da minha mãe? Soube da sua, afinal, existência e disse que não compareceria? Que não era capaz? Ou o meu pai chegou a casa um dia e informou-me de que tal acontecimento, demasiado duro para uma jovem da idade que eu tinha, já havia decorrido, não me permitindo decidir, não me dando a hipótese de estar presente?

Estas eram algumas das perguntas que mais me assombravam, porque me traziam uma final, assustadora: soube sempre que a minha mãe estava viva e fingi a sua morte tal como os meus pais fizeram?

Pior: queria a minha mãe morta?

46

Uma vez, devia ter oito, nove anos, a minha mãe estava a fazer-me uma trança no cabelo em frente ao espelho da casa de banho. A história não é esta, até porque o cenário — eu sentada num banco de madeira alto — repetiu-se vezes sem conta, até aos meus dezoito anos (aí, já com o banco para baixo, para que conseguisse moldar-me o cabelo, apesar de eu já ser mais alta). A história é, naquele dia, a minha mãe parou a tarefa a meio e ficou a olhar para mim, para o meu reflexo no espelho, como se me estivesse a ver pela primeira vez. Miúda como era, devia estar distraída a brincar com qualquer coisa, mas, com o tempo a passar e os bichos-carpinteiros a atacarem-me os pés, perguntei-lhe se ainda demorava muito, quando é que a trança ficava feita.

Pareceu-me que a tinha acordado de um sono profundo, coisa rara para quem não estava deitada e mantinha os olhos abertos, e perguntou-me apenas se eu era feliz. Não é pergunta que se faça a uma criança, até porque, nessa idade, por mais que não saibamos muitas coisas, sabemos qual é a resposta certa: «sim».

Sim porque as crianças são pequenas e gostam de correr e vestem roupas coloridas. Sim porque andam numa escola que tem baloiços e um escorrega e montes de lápis de cor com que podem fazer desenhos. Sim porque os pais estão a olhar para elas, levam-nas pela mão e mostram-lhes coisas novas. Sim porque se riem muito e alto e, muitas vezes, fazem-no mesmo sem terem os dentes todos, porque estão tão felizes que não conseguem manter a boca fechada.

A minha mãe continuou com o olhar fixo em mim, como se aquela palavra tão pequena, monossilábica, banal, a mesma que eu usava para confirmar que a televisão estava a funcionar e que a mesa estava posta, não fosse suficiente. Não me recordo se fiquei apreensiva, arrependida de não

lhe ter acrescentado antes um «claro que» ou se me martirizei por não ter sido mais expressiva. Não sei, talvez a sua reação me tenha passado ao lado porque eu estava entretida e lembrar-me deste episódio, hoje, foi algo que jamais terei pensado enquanto ele acontecia. Como se a nossa mãe perguntar-nos se éramos felizes, olhando-nos, triste, fosse uma coisa que não nos pudesse marcar.

Penso nisto, hoje, não com remorsos por ter mentido — talvez não o tenha feito —, mas por me ter sentido feliz nos últimos quatro, cinco anos. Talvez mais feliz do que alguma vez fui.

*

Não foi imediato. Levei quase dois anos a aceitar que a minha mãe tinha morrido, a deixar de esperar vê-la à porta do meu quarto quando acordava sem despertador, atenta, apenas a observar-me; a ouvir a minha gargalhada, confrontada com uma comédia na televisão ou com o meu pai com terra na testa, e a não me sentir mal por isso. Tomou o seu tempo.

Só que, depois, o tempo passou, e a sua passagem, desinteressada, sem promessas nem falsas esperanças, foi-me mostrando pequeninas coisas, minúsculas para quem não vive de microscópio, passíveis de serem dadas por adquiridas, que me trouxeram uma alegria e uma paz imensas.

A leveza de caminhar em vez de correr, por saber que ninguém está à minha espera, desvairado, incapaz de respirar por muito mais tempo, e que, mesmo que o meu pai já estivesse no sofá refastelado ou junto ao fogão atarefado — coisa rara, sei agora o porquê —, não havia pressa, não era por cinco minutos.

A beleza de ter flores em jarras e plantas em vasos de cerâmica espalhados pela casa, e de ter luz a entrar — luz verdadeira, da que não tem interruptor — e de conversar com aqueles seres, de os regar a todos, saber exatamente os dias em que tenho de o fazer, as suas peculiaridades. O cheiro que se sente ao entrar, a vida. O crescimento, a certeza de que estão a viver bem ali, de que estou a contribuir para algo ser próspero.

A possibilidade de escolher: o que comer, o que vestir, onde ir, como aproveitar o tempo. Fora o trabalho, a que me fui dedicando com entusiasmo moderado, dependendo dos sítios e das funções, todo o resto do dia e da noite estavam por minha conta. Eu não queria fazer grandes

loucuras, nunca quis, sou medrosa, mas, de repente, poder optar por caminhar, ler um livro, ver televisão, estar simplesmente parada, deitada na cama no meu quarto, com a porta fechada, e ouvir o meu pai a bater — esse respeito, essa privacidade —, comovia-me e fazia-me sentir que eu já era crescida, uma mulher.

A calma ao rodar a chave, o caminhar tranquila pela nossa casa, sem receio de que pudesse encontrar alguém no chão, cortado, magoado, a sangrar.

E, acima de tudo, foi a diferença que senti em mim, na forma como me fui conseguindo abrir, criar relações. Não fiz muitas amizades, não sei sequer se posso dizer ter amigos, mas fiquei depois do trabalho algumas vezes à porta enquanto os meus colegas fumavam, participei em conversas e dei a minha opinião, aceitei ir a alguns planos noturnos e, no ano passado, até a uma festa de aniversário fui. Depois de mais de uma década.

Um dia, creio que tinham passado cinco anos da morte da minha mãe, tive folga a uma terça-feira e decidi ir a pé até à minha escola secundária. Caminhei com uma roupa confortável, que tinha escolhido para o efeito, porque qualquer coisa dentro de mim me dizia que podia ser uma viagem exigente; carreguei uma garrafa de água de um litro e meio; pus os auscultadores nos ouvidos, porém decidi não ouvir música, receava que isso me distraísse dos perigos que a viagem, sozinha e passados todos estes anos, poderia acarretar. Foram sete minutos a pé, uma linha reta quase perfeita, sem subidas nem descidas. Quando cheguei e deparei com aqueles jovens todos, uns a sair da escola, outros à conversa no portão — tinha acabado de tocar para a saída —, procurei uma mãe que se parecesse à minha, que também ali estivesse à espera do seu filho, com a cara enfiada entre as grades e o olhar piedoso de quem não estava segura de ter um filho para levar para casa… mas nada. Não existia.

Fiquei aliviada, qualquer coisa dentro de mim serenou.

Virei costas e caminhei até casa. Tal como eu sempre tinha dito, conseguia fazê-lo sozinha.

*

Como se vive depois de se dizer: «Sim, fui mais feliz desde que a minha mãe morreu?»

47

O primeiro toque, a certeza de que marquei o número de telefone correto. Bastava esperar uns segundos, havia sempre alguém por perto: normalmente, àquela hora, era sempre a pessoa com quem eu me sentia mais confortável a conversar.

«Lar Rainha Dona Filipa, boa tarde.»

(É ela.)

«Olá, Sofia. Desculpe incomodar…»

Interrompeu-me de imediato, coisa rara, talvez estivesse com pressa ou ansiosa com a catrefada de chamadas que ainda teria de fazer naquela manhã, para avisar que havia uma mensalidade em falta ou na esperança de resolver uma situação mais delicada que requeria o parecer da família.

«Olá, Matilde», disse-me, com um tom mais acelerado do que o costume, «a tua mãe está viva, mas, hoje, durante a noite, levantou-se para ir à casa de banho e acabou por se magoar.»

O meu coração parou.

«Magoou-se a ela própria?»

A Sofia respondeu-me antes mesmo de eu terminar a questão.

«Sim, a tua mãe caiu e magoou-se. Não sabemos como aconteceu, não estava nenhuma funcionária por perto, mas, pelo que percebemos, ela ia à casa de banho, não ligou a luz, talvez para não despertar as outras pessoas que pudessem estar a dormir de porta aberta, e, no escuro, acabou por escorregar e cair da escada…»

A Sofia parecia estar cada vez mais longe, perdi a nitidez da sua voz e, segundos depois, a capacidade de interpretar as suas palavras. Na minha cabeça, imaginei a minha mãe a cair da escada, a atirar-se como se longe do chão pudesse ganhar asas, a deixar o corpo entregue ao destino, leve, livre, irresponsável.

«Ela agora está estável», continuou, «mas ainda não sabemos o estado das lesões, está a ser examinada, ficou no hospital esta noite».

«No hospital?»

«Sim, aqui não temos aquilo de que ela precisa agora, tivemos de chamar uma ambulância.»

As luzes, o aviso sonoro que alarma e causa o pânico, os homens que montam e desmontam macas como se fossem brinquedos de crianças, a agilidade que vem do hábito e o hábito que torna a morte e a doença presenças assíduas, mundanas.

Não consegui dizer nada. Do outro lado, a Sofia dava-me tempo para assimilar o que me tinha contado.

«Tenho de ir, mas, sempre que quiseres, liga-nos, e, se alguma coisa mudar, eu também te aviso.»

Agradeci, ainda muito baralhada, angustiada com o que tinha acabado de saber. Pronta para desligar a chamada, ouvi ainda a última coisa que, naquele dia, a Sofia me queria perguntar.

«A tua mãe está bem, Matilde, mas… tu não gostavas de a vir cá visitar?»

48

Já não há passado para contar. Daqui para a frente, tudo é presente ou futuro. Passaram dez dias desde a noite em que a minha mãe caiu ou se atirou da escada e, neste momento, já está de regresso ao lar, sem mazelas de maior nem cuidados especiais a adotar dali em diante. Nas palavras da Sofia e das restantes funcionárias, a quem liguei diversas vezes desde esse dia até hoje — ignorando o transtorno que causava, até o tom de ameaça de uma das que foram ao telefone e que me disse que iam deixar de atender as minhas chamadas —, a minha mãe está bem.

«Tu não gostavas de a vir cá visitar?», oiço a Sofia a perguntar-me, como se se tivesse mudado para o meu ouvido e se tratasse de um disco riscado no corpo de uma bondosa mulher.

Não lhe respondi, não sabia o que lhe dizer. Prometeu-me que nunca contaram à minha mãe que sei que está ali, que a sei viva, e que jamais diriam que eu lhes telefono para saber como ela está, perante o meu pedido expresso para que não o façam. Em casa, deambulo à procura de respostas: inevitavelmente, acabo por construir cenários.

*

Vejo-me a arrumar a casa, a limpá-la com afinco, a agarrar em todas as flores e a pô-las no lixo; a despedir-me das plantas e a entregá-las a vizinhos caridosos, com instruções muito claras de como devem ser cuidadas, de cada uma das suas idiossincrasias. Já de regresso a casa, consciente de que não voltarei sozinha, baixo todas as persianas, fecho as janelas e uno os cortinados ao centro: durante uns minutos, mais do que aqueles que eu talvez devesse ter perdido, fico suspensa no tempo e no espaço, especada a constatar que a luz se foi, que dali em diante será assim.

A escuridão é um lugar familiar, mas a claridade dos últimos anos também já era confortável. Saio de casa para apanhar o autocarro e aproveito a viagem para pensar no que vou dizer: não que me faltem as palavras, não que não tenha passado as últimas semanas a ensaiar aquele encontro.

Imagino-me a pedir ao motorista que pare na estação mais próxima e caminho com vagar, como se aquele pudesse ser só mais um dia na minha vida e, a seguir, a fosse retomar da mesma forma. Chego ao lar onde a minha mãe esteve todos estes anos — sem saber exatamente o porquê, alheia aos motivos que a fizeram ir lá parar e àqueles que a mantêm até hoje — e impressiono-me com a beleza, singela, é verdade, mas há qualquer coisa pura e bonita, que me transmite paz naquele edifício, ao qual, após uma curta caminhada, acabo por chegar. Olho-o e fixo-me nas suas janelas, quadrados perfeitos e repetidos ao longo de toda a fachada num jogo idiota que uso para descontrair: conto-as e, a seguir, tento adivinhar qual delas dará para o seu quarto. Mais calma, recordo-me de que fui eu quem decidiu ir ali, horas antes, e que o que vai acontecer a seguir é uma inevitabilidade, uma daquelas coisas que já estava escrita quando nasci.

Ainda no bulício destes pensamentos, prestes a nadar neles e a aproveitar a corrente até casa, uma voz doce e conhecida faz de âncora, prende-me ao chão que piso e devolve-me ao presente: a Sofia. Tal como desconfiava, aparenta ter pouco mais de quarenta anos, um sorriso simpático e aberto e muita energia: acena alegremente, parada à porta, a uns metros de mim, e faz-me sinal para que me aproxime e entre. Não sei como sabe que sou eu, se aquele é o entusiasmo comum de ver um visitante a chegar, ou se, por outro lado, também há qualquer coisa na imaginação dela que a felicita por me ter desenhado tal como eu sou, só através da minha voz, das parcas conversas que fomos tendo.

Caminho envergonhada, mas finjo alguma determinação. Já dentro do lar, sou apresentada a todas as funcionárias e há uma mística no ar, uma espécie de desejo coletivo de que tudo corra pelo melhor, a certeza partilhada de que aquele dia será um dos que ficarão na memória de todas. (São só mulheres, todas elas dizem ter nascido para ser cuidadoras.)

Dentro de mim, ecoam muitas perguntas e, apesar de sempre as ter querido ver respondidas, parece-me que agora também desejo adiá-las. Porque a minha mãe me abandonou? Como reagirá quando me vir? Querer-

me-á? Dir-me-á que me vá embora? Será que ela também pensa que eu estou morta, que alguém lhe disse isso? (Tudo me passa pela cabeça.)

A Sofia está perto de mim, poisa-me a mão nas costas e pergunta-me se estou pronta. Suspiro fundo e digo que sim, que é tempo de esclarecer tudo. Uma das outras funcionárias, com quem terei conversado ao telefone duas ou três vezes, muito baixinha, mais velha, pergunta-me quanto tempo passou desde a última vez em que nos vimos. Digo-lhe que terão sido mais de sete anos: sou uma mulher, mas, naquela tarde em que o meu pai me esperou no portão da fábrica para me dizer que tinha sido daquela vez, eu era só uma criança. Vejo-a emocionada e engulo as lágrimas, sei que a minha mãe não gosta de me ver chorar.

«A tua mãe está a pintar, no quarto, fica no terceiro andar.»

Acompanho a Sofia, sigo-a pelos corredores e, depois, pela escada, e, no caminho, cruzamo-nos com alguns utentes, ora mais novos, ora mais velhos. Ela cumprimenta-os a todos, fá-los rir ou, pelo menos, esforça-se para tal; eu vou a olhar para os meus pés, parece que me recuso a decorar o caminho e talvez seja verdade, tenho medo de que a memória mo obrigue a fazê-lo outra vez. Ganho consciência do meu alheamento quando, três lances de escada depois, constato que chegámos.

«O quarto dela é ali», diz-me, enquanto, de braço ligeiramente esticado, aponta para uma porta fechada.

Respiro fundo. Há qualquer coisa em mim que me diz que os minutos que se seguem vão esclarecer uma grande parte daqueles que vivi nos últimos anos, sem ela, agora também sem o meu pai, mas já a saber que ela estava aqui. Vejo-nos, ainda imóvel, a abraçarmo-nos, oiço-a ao longe a contar-me muitas coisas, pela distância não percebo com exatidão o que se passou, mas nada disso parecer importar.

«Vamos?», pergunta-me a Sofia, com um sorriso nervoso.

Aceno com a cabeça. Damos cinco ou seis passos e a Sofia bate à porta. Do outro lado, a voz que me cantou a infância e a adolescência.

«Pode entrar!», oiço-a dizer e os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Pelo tom, não consigo adivinhar como se sente: por mais que me esforce e que regrida até à minha infância, altura em que me pareceu ter aprendido a reconhecer o seu estado de espírito apenas pelas primeiras sílabas ditas logo de manhã, ali, naquela frase — curta e inexpressiva —, vejo-me

desamparada, sem saber como interagir com a minha mãe, depois de todos estes anos afastadas.

A Sofia abre a porta e entramos as duas de mãos dadas como se, juntas, fosse mais fácil: fui eu que me empoleirei nela, sozinha, teria perdido a coragem.

A minha mãe está sentada à janela, numa cadeira de madeira escura. À sua frente, tem uma tela de setenta por setenta centímetros, poisada num cavalete e, ao lado, numa mesinha de plástico maltratada, um conjunto de aguarelas e tintas de outros feitios, vários pincéis, uma espátula, uma lata de verniz e um copo de vidro grande cheio de água suja. Não se vira de imediato, está compenetrada no que está a fazer: sem que eu precise de o dizer, a Sofia reconhece que é a minha vez de falar. Fica, por isso, em silêncio, à entrada, enquanto eu avanço, também calada, até conseguir perceber o que a minha mãe está a pintar.

Na tela, vejo-me criança, com umas jardineiras que usei mesmo quando já estavam gastas e com pouca cor, mesmo quando já me apertavam e custavam a passar os pés: eram as preferidas da minha mãe e custava-lhe que eu as trocasse por outras. Olho com mais atenção. Apesar da roupa, as feições, o corpo, tudo é de uma mulher: percebo que a minha mãe esticou, através da sua arte, aquela indumentária com que tanto gostava de me ver, para que, aos dias de hoje, me coubesse. A pessoa que está a desenhar não é exatamente igual a mim — talvez tenha engordado mais do que ela imaginava e, sem que eu possa explicar como, o meu nariz tenha afilado —, mas eu consigo encontrar-me naqueles traços. Todos estes anos, sem que me visse ou pudesse saber como cresci, a minha mãe continua a saber-me de cor.

Ganho coragem. Recordo a sua capacidade de concentração, o mundo para onde a pintura a levava e o alívio que, para mim, isso representava. Um bocadinho de paz e de solidão, mas, naquele dia, estava ali para lhe pôr fim, para nos dar um novo início.

«Mãe?», sussurro, com medo de a assustar.

O corpo dela vira-se num só gesto, automático, quase sobrenatural.

Vê-la novamente não cabe em palavras: passaram mais de sete anos, mas, por ela, passaram muitos mais. À primeira vista, parece-me envelhecida, uma sombra da jovialidade com que se tinha eternizado em mim. Levanta-se e abraça-me com força, beija-me a cara, não me deixa respirar. Não sei o

que sinto, não consigo sentir muitas coisas: ainda não a olhei com atenção, estou certa de que é ela e de que não me devo referir a ela assim porque é a minha mãe, mas o meu corpo não sabe como reagir, sinto-me sufocada, em choque, enfeitiçada pela água de colónia cujo cheiro não mudou e pelas mãos, mais enrugadas e sujas das tintas, a verificarem o meu corpo, a certificarem-se de que sou mesmo eu.

«És tu, a minha filha, não és?», pergunta-me, muito alto, sem precisar que eu lhe responda. Faço que sim com a cabeça, não me sinto capaz de falar.

Volta a abraçar-me e a beijar-me, puxa-me para a beira da sua cama e repete este processo várias vezes. A Sofia continua parada à entrada do quarto, encostada a um aquecedor de parede desligado, visivelmente emocionada. Lá fora, o sol brilha e ainda faltam algumas horas para o anoitecer.

Passados quinze ou vinte minutos, entre beijos e abraços, ganho coragem e pergunto-lhe, de olhos postos no chão, porque me abandonou. Não consigo continuar ali sem o saber, preciso que desfaça este mistério em que me vi envolta, ignorante.

«Achei que tinhas morrido»: com tantas perguntas, queixas, mágoas e novidades para partilhar, esta é a primeira frase que consigo sussurrar.

Diz-me que a ideia foi do meu pai, que ele a tinha convencido de que eu não queria estar mais com ela, de que eu a odiava, que tinha ameaçado matar-me se ela não desaparecesse para sempre. Tudo me parece macabro, vejo o meu pai, as nossas conversas, a forma carinhosa como me tratava e amava, a presença constante, ainda que discreta, e sinto no coração que aquilo não pode ser verdade. Peço-lhe que ma diga.

«Estou a dizer a verdade, Matilde. O teu pai obrigou-me a estar aqui. Fiz isto por ti, porque ele me disse que era o melhor para ti, que tu precisavas de viver, que tu tinhas de ter a tua vida… É verdade? Não amas a tua mãe?»

«Amo. Sofri muito estes anos todos.»

Abraça-me com força e diz-me que não faz mal, embala-me no seu colo como se eu fosse pequena e repete a ladainha, «não faz mal, não faz mal».

Digo «obrigada» baixinho, sinto-me aliviada.

«Erraste, mas estás arrependida, vieste dizer-mo, passaram alguns anos, mas não faz mal, eu perdoo-te, vai correr tudo bem.»

Segundos depois, vendo-me recomposta, e, na perspetiva dela, esclarecida, mostra-se muito feliz, bate palmas e gesticula como se estivéssemos no teatro de revista, quer saber o que fiz nestes últimos anos e contar-me as suas aventuras durante a minha ausência (refere-o assim, «a minha ausência»: somos duas metades que se culpam por não terem sido uma coisa inteira).

«Sofia!», grita, eufórica, «chama as outras, quero que todas conheçam a minha filha!»

A Sofia apressa-se a descer a escada, ouvimo-la também a gritar, a avisar que eu cheguei, que a senhora Clara tem uma visita muito especial, que há uma jovem simpática no terceiro piso que se quer apresentar a toda a gente.

Sozinhas, pela primeira vez depois de todos aqueles anos, olha-me com atenção até o meu rosto ruborizar e, de mãos dadas às minhas, partilha como está feliz com a minha chegada.

«Agora vamos voltar a ser as duas.»

Faço que sim com a cabeça: deixei tudo pronto, vou gostar de lhe mostrar a casa, imagino que tenha muitas saudades, foi ali que viveu uma bonita história de amor com o meu pai, foi ali que fomos uma família.

«Pois, já sabes que o pai morreu», digo-lhe.

«Sim», responde-me, sem grande emoção, «mas nós as duas estamos vivas e bem vivas! Vamos ser muito felizes juntas!»

Volto a assentir, ainda me custa falar, nada daquilo parece real. O quarto é invadido por funcionárias e meia dúzia de pessoas que, por não estarem de uniforme, deduzo serem utentes, e, apesar de ninguém ser especialmente efusivo para com a minha mãe — felicitam-na com alguma distância, penso que deve ser uma regra do lar —, todos fazem questão de me abraçar e de me desejar as maiores bonanças. Agradeço e retribuo os votos.

O resto da tarde é passado sentada à beira daquela cama, enquanto, atrás de mim, a minha mãe me mexe no cabelo, faz e desfaz uma trança até ter a certeza de que está perfeita, comenta que aquele interregno a deixou enferrujada, mas que é uma questão de tempo, conta-me o que viveu e tudo aquilo em que pensou, todas as coisas que ainda quer fazer.

Apesar da felicidade que sinto — a minha mãe está viva, não é um sonho, ela está aqui —, tudo aquilo me parece inacreditável e eu preciso de tempo para o assimilar. Através da janela, vejo o dia a dar lugar à noite e sei que, em breve, terei de me ir embora, sob pena de não ter como regressar a

casa. Penso que posso voltar àquele lar — à casa da minha mãe — no dia seguinte ou dali a dois ou três e que, aí, chegando de manhãzinha, a poderei acompanhar à paragem, fazer com ela a viagem, levá-la a rever a nossa casa e trazê-la de volta num dos últimos autocarros, a tempo de eu ainda fazer a viagem de regresso. Explico-lhe isto, ao mesmo tempo que me imagino a sair dali e a ir visitar as plantas que entreguei aos vizinhos; talvez até me possa oferecer para as regar no dia seguinte, tenho tempo, creio que me saberia bem revê-las. Afinal, percebo, então, não há pressa, isto é uma grande mudança, eu vou arranjar um trabalho e, depois, pagar um quartinho ou, quem sabe, um pequeno estúdio. Imagino-me a decorá-lo ao meu gosto, a ir ao supermercado e a escolher as coisinhas de que gosto, a convidar a minha mãe para ir lá jantar e até já sei o que vou cozinhar para a impressionar. É isso, penso, não será de repente, a minha mãe não pode sair daqui hoje, o mais certo é que nem queira, que também precise do seu tempo e espaço para assimilar que estes anos foram fruto de uma valente confusão, um mal-entendido que nos custou muita dor às duas. Precisamos de sarar as feridas, não podemos sonhar com um futuro juntas sem termos o passado encerrado.

«O quê?»

Não me ouviu bem. Os anos passaram por ela e a audição terá saído afetada. Repito, por isso, o meu plano.

«Eu vou agora embora, mas volto daqui a dois ou três dias, mãe», digo, um pouco mais alto e devagar, «para me organizar, para ver como vamos fazer, tenho quase trinta anos, desde que o pai morreu que moro sozinha, que tenho um trabalho, agora, agora, não, mas vou encontrar um em breve, e gostava de ter o meu espacinho…»

Olho-a, mas não a percebo.

«A minha ideia era, daqui a uns tempos, levar-te para a tua casa. Eu acho que o pai nos deixou poupanças, eu tomo conta de mim e ajudo-te no que puder, tenho idade para trabalhar e quero muito fazê-lo, por isso, tu podes voltar para a tua casa, para as tuas pinturas, e, quem sabe, até te interesses pela loja, agora que podes fazer as coisas como achares melhor, e eu vou visitar-te muitas vezes, vamos ter os nossos rituais, podemos jantar todas as terças e quintas, ir ao mercado ao sábado de manhã…»

Nos olhos, nascem-lhe lágrimas, mas não há nenhuma outra mudança na sua expressão facial. Passados alguns segundos, uma gargalhada.

Inesperada, que se agiganta e ganha fulgor à medida que o tempo voa, pérfida. Congelo, porque não sei o que dizer, não encontro, naquilo que acabei de partilhar, motivos para que ela se ria daquela forma; por outro lado, há qualquer coisa em mim que renasce com esperança, que espera palavras de incentivo, um empurrão carinhoso de uma mãe que tanta falta me fez nos últimos anos.

«Achas boa ideia?», pergunto-lhe, quase sem medo.

Agarra-me no braço com força e devolve-me uma outra pergunta: «Achas que sou estúpida?» Estamos as duas sozinhas no quarto e aquela mudança drástica não tem raízes e nada me indica que dará frutos, que não terá sido só um ato isolado. Paraliso, esperando que me largue, que me deixe ir embora.

«Tu é que és estúpida!», dispara, enquanto continua a sorrir. «Não vais a lado nenhum sem mim.»

Não sei o que dizer, não digo nada.

«Eu vou sair daqui contigo hoje e vamos voltar para a nossa casa, de onde eu nunca devia ter saído, a culpa foi do teu pai, eu não o devia ter amado tanto, eu não devia ter acreditado nele, ele queria-te só para ele, por isso é que me obrigou a ficar aqui!»

Na minha cabeça, revejo os meus últimos anos e não encontro esse egoísmo ou malvadez no meu pai. Não vejo que me tenha querido só para si, que me tenha, de alguma maneira, tentado possuir, abraçado até que eu sufocasse, prendido com o desejo de que eu não tivesse como sair. Peço-lhe que tenha calma, digo-lhe que tudo se vai resolver.

«Pois vai! Vais tirar-me daqui e vamos para casa. Vamos ser sempre as duas! Não vais para outra casa nem eu te vou visitar a lado nenhum: já estivemos muito tempo afastadas, agora, não nos vamos largar mais!»

Lá fora já é de noite: estremeço a pensar que não conseguirei apanhar o autocarro e que terei de fazer todo o caminho a pé.

«Tenho de ir, mãe, amanhã, falamos», digo-lhe, à medida que me levanto e agarro na mochila que trouxe comigo. Sinto medo, vejo-me apressada, com receio do que possa fazer.

Ela também se levanta. Agarra num copo de vidro com água suja, onde alguns pincéis repousavam, e despeja-a para o chão. No segundo seguinte, sem que eu o pudesse prever ou a conseguisse impedir, manda o copo para o chão com força, vemo-lo a partir-se e ela baixa-se para apanhar um dos

cacos maiores. Boquiaberta, sem saber o que fazer ou como a travar, observo-a a cortar-se no braço direito, com a força e a precisão de um vitralista.

«Mãe!», grito, muito assustada.

Vejo-lhe na cara a vitória e a loucura: são faces da mesma moeda, alavancam-se e justificam-se mutuamente. Na minha cabeça, o passado que só pode ser futuro. O sangue jorra-lhe do braço e a boca dela, que morde como se fosse um cão esfomeado, também ensanguentada, repelem-me com a mesma força com que gritam por ajuda. Aproximo-me dela e abraço-a, peço-lhe perdão, digo-lhe que vamos para casa, ajudo-a a limpar aquela confusão toda.

«Deixa-me ver a tua boca», peço-lhe, desnorteada, a tentar perceber como não pára de sangrar.

Vejo-a a abrir a boca, mais calma, como se fosse uma criança que mostra ao pai um dente de leite a abanar.

Passam uns minutos: tudo serenou. (Menos eu, mas isso não interessa.)

«Vou arrumar as minhas coisas», diz-me, impassível, «pedes às funcionárias que te ajudem a carregar os meus materiais de pintura lá para baixo?»

Aceno, certa de que não há outra coisa que possa fazer.

As despedidas são breves, as palavras ficam por dizer. A Sofia aproxima-se de mim e deseja-me muitas felicidades, diz estar muito comovida por ter contribuído para aquele reencontro entre mãe e filha: nunca esquecerá a nossa história — que, nas suas palavras, teve um fim feliz —, nem a pequeníssima ajuda que sente ter dado para este desfecho. Chamam-nos um táxi, o edifício desaparece passados uns metros de uma condução trapalhona por uma estrada mal alcatroada, e eu fecho os olhos na esperança de que, ao abri-los, a vida seja outra.

Já a chegar a casa, a minha mãe aperta-me a mão. Olho para o seu braço — aquele que cortou minutos antes e que, agora, protege dos olhares alheios com uma gaze esterilizada, enrolada até formar uma espécie de gesso resistente ao toque nas coisas e às arrumações que se seguem —, mas ainda nada me parece real.

«São quinze euros», oiço o taxista dizer.

Pago e ajudo a minha mãe a tirar as coisas do porta-bagagens. Ela está muito feliz, abre o portão com a minha chave e sobe aqueles degraus,

familiares, que guardam tantas histórias, como se tivesse vinte anos: está mais nova, parece que rejuvenesceu durante o caminho. Ao entrar em casa, já parada em frente ao espelho onde em tempos punha batom e cheirava a boina do meu pai, admira-se longamente. Está triunfante, de regresso ao sítio do qual nunca devia ter saído.

«É tão bom estar de volta», exclama, entusiasmada.

«Também estou muito feliz», digo-lhe, apesar de estar confusa e de não saber muito bem como me sinto.

A minha mãe diz-me que agora vamos ser para sempre as duas. Que não vou voltar a ter um trabalho, que é uma parvoíce eu ter de sair de casa. Penso em falar-lhe de alguns colegas que quase se tornaram amigos, ou dos vizinhos que me ajudaram quando o meu pai morreu e que, amavelmente, se disponibilizaram para tomar conta das minhas plantas: quem sabe ela não os queira conhecer, quem sabe eu não pudesse ir ter com eles e, depois, aproveitasse o passeio para lhe trazer tintas ou outras coisas de que precisasse. Ri-se: diz-me que não quer saber de ninguém e que eu também não devo querer saber.

«De agora em diante, eu cuido de ti e tu cuidas de mim, meu amor. Sem ti, eu morro.»

(Eu sei. Sempre mo disseste.)

49

«Lar Rainha Dona Filipa, boa tarde.»

«Sou eu, Sofia», digo, «a minha mãe já está mesmo bem?»

Oiço-a suspirar. Não é aborrecimento nem paixão: é aquilo que o nosso corpo, de forma involuntária, acaba por fazer quando nos descobre resignados.

«Não a vens visitar, pois não?», pergunta-me, sabendo que já tomei uma decisão.

«Não.»

FIM

Nota de autora

Estima-se que mais de duzentos mil portugueses sofram de perturbação de personalidade *borderline*. Este número é avançado pelo psiquiatra e autor João Carlos Melo, no livro *Reféns das próprias emoções*, que li e reli no último ano, e sem o qual não poderia ter escrito esta história.

Além de todas as pessoas que, felizmente, recebem um diagnóstico de uma doença ou perturbação mental, encontrando nele, tantas vezes, respostas e esperança, existem muitas outras para quem ele nunca chega. Pessoas que vivem em sofrimento, numa constante culpabilização por se sentirem tristes, desamparadas, histéricas quando não estão numa festa e deprimidas num dia que deveria ser feliz, comandadas por vozes que só elas ouvem. Apesar dos avanços na medicina e na comunicação da saúde e doença mental, o acesso a bons cuidados nesta área continua a ser um privilégio das elites, para aqueles que podem pagar e que podem esperar.

Comecei a escrever esta história depois de ler uma entrevista de uma pessoa diagnosticada com perturbação de personalidade *borderline*: dizia que, numa das vezes em que saiu de casa para se suicidar, sentiu uma alegria que lhe parecia semelhante àquela que as pessoas sentem quando vão casar ou receber um presente.

A Clara é uma personagem, mas representa um lugar solitário e profundamente incompreendido, ainda que rodeado de amor, de quem sofre com uma perturbação de personalidade e vive em pânico com a ideia de poder ser abandonada. Ao longo da sua vida, e por mais que se tenha tentado encaixar na sociedade, acaba à margem, apelidada de louca, cada vez mais doente, tal como a sua família. É esta a realidade de muitas outras, na vida e não na literatura, que não sabem o que fazer, que cuidam o melhor que conseguem, que esperam que existam tempos melhores.

Sei que nos dizemos saturados de ouvir que precisamos de mais empatia, e também recordo as histórias dos meus avós e pais, «em todas as aldeias e

vilas de Portugal, há um maluquinho», mas, se puder deixar um desejo, permitam-me que peça o fim das filhas das loucas.

Contactos de apoio

Ficam aqui alguns contactos de apoio emocional e prevenção do suicídio que vos podem ser úteis. Não percam a esperança.

SOS Voz Amiga (das 16 às 24 horas)
213 544 545 | 912 802 669 | 963 524 660

Conversa Amiga (das 15 às 22 horas)
808 237 327 | 210 027 159

SOS Estudante (das 20 horas à 01 hora)
239 484 020

Telefone da Esperança (das 16 às 22 horas)
222 030 707

Telefone da Amizade (das 16 às 23 horas)
222 030 707

Voz de Apoio (das 21 às 24 horas)
225 506 070

SOS Adolescente
800 202 484

SOS Prevenção e Apoio ao Suicídio
800 200 204

SNS 24

808 24 24 24

Agradecimentos

Quase todos os dias, por uma razão ou outra, olho para ele e espanto-me: não sei se isto é amor ou uma coisa da qual ainda não se fala muito, mas, seja o que for, é magnífico e ele é ainda mais do que isso. Tenho de agradecer ao Miguel, muito, sempre, o meu marido, melhor amigo, primeiro editor e revisor e a pessoa com quem debati mais vezes este livro, as suas personagens e respetivas vidas. Além de todo o apoio — as palavras de encorajamento, o entusiasmo depois de eu partilhar qualquer coisa que tivesse escrito, a força para mais uma hora de trabalho em forma de chávena de chá de camomila e chocolates —, ofereceu-me silêncio e paz, deixando o nosso T1, durante o horário de trabalho, apenas para mim. Sem ele, eu escreveria, porque é aquilo que mais gosto de fazer, sempre foi, mas não sei se lutaria com a mesma garra para ser escritora: obrigada, meu amor, por acreditares em mim e me desafiares a trabalhar e a sonhar mais.

A minha irmã Carolina também foi imprescindível na construção deste livro: obrigada por me ajudares na pesquisa, por responderes às minhas dúvidas e por partilhares comigo algumas das coisas que foste aprendendo ao longo da licenciatura e do mestrado em Psicologia e, agora, no exercício da profissão. Tenho muito orgulho em ti e tenho a certeza de que serás muito boa no que quer que faças.

O meu agradecimento estende-se à minha mãe, que é tudo para mim e para quem olho desejando ser um terço para a Amália; aos meus avós, e, em especial, ao meu avô Carlos, pela inspiração para a personagem do António; aos meus tios, primos, sogros e cunhadas, que me dão alegrias, histórias e me fazem sair de casa para viver, uma experiência que, por vezes, sobrevalorizo, fechada na sala de minha casa.

Obrigada, queridos amigos, por perguntarem pelo que estou a escrever e por me enviarem fotografias de cada vez que encontram um livro meu destacado numa livraria; por todas as vezes em que me enviaram o

testemunho de uma amiga ou colega que gostou de ler qualquer coisa que escrevi, como quem diz «continua, há quem te queira ler» e, claro, por todas as coisas não relacionadas com o meu trabalho, porque a vida não é só sobre isto. Como manda a tradição, brindaremos juntos a este livro!

Perto do fim, e antes de me dirigir a vós, leitores, deixo aqui um agradecimento ao João Maria, na esperança de que, um dia, os seus pais lhe mostrem isto: ver-te a crescer e brincar contigo foram algumas das minhas coisas preferidas deste ano. Não ajudaste na escrita deste livro — não to podia pedir, ainda não tens dois anos —, mas foste essencial para que as pausas fossem felizes. A ti e aos teus queridos pais: obrigada, Rita e João, por celebrarem a vida comigo.

Agora, chegou a vossa vez: o que vos dizer, depois da forma como receberam *A Cicatriz*? Nunca vou esquecer a alegria dos que já tinham lido *A Profeta* e que, em dois mil e vinte e quatro, chegava ele à terceira edição, me escreviam: «Estás a conseguir!» Eu não sabia bem o quê, ainda agora não sei, mas a verdade é que me comoveram muito: obrigada. E obrigada a todos aqueles que conheceram o meu trabalho no último ano e que voltaram, estando agora a terminar estas páginas. Obrigada por dedicarem o vosso tempo a uma atividade que não brilha nem faz barulho, por aparecerem nas feiras do livro, nos festivais literários, nas conversas, e por incentivarem os vossos familiares e amigos a lerem: estou a viver um dos meus maiores sonhos. Devo-vos este agradecimento. (E livros, todos os que aí vierem.)

*

Parecia que tinha terminado, mas, não. Diana, Marta, Clara, Rebeca, Matilde, Rita, Catarina e Carolina: obrigada, querida equipa da Penguin Random House. Inês, João, Joana, Carolina e Ana: obrigada, querida equipa da Hit Management e Mais Que Uma. Companheiras do Clube das Mulheres Escritoras: obrigada e vamos escrever mais, sempre mais.

*

Se me quiserem escrever:
E-mail: mariafranciscagama@hotmail.com

Instagram: @mariafranciscagama
Tik Tok: @mariafranciscagama
Facebook: Maria Francisca Gama

SOBRE ESTE LIVRO



«Era nesta máxima que eu me concentrava para
a amar: a minha mãe não é manipuladora, nem sádica,
nem perversa. Se ela pudesse, não seria assim.»

Esta é a história de uma família: de um pai e marido que não sabia ser melhor, de uma filha que se esforçava por cumprir todos os papéis e de uma mãe e mulher que, aos olhos de todos, era louca.

Matilde viveu com os pais, Clara e António, até aos 18 anos, altura em que a mãe morreu. Sete anos depois, vê-se órfã, agora, também sem pai. E é então, dois dias depois da mudança abrupta — a solidão, a perda de referências, o silêncio e o vazio da casa —, que Matilde descobre algo que muda, irremediavelmente, a sua vida.

Uma narrativa comovente sobre como a infância e a adolescência se entranham em nós, sobre o peso do passado e da família, e como a morte de quem nos antecede cria um misto de vazio e liberdade. Filha da louca é,

acima de tudo, um romance sobre como julgamos os outros e os diminuímos a rótulos, sem sabermos quem são ou do que precisam.

Maria Francisca Gama, autora d'*A Cicatriz*, tece novamente uma história poderosa e melancólica, que nos arrebata da primeira à última página.

SOBRE A AUTORA

Maria Francisca Gama nasceu em Leiria, em 1997. Formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e, mais tarde, estudou Rádio, Televisão e Escrita para os meios audiovisuais.

É autora d'*A Profeta*, publicado em 2022, e d'*A Cicatriz*, publicado em 2024, ambos pela Suma de Letras, chancela da Penguin Random House.

Integra a lista da Forbes 30 under 30 de 2024, na categoria Artes.